



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DE O GLOBO DE DUAS CRISES  
NUCLEARES: DOS MÍSSEIS DE CUBA (1962) À PENÍNSULA  
COREANA (2013)**

**RÔMULO DE CARVALHO BRITO**

RIO DE JANEIRO

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**A COBERTURA JORNALÍSTICA DE O GLOBO DE DUAS CRISES  
NUCLEARES: DOS MÍSSEIS DE CUBA (1962) À PENÍNSULA  
COREANA (2013)**

Monografia submetida à Banca de Graduação como  
requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/ Jornalismo.

**RÔMULO DE CARVALHO BRITO**

**Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga**

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **A cobertura jornalística de o globo de duas crises nucleares: dos Mísseis de Cuba (1962) à Península Coreana (2013)**, elaborada por Rômulo de Carvalho Brito.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 03/10/2014

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. William Dias Braga  
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Patricia Cecilia Burrowes  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando Antônio Mansur Barbosa  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

## FICHA CATALOGRÁFICA

BRITO, Rômulo de Carvalho.

A cobertura jornalística de o globo de duas crises nucleares: dos Mísseis de Cuba (1962) à Península Coreana (2013).

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: William Dias Braga

BRITO, Rômulo de Carvalho. **A cobertura jornalística de o globo de duas crises nucleares: dos Mísseis de Cuba (1962) à Península Coreana (2013)**. Orientador: William Dias Braga. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

## **RESUMO**

Através deste trabalho de pesquisa analisa-se a cobertura do jornal diário “O Globo” durante dois períodos de grave crise nuclear: a dos Mísseis de 1962 e a da Península Coreana de 2013. Essa análise é feita a partir das edições de O Globo em cada época e durante a cobertura jornalística dos eventos mais críticos, com o suporte de obras acadêmicas que se propõem a pesquisar sobre os dois momentos históricos, seus antecedentes, acontecimentos e desdobramentos. Com essa pesquisa busca-se demonstrar os erros e os acertos do jornal quanto a sua cobertura e análise dos conflitos durante o desenrolar de cada crise. Também serão levados em consideração a situação interna no Brasil em ambos os momentos e as motivações políticas envolvidas nas duas crises.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me dado a força, paciência e motivação necessárias para a elaboração e conclusão desse trabalho que tive tanto prazer em conceber e construir.

Agradeço aos meus pais, Josiane e Vânero, que sempre me ajudaram de todas as formas nas decisões que tomei em minha vida. Sem eles eu não teria a metade da vontade e conhecimento que hoje possuo. Os conselhos nas horas certas, as broncas, as brincadeira, tudo ajudou a me dar forças para buscar ser um ser humano cada dia melhor.

Devo lembrar-me da minha família na figura de meus avós, tios, primos e meus amigos mais próximos, que para mim também fazem parte da família. É difícil pensar em bons momentos nos quais eles não estejam presentes. Seja sorrindo ou chorando, eu sei que a meus familiares sempre estarão lá, e tenho certeza de que eles sabem que podem contar comigo.

Jamais me esqueceria de agradecer a minha fantástica namorada Glenda com quem eu divido meu presente e a cada dia entrelaço o meu futuro. Ela que em todo esse tempo juntos me mostrou carinho, apoio e dedicação. Não me vejo sem ela, assim como seria impossível concluir esse trabalho sem a ajuda de uma pessoa tão fantástica.

Por último, mas não menos importante, o meu orientador William. Grande figura humana e amigo, que me ajudou em momentos de desespero e de ignorância. Graças ao seu conhecimento e paciência eu consegui colocar as ideias no lugar e achar um rumo, fundamentais para concluir esse trabalho. Valeu mestre!

## ÍNDICE

1.	Introdução.....	1
2.	Crise dos Mísseis de 1962.....	7
2.1	Antecedentes e análise da crise.....	7
2.2	O Globo em 1962.....	13
2.3	Edições de 1962.....	15
2.4	Análise geral da cobertura da Crise dos Mísseis de 1962.....	35
3.	Crise da Coreia de 2013.....	41
3.1	Antecedentes Históricos.....	41
3.2	Estratégias.....	43
3.2.1.	Estratégia “ferocidade, fraqueza e loucura”.....	43
3.2.2.	Mantendo a estratégia.....	46
3.2.3	A estratégia interna.....	53
3.3	A crise recente.....	47
3.3.1.	Conclusão da crise e motivações de agentes envolvidos.....	50
3.4	Características e diferenças entre os jornais de 1962 e 2013.....	52
3.5	Edições escolhidas para análise.....	53
3.6	Edições de 2013.....	54
3.7	Análise geral da cobertura da Crise da Coreia de 2013.....	96
4.	Comparações entre os períodos históricos.....	93
5.	Comparação entre as coberturas do Jornal.....	98
6.	Conclusão.....	103
7.	Referencias Bibliográficas.....	109
8.	Referências Hemerográficas.....	109

## 1 INTRODUÇÃO

Conflitos e guerras existem desde quando a humanidade desceu das árvores e começou a caminhar com as próprias pernas. E as razões para os conflitos eram as mais plurais possíveis, mas quase sempre envolvendo o poder. A busca pela força e poder é geralmente o elemento central de qualquer disputa, seja violenta ou pacífica entre pessoas ou países. Mas uma disputa apenas acontece quando há igualdade de forças, poderes proporcionais, quando há disparidade de capacidade entre as partes em desalinho o que presenciamos é um massacre ou acordos desvantajosos para a parte mais fraca.

Desde que começamos a nos organizar em comunidade buscamos a defesa daquilo que já é nosso através de forças armadas, por vezes, quando nosso poder é muito grande buscamos a conquista de vizinhos e rivais. A história da humanidade acompanha essa lógica até o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com o desenvolvimento de armas capazes de aniquilar cidades inteiras com um só golpe, um poder destrutivo nunca antes visto e que se alteraria para sempre a forma com a qual os países se relacionam, forçando-os a criar mecanismos de resolução de problemas que não passassem pelo conflito armado.

Em verdade manter território sempre foi a maior preocupação de um Estado, depois é que se pensa em vidas perdidas. Frases como “lutar até o último homem” e “prefiro morrer a me render” são exemplos desse pensamento que transborda os limites do Estado e invadem a consciência de seus habitantes. O próprio nacionalismo, o amor a pátria, defender o seu país acima de si mesmo, tudo isso passa por guardar o território e o estilo de vida que se leva lá. Mas sem a posse daquelas terras a identidade cultural daquele fica fragilizada.

Como exemplos claros dessa primazia temos o Reino Unido no período imperial e a França no pós Primeira Guerra (1914-1918). A principal força britânica nos séculos XVIII, XIX e XX era a Marinha, por ser um conjunto de ilhas os militares fortaleceram seus navios, dessa forma, mesmo que testassem, e tentaram por diversas vezes, principalmente os franceses, para invadir as terras da rainha teriam que passar pela maior e melhor frota naval do mundo. Nunca conseguiram, até hoje as ilhas britânicas nunca foram invadidas desde abandono das ilhas pelo império romano por volta do ano 410. Esforço máximo para proteger o seu território.



Já a França teve o mesmo intuito, nos anos 1930, ao construir a linha *Maginot*. Como o seu território foi violado pelos alemães durante a Primeira Guerra os franceses acharam que a construção de uma linha de complexos fortificados que iria desde a fronteira com a Itália até o Norte da fronteira com a Alemanha impediria uma nova tentativa de invasão alemã. Novamente com o intuito de proteger o seu território.

Aqui no Cone Sul não é diferente, a Guerra do Paraguai (1864-1870) teve várias motivações, uma delas era o anseio dos paraguaios de ter uma saída para o mar, principalmente para o Atlântico, onde estavam as principais rotas marítimas. A Guerra do Pacífico (1879-1883) teve a disputa pela região do deserto do Atacama como um dos principais motivos e acabou com a Bolívia sem ter um acesso ao mar, pleiteado pelo país até os dias de hoje.

A ideia principal por trás de todas as guerras é que os conflituosos tenham capacidades parecidas e que os confrontos não tragam resultados destrutivos profundos. Que o lado vencedor tenha bastante vantagem e que o perdedor não seja dizimado a ponto de não conseguir se reconstruir. E geralmente era isso que acontecia. Os períodos de crise e tensão eram seguidos de uma corrida armamentista que culminava em um confronto.

No final da Segunda Guerra, com o lançamento das bombas de Hiroshima e Nagasaki e com o desenvolvimento atômico das nações vencedoras a lógica da guerra mudaria drasticamente desde que ela foi criada junto com a humanidade. Dessa vez conflitos que envolvessem as grandes nações militares que detinham armamentos nucleares, poderiam levar ao fim mútuo das nações e trazer sequelas permanentes para o mundo todo. A lógica “vencedor/derrotado” seria subvertida por um cenário no qual todos no mundo poderiam sair perdendo através de uma escalada destrutiva impossível de ser dimensionada ou prevista.

Para dar um pouco da ideia de como as bombas nucleares são poderosas é preciso falar, mesmo que superficialmente, a capacidade destrutiva delas. Dos tipos existentes de armamento nuclear, os mais comuns e destrutivos são: a bomba de fissão e a de fusão.

Antes disso é importante explicar que a capacidade destrutiva de uma bomba, ou de outras formas de liberação de energia, é quantificada através de uma medida chamada “toneladas de TNT”, cada unidade dessa medida contém uma giga caloria. Para efeito comparativo o ser humano precisa de 2.000 quilocalorias por dia para manter uma vida saudável, ou seja, 0,002 toneladas de TNT diários. Para bombas nucleares os

números mudam um pouco. Para as bombas de fissão as escalas viram kilotons, e megatons para bombas de fusão. Cada kiloton tem 1.000 toneladas de TNT e o megaton tem 1.000.000 de toneladas de TNT. (TRAGHETTA, 2013: 15)

Para dar exemplos práticos as bombas utilizadas em Hiroshima e Nagasaki tiveram respectivamente, 13 e 21 kilotons de força. Se somarmos o poder de destruição de todas as bombas e mísseis utilizados na Segunda Guerra, incluindo as duas armas nucleares, chegaremos a números que se aproximam de três megatons, isso incluindo toda a destruição das nações europeias e no Japão. Contudo, em 1961, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) realizou um teste de uma bomba de fusão. Enquanto as bombas de fissão são graduadas em kilotons a bomba soviética, chamada de *Tsar Bomba* teve uma força aproximada de 57 megatons, quase 20 vezes mais do que toda a energia destrutiva liberada no maior confronto entre nações do planeta. (TRAGHETTA, 2013: 18)

Falando grosseiramente as bombas de fissão liberam energia a partir da quebra de moléculas de Urânio. Essa possui imensa força e é acompanhada de forte radiação, que pode acabar inviabilizando o uso da área atingida para novas moradias ou para alguma atividade econômica. Quando a bomba de fissão é feita a partir da quebra do plutônio chama-se de bomba suja já que possui uma capacidade reduzida de destruição, mas um maior potencial radioativo. Ainda temos as chamadas *TacticalNuke* criadas para ter uma capacidade entre 0,5 e 5 kilotons para situações corriqueiras substituindo bombas comuns, mas devido ao seu potencial radioativo nunca foram usadas em combate. (TRAGHETTA, 2013: 20)

Já os tipos da *Tsar Bomba* são chamados de bombas de Hidrogênio ou termonucleares, que liberam uma gigantesca quantidade de energia a partir da fusão de Hidrogênio que se transformam em Hélio e outros elementos mais pesados. O termo termonuclear vem do fato delas precisarem de uma grande quantidade de calor para dar início à reação, quantidade essa que apenas uma bomba de fissão pode produzir, ou seja, o “pavio” de uma bomba de hidrogênio é uma bomba de fissão. Desnecessário dizer que essa é a arma mais destrutiva e poderosa já criada pelo homem. O princípio dessa bomba é o mesmo da liberação de energia do nosso Sol. (TRAGHETTA, 2013: 21)

Mesmo um leigo pode perceber que tal armamento, se usado em grande escala, pode devastar toda a humanidade facilmente. Por isso, durante a segunda metade da década de 1940 até os dias de hoje os países detentores armamento nuclear tentam criar mecanismos de dissolução de conflito e confiam que quanto maior a interação comercial

e econômica entre os mais diversos países menor vai ser a possibilidade de ocorrência de um conflito armado. Falamos de mecanismos como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial do Comércio (OMC) na época GATT-47 e os mais diversos blocos regionais espalhados pelo mundo (exemplo: União Europeia e MERCOSUL). Mesmo tendo existido vários confrontos armados desde a criação da ONU em 1947, nenhum deles teve o uso de bombas nucleares, seja pelos países do Conselho de Segurança, seja por qualquer outra nação.

O arsenal nuclear de EUA e URSS durante a Guerra Fria (1947-1991) foi o maior responsável da não agressão aberta entre os países, que tinham forças capazes de dizimar o planeta muitas vezes. No lugar do seu grande poder destrutivo, as bombas nucleares tiveram um papel político na disputa ideológica que durou quase metade do século XX.

E foi essa lógica de destruição mútua que motivou outros países em situações parecidas a optar pela tecnologia de destruição em massa: Índia, Paquistão, Israel, África do Sul (que apesar de ter desenvolvido arsenal atômico já o destruiu por completo) e Coreia do Norte. Hoje esse tipo de armamento tem um papel político chave na manutenção da paz em algumas regiões perigosas no mundo, mas a sua produção em grande escala fora do controle do Conselho de Segurança é um dos temas de maior preocupação internacional.

Contudo, uma bomba nuclear, apesar de destrutiva, só faz explodir e nada mais. Para que tal armamento venha a cumprir o seu papel é necessário que algo faça com que ele chegue ao alvo. Durante a Segunda Guerra foi usado um avião bombardeiro, algo que posteriormente poderia ser facilmente abatido antes de chegar ao destino. Por isso foram desenvolvidos vários outros métodos.

Mísseis balísticos terrestres de pequeno, médio e longo alcances capazes de atingir inimigos a milhares de quilômetros de distância, torpedos e mísseis lançados de submarinos e navios de combate. As possibilidades são infinitas, basta desenvolver um vetor capaz de carregar a ogiva nuclear e pode-se inclusive atingir alvos fora do planeta, já que diferente das explosões a combustão, a nuclear não precisa de Oxigênio.

Apesar de parecer ser a parte mais simples do processo, o desenvolvimento de vetor é a mais complexa, já que para grandes distâncias ele flerta com a tecnologia espacial, que poucos países têm capacidades humanas e financeiras para desenvolver. De nada adianta um país possuir ogivas superpotentes se não consegue desenvolver

meios pelos quais as façam chegar ao alvo, é como ter a flecha sem saber com se usa um arco.

Como é possível perceber, a complexidade política inerente a um mundo com bombas nucleares é bem maior do que antes do surgimento delas, e por isso é imperativo saber como os meios de comunicação cobrem eventos de crise envolvendo o potencial destrutivo descrito a cima. Para isso, por motivos de proximidade foi escolhido o jornal carioca “O Globo”, que em 2013 foi o terceiro maior jornal em circulação no Brasil segundo a Associação Nacional dos Jornais, com 267.542 de exemplares vendidos. E único jornal do Estado do Rio de Janeiro com correspondentes internacionais, o que indica sua preocupação com a cobertura de eventos internacionais, além disso, o veículo é controlado pela mesma família desde a sua criação, em 1925, o que pode ser um indicativo de continuidade da ideologia editorial.

Como ainda não existiram confrontos com armas nucleares, os momentos de tensão atômica escolhidos para análise são crises, que chegaram perto de um confronto direto, mas graças ao bom senso dos envolvidos o caminho da negociação foi o preferido em ambos os casos. Mais que isso, serão apresentados motivos que evidenciam que tais crises foram construídas com o intuito de receber benefícios políticos da tensão provocada por elas mesmas.

O primeiro período analisado será a famosa Crise dos Mísseis de 1962 envolvendo os Estados Unidos da América (EUA), Cuba e URSS. Considerada por alguns a maior tensão bélica da Guerra Fria, e que teria sido o período no qual a humanidade ficou mais próxima de conhecer o seu apocalipse. Juntamente com ela também será analisada a Crise da Coreia de 2013, que envolveu Coreia do Norte, Coreia do Sul, Japão, China e EUA, e apesar de não ter a capacidade destrutiva da primeira crise, gerou instabilidade política em uma das mais importantes regiões para a economia mundial.

Ambas as crises foram escolhidas por manter características chaves de suas épocas, a tensão da Guerra Fria e a multipolarização do século XXI, respectivamente, e porque se utilizam da tensão gerada para motivações pouco claras e que apenas podem ser percebidas sob análise mais profunda e conhecimento das variáveis envolvidas.

Por esse motivo serão analisadas as coberturas do jornal “O Globo” durante o desenrolar de cada crise, os dias de maior tensão, para assim delimitar o seu grau de análise e profundidade. E se o jornal consegue entregar boas coberturas para o leitor

poder estar de fato bem informado e com elementos capazes de construir opinião sobre a motivação de todos os maiores agentes envolvidos.

Para isso serão analisadas edição por edição, matéria por matéria, desde que estejam presentes elementos que as vincule com os países envolvidos ou com a ideologia de cada um deles. Também será levado em consideração como é feita a abordagem de assuntos internos perante as crises, como posicionamento do governo da época e comportamento dos brasileiros.

Como ambas as crises estão imersas em períodos de democracia e liberdade de imprensa, com pequena intervenção do Estado nas matérias publicadas, será levado em consideração que o conteúdo produzido é de total responsabilidade do jornal, sem nenhuma alteração por motivos externos à vontade de seus editores.

Primeiro cada período terá uma explicação histórica de suas motivações, desenrolar e resolução a partir de obras acadêmicas que analisam com profundidade todos esses níveis. Posteriormente será feito um breve e livre perfil do jornal de cada período como: formatação, tamanho, organização uso de elementos gráficos, periodicidade e outros.

Em seguida teremos a parte mais importante, a análise por edição durante o período de desenrolar de cada crise, com textos que procurarão esmiuçar a cobertura de cada dia de acordo com as informações possíveis de serem obtidas à época e como o jornal as utilizou para construir a imagem de cada crise. E por último será feita uma análise geral das edições comparando-as no plano geral com as teorias acadêmicas escolhidas previamente, mostrando assim erros e acertos de cada período e as possíveis motivações para o tipo de cobertura feito, levando em consideração a cobertura interna.

No final serão feitas comparações gerais dos períodos analisados e, em seguida, das coberturas dos jornais, podendo-se fazer assim uma análise compacta de tudo que foi publicado e de como o leitor foi informado de fato acerca desses dois momentos de maior tensão nuclear da história da humanidade.

Espera-se, com esse trabalho, analisar como um jornal de grande circulação no país transmite aos seus leitores os fatos e motivações dos envolvidos direta e indiretamente, em eventos nos quais os verdadeiros interesses não são bélicos, mas políticos, e quase sempre só são percebidos depois de reflexão e análise que vão além dos fatos mais claros.

## 2 A CRISE DOS MÍSSEIS DE 1962

Mesmo depois de toda a sua história belicista, esse foi o primeiro período histórico no qual a humanidade mais se aproximou de uma destruição total. Afinal de contas, estavam no jogo duas superpotências com capacidades destrutivas sem precedentes

### 2.1 Antecedentes e análise da Crise

Foi no pequeno período de treze dias entre Dezesesseis de Outubro de 1962 e Vinte e Oito de Outubro de 1962 que o mundo presenciou o momento de maior crise da Guerra Fria, no qual as inimizades e rivalidades entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) chegaram, por diversas vezes, perto de uma escalada para a guerra nuclear total que poderia ter a força destruidora para aniquilar tanto as nações envolvidas como todo o resto do mundo.

A história não nos oferece nenhum paralelo e esses treze dias de Outubro de 1962, [...] Não havia existido um momento com tanta probabilidade de tantas vidas acabarem tão inesperadamente (ALLISON: ZELIKOW, 1999: 1)<sup>1</sup>.

Nunca antes a sobrevivência da humanidade esteve em jogo em apenas duas semanas de extremamente perigosas deliberações nas quais informações e inteligência confiáveis eram escassas (STERN, 2012:159)<sup>2</sup>.

A caminhada da crise começa no dia Dezesesseis de Outubro quando a Central Nacional de Interpretação Fotográfica, *National Photographic Interpretation Center*, ao analisar fotos retiradas de aviões espiões *U-2*, chegaram à conclusão de que a URSS haviam começado a construção de bases de lançamentos de mísseis na ilha cubana que a época já estava sob o governo socialista liderado por Fidel Castro.

A base em construção teria a capacidade de lançar Mísseis Balísticos de Médio Alcance – *Medium-Range Ballistic Missile* (MRBM) -. Com capacidade de carregar ogivas nucleares até à capital norte-americana Washington. Mesmo sem um aviso formal da União Soviética, só a presença de vetores capazes de carregar armas de

---

<sup>1</sup> Tradução do Autor : History offers no parallel to those thirteen days of October 1962 [...] never before had there been such high probability that so many lives would end suddenly.

<sup>2</sup> Tradução do Autor : Never before or since has the survival of human civilization been at stake in barely two weeks of extremely dangerous deliberations in which reliable information and intelligence were often in short supply.

destruição em massa tão perto de território estadunidense já se provava uma grande ameaça.

No mesmo dia o assunto foi posto em pauta no Comitê Executivo do Conselho Nacional de Segurança – *Executive Committee of the National Security Council (ExComm)* -. Nesse e nos próximos doze dias esse foi o único assuntos discutido pelo Comitê que era composto por quinze membros dos mais elevados postos incluindo o Presidente John Kennedy.

Para tornar a situação mais complexa, no dia dezoito foram fotografadas novas bases de mísseis em construção, dessa vez de Mísseis Balísticos de Alcance Intermediário – *Intermediate-Range Ballistic Missile (IRBM)*. Com esses novos armamentos em solo cubano o alcance das ogivas nucleares soviéticas poderiam atingir todo território continental dos EUA aumentando consideravelmente a ameaça.

Depois de deliberar, o *ExComm* chegou, no dia 21, ao consenso de que a melhor medida a ser tomada seria um bloqueio marítimo e aéreo que na teoria impediria que carregamentos bélicos chegassem a Cuba. Contudo qualquer transporte de civis ou de carga para fins não militares passariam pelo bloqueio. (STERN, 2012: 15)

A decisão se mostrou acertada e a partir do começo do bloqueio a escalada de eventos levou a solução da crise. No dia Vinte e Sete de Outubro o presidente da URSS Nikita Khrushchev fez um discurso aberto à nação pela rádio oficial reafirmando a presença de armamento soviético em Cuba e oferecendo sua retirada em troca da remoção de mísseis norte-americanos da Turquia – que ameaçavam o território soviético de forma equivalente – justamente com um compromisso formal e público que o governo dos EUA não invadiria nem apoiaria qualquer invasão militar a ilha cubana.

Oficialmente apenas parte do pedido foi atendida. O governo estadunidense se comprometeu a não invadir nem apoiar uma invasão à Cuba, e já no dia seguinte a União Soviética começou a retirada dos MRBM's e IRBM's da ilha. Dando fim a crise e iniciando uma nova fase da Guerra Fria, a *Détente* ou Distensão, marcada pela maior aproximação das superpotências e diminuição das animosidades.

Fora dos holofotes oficiais o contexto da crise dos mísseis vai além dos 13 dias e tem seu começo em 1961, com a invasão frustrada de um exército de exilados cubanos que haviam sido treinados e orientados pela Central de Inteligência Americana – *Central Intelligence Agency (CIA)* – com intuito de invadir a ilha e depor o presidente Fidel Castro. Apesar do apoio técnico, o presidente Kennedy proibiu qualquer

participação direta ou logística nessa invasão, o que resultou em grandes baixas no grupo invasor e alto número de rendidos. Vitória do governo local.

Temendo uma invasão em maior escala, Fidel não só aceita uma antiga oferta soviética de instalação de mísseis nucleares em território cubano como exige que territórios norte-americanos sejam bombardeados com armamentos de destruição em massa. O governo soviético por sua vez apenas assegura a instalação.

Assim como Cuba, a URSS também tinha seus motivos para intimidar o governo de Washington. Em 1959 a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), através do armamento do governo dos EUA, instalou 30 mísseis Júpiter (MRBM) na Itália e Quinze na Turquia, que ameaçavam tanto o próprio território soviético quanto o da Alemanha Oriental – também sob o controle soviético -, de um ataque nuclear. (STERN, 2012: 12)

Além de proteger Cuba e o próprio território soviético. A instalação dos MRBM's e IRBM's faz parte de um equilíbrio bélico importante para a própria denominação acadêmica e semântica da Guerra Fria. E a razão é simples.

Para que um míssil em território soviético atinja áreas norte-americanas ele deve ter um alcance superior a 8.000 km e somente os chamados Mísseis Balísticos Intercontinentais – *Intercontinental ballistic missiles* (ICBM) – tinham a capacidade de alcançar tamanha distância. A desvantagem desse tipo de arma está na sua precisão, na época a tecnologia não assegurava que o alvo pudesse ser acertado de forma satisfatória.

Além de serem lançadas de bases de silos, as ogivas nucleares também podem ser carregadas por mísseis submarinos. Em 1962 a URSS tinha apenas seis submarinos capazes de realizar tal ataque. Eles ficavam estacionados e precisavam reabastecer de combustível e suprimentos em bases fixas. A mais próxima de território norte-americano estava há 11.300 km de distância e por sua vez, os mísseis disparados pelos submarinos tinham um pouco mais de 950 km de alcance. (STERN, 2012: 23)

Para efeito de comparação, nessa mesma época os EUA já possuíam 180 ICBM's em seu território, dezoito submarinos com capacidades nuclear comparáveis aos dos soviéticos e mais de 650 pontos de lançamento de mísseis espalhados pela Europa capitalista e territórios aliados na Ásia, cuja proximidade ameaçava a totalidade da região soviética.

Dessa forma, o perigo norte-americano era diretamente maior à URSS do que vice versa. Enquanto isso a ameaça soviética se dava sobre os aliados de seu antagonista norte-americano. A instalação de MRBM's e IRBM's - que nessa época já estavam na



casa das centenas - em território cubano se mostrava uma forma eficiente de contrabalancear esse cenário desfavorável, e proteger a ilha de ataques futuros.

Para um ataque nuclear ser bem sucedido é necessário um vetor (como um míssil, por exemplo) e uma ogiva, com isso a potência de um ataque não varia conforme o alcance do vetor e sim com o tipo de ogiva que será usada. Outra forma é através de bombardeios, como os utilizados no ataque a Hiroshima e Nagasaki em 1945, por razões estratégicas um bombardeio nuclear não seria a primeira opção de ataque ou contra-ataque.

Assim, com todas essas informações militares, bélicas e estratégicas sobre a mesa é que o *ExComm* recebeu a notícia de que pela primeira vez o território norte-americano estava sobre ameaça latente de mísseis soviéticos. Ameaça já sentida pela URSS desde meados da década de 50 com o desenvolvimento de ogivas nucleares e vetores de lançamento pelo Reino Unido e França, países membros da OTAN.

Assim que descobertos, os mísseis na ilha cubana foram responsáveis pela total atenção dos quinze homens mais importantes dos EUA membros do *ExComm*. E do dia Dezesesseis até o Vinte e Oito de Outubro foram feitas Vinte e Oito reuniões do Comitê até o fim da crise. Nesses encontros várias opções de resposta foram levadas em consideração que variavam dos mais extremos ataques militares, apoiados inicialmente por todos com exceção do presidente, ao bloqueio aeronaval, que se mostrou ser a decisão acertada, apoiado e sustentado apenas por Kennedy.

Durante a crise de 1962 os Quinze membros do *ExComm* eram: George Ball – Subsecretário de Estado -, McGeorge Bundy – Assistente especial do presidente para segurança nacional -, C. Douglas Dillon – Secretário do tesouro -, Roswell Gilpatric – Vice-secretário de Defesa -, Lyndon Johnson – Vice presidente -, U. Alexis Johnson – Vice-secretário de Estado para Assuntos Políticos -, Robert Kennedy – Procurador Geral dos Estados Unidos -, John McCone – Diretor da Agencia Central de Inteligência (CIA) -, Robert McNamara – Secretario de Defesa -, Paul Nitze – Assistente do secretário de Defesa para assuntos internacionais de segurança -, Dean Rusk – Secretário de Estado -, Theodore Sorensen -, Conselheiro especial do Presidente -, Maxwell Taylor -, Presidente do “*Joint Chief of Staff*” -, Llewellyn Thompson – “Embaixador Geral dos Estados Unidos” – e John Kennedy – Presidente dos Estados Unidos. (STERN, 2012: 17)

Desses, três participantes se destacam como membros mais participativos das reuniões que se seguiram. O secretario de Defesa, McNamara, inicialmente argumentou

que a presença dos mísseis era mais política do que militar, contudo era contrário a uma troca dos mísseis de Cuba pelos da Turquia. (STERN, 2012: 19). Robert Kennedy, irmão do presidente, Procurador Geral dos Estados Unidos e reconhecido tacitamente como chefe da reunião na ausência de seu irmão.

Diferente de seu irmão, RFK era um dos membros mais conflituosos do *ExComm*, postura bem diferente da publicada em seu livro sobre a crise ‘Os treze dias’. (STERN, 2012: 19)<sup>3</sup>.

[John Kennedy] determinado em alcançar uma solução política ao invés de uma militar, [...] JFK se mostrou tolerante a críticas pesadas dos outros membros, atencioso a todos os pontos de vista apresentado e em nenhum momento se exaltou com os outros participantes. (STERN, 2012: 18)<sup>4</sup>

Essa postura centrada e diplomática do presidente Kennedy contrasta com sua própria retórica e políticas no que diz respeito à Guerra Fria largamente utilizada durante sua campanha eleitoral dois anos antes. Aparentemente a responsabilidade de uma guerra total nuclear e a ameaça soviética direta ao seu território fizeram o presidente rever sua postura militar e optar pelo caminho diplomático.

Afinal das contas um simples incidente ou uma ação militar mal calculada poderia levar a guerra para um nível cujas consequências não só atingiriam territórios norte-americanos e soviéticos como também seus respectivos aliados, principalmente na Europa.

Um desses temores estava diretamente ligado à posição estratégica dos EUA e seus aliados na Alemanha. Temia-se que uma invasão a Cuba teria como resposta uma invasão a parte Ocidental de Berlim, que estava inserida e rodeada pela área sob o controle soviético além de uma invasão a Turquia e Itália, lugares de instalação dos mísseis análogos aos instalados em Cuba.

Mesmo inserida em um contexto de bipolaridade, a crise contava com outros atores que apesar de importantes, pouco ou nada decidiam. De certa forma o futuro da Alemanha e de grande parte da Europa estava sendo decidido do outro lado do Atlântico, por 15 homens com poderes suficientes para ordenar uma invasão à ilha cubana, depor e assassinar o presidente, matar militar soviéticos e ainda destruir ou apropriar-se de armas do seu maior rival.

---

<sup>3</sup> Tradução do Autor : But unlike his brother, RFK was one of the most consistently hawkish and confrontational members of the *ExComm* – Contrary to his claims in “Thirteen Days”.

<sup>4</sup> Tradução do Autor : Determined to seek a political rather than a military solution, [...] guided the discussions without ever appearing overbearing, patiently listened to all points of view, and was remarkably tolerant of harsh criticism.

Contudo aqueles que escolheram apoiar a postura de um ataque militar o fizeram por motivos políticos. Depois de uma invasão indireta mal sucedida e da própria instalação de mísseis em território cubano, membros como Robert Kennedy e McNamara exigiam uma resposta militar para não enfraquecer a imagem dos EUA perante seus aliados e a URSS.

Concordando em parte com a situação, o presidente decide por um bloqueio naval. Como dito antes, uma decisão militar não agressiva que mostrasse força sem a necessidade de um confronto. E isso não era suficiente para os membros do Comitê. JFK era constantemente pressionado para realizar uma ofensiva militar. Ação que poderia escalar para uma guerra total, visto os seus possíveis desdobramentos na Europa.

Para McNamara haveria uma coexistência de uma invasão a Cuba sem o desdobramento na Europa. Para o Secretário, caso uma ofensiva fosse avisada com antecedência para os soviéticos, explicando que o ataque era meramente para retirar do poder a figura de Castro, o confronto militar poderia ser evitando.

Também não era consenso que mesmo não atacando e concordando em retirar os mísseis da Turquia; Cuba e a URSS retirariam suas ogivas e os vetores que ameaçavam o território dos EUA.

Uma não resposta nuclear a invasão a Cuba era apenas teórica, e o presidente não queria arriscar. No primeiro momento o bloqueio marítimo se mostrou a melhor medida até que algo derradeiro fosse feito.

Foi ao perceber que as posturas de alguns dos membros do *ExComm* não eram diplomáticas ou estratégicas mas voltadas para o lado pessoal e que eles temiam mais uma demonstração de fraqueza do que a guerra total que o posicionamento diplomático de JFK entrou para resolver tanto os problemas externos quanto os internos.

Decidiu-se aceitar publicamente a primeira carta do primeiro ministro soviético, e dar garantias de não invadir a ilha cubana, e assim não demonstrando fraqueza para o público. Mas na verdade colocou em prática aquele que hoje é conhecido como “Manobra Trollope” – *Trollope Ploy* -, que consistia em negociações secretas entre EUA e URSS para a retirada dos mísseis que mais ameaçavam uns aos outros, ou seja, a retirada soviética de cuba em troca de outra retirada norte-americana da Turquia e Itália. Garantindo o equilíbrio que perdurou pelos anos seguintes. (STERN, 2012: 134)

## 2.2 O Globo em 1962

Em termos gráficos “O Globo”, mantinha um formato “*Standard*”, com poucas fotografias e pouca organização na formatação dos textos e matérias. O jornal continha dois cadernos, o primeiro focava nas notícias gerais, a “*hardnews*” nacionais e internacionais enquanto o segundo estava relacionado a esportes, cultura e outras amenidades. O foco da análise está todo inserido dentro do primeiro caderno.

Diferente de hoje, não existia um espaço claro de cada texto, as matérias eram feitas para caber na página, sem muita preocupação de como o leitor faria para lê-las. É recorrente confundir-se de texto, se perder no meio de uma leitura mais extensa, ou simplesmente ler, é uma tarefa bem complicada, as letras são bem pequenas e muitas vezes falhas. Problemas assim podem ser explicados pelo preço do papel imprensa e da tinta, além de sua qualidade ser inferior do que as de hoje. Já a aparente desorganização gráfica é marca da época.

É na primeira página do periódico que se concentra o maior número de fotografias, a escassez de imagem no restante do periódico também se dá pela dificuldade técnica de imprimir-las à época. Pelo corpo do jornal vemos apenas algumas imagens espalhadas, principalmente em anúncios, mas claramente o que predomina são os textos emaranhados uns nos outros.

Outra característica importante é a periodicidade, o jornal era diário, com exceção de Domingo, a edição do primeiro dia da semana não existia, em seu lugar, a edição de Segunda-Feira era bem maior do que o normal e saía em duas edições, uma matutina, com apenas a primeira sessão e bem menor, e outra vespertina com as duas sessões já citadas e com muito mais páginas do que o habitual.

Também não podemos saber claramente quem é o responsável por cada matéria, já que elas não recebem assinatura autoral, se conta apenas quais são as empresas responsáveis pelas informações apresentadas. Tal dado é apresentado no seguinte formato: ‘(Local da matéria), (Dia), (Veículo responsável pelas informações)’, por exemplo ‘Rio de Janeiro, 20, O Globo’.

Em particular para as notícias internacionais, a identificação da autoria é ainda mais confusa, já que além dos elementos acima, o nome das agências de notícias internacionais também são citados, ficando como nesse exemplo: ‘New York, 21, (AP – UPI – O Globo)’. Dessa forma não é possível saber qual a participação de cada empresa na construção daquela matéria, como na coleta dos dados usados.

Desse modo, o leitor provavelmente não saberá quem escreveu aquela matéria, ou se as informações ali contidas são de fontes próprias do jornal ou apenas traduções de agências externas, ou ainda se aquele conteúdo é uma reportagem ou opinião do editor, já que não existe uma sessão como hoje.

Logo, não existe uma posição aberta do jornal sobre os acontecimentos relatados, a não ser pela própria veiculação dos fatos. Não sabemos claramente se o jornal apoia ou reprova as medidas tomadas pelos governos em questão ou a posição do governo brasileiro sobre o assunto.

Apesar de não existirem essas formas modernas de separar o que é opinião do conteúdo informativo, o que vemos é assim como na própria formatação gráfica, uma mescla entre notícia e posicionamento político. Os textos são ao mesmo tempo, explicativos, opinativos (essa característica é um pouco mais sutil) e informativos.

A parcialidade é um elemento gritante na formatação das notícias, mesmo com uma leitura rápida é possível perceber que o jornal tem um claro apoio a ideologia, postura e ações norte-americanas. Isso pode ser visto através da clara idealização dos símbolos estadunidenses e pela vitimização perante os inimigos.

O período analisado contem os jornais dos dias 19 de Outubro de 1962 até a do dia 29 do mesmo mês, contabilizando no total de nove edições, isso porque nos dias 21 e 28, que coincidiram de ser um Domingo, não houve circulação do periódico.

Intrinsicamente, pela forma como é produzido, o jornal tem um atraso de um dia do acontecimento dos eventos ali reportados. Assim, o discurso de Kennedy, que ocorreu no dia 22 só aparecerá na edição do dia 23. E o acordo de trégua entre EUA e URSS, que foi firmado no dia 26, foi a capa da edição do dia 27.

Os eventos iniciais relativos à crise ocorrem no dia 16 de Outubro, porém, na teoria, a imprensa só saberia deles a partir do discurso do presidente norte-americano, que foi ao ar apenas no dia 22. Assim, não haveria nada relativo a crise nos jornais antes da edição do dia 23.

Para efeito de análise ideológica do veículo, como sua postura quanto aos eventos políticos, sociais e econômicos do período, foi escolhido, arbitrariamente, começar as análises desde a edição do dia 19, já que alguns confrontos ao estilo ‘capitalistas X comunistas’, estavam em curso nessa época e analisar a postura do jornal em relação a eles também seria interessante.

### 2.3 Edições de 1962

**19 de Outubro de 1962, sexta-feira.** Como dito antes, nessa edição não existe nada diretamente conectado a crise dos mísseis que academicamente já começara há três dias. E enquanto os membros do *Ex-Comm* perdiam noites de sono pensando em como resolver a crise sem parecer fracos diante do mundo e ao mesmo tempo evitando uma escalada que poderia levar a guerra total e aniquilação da humanidade, O Globo nos dava mostras claras de seu posicionamento ideológico logo na primeira capa:

“O Panamá Proibiu o Comércio dos seus navios com cuba”, “Bossa Nova Brasil-EUA teve Êxito espetacular”, “Kennedy e Gromyko na Casa Branca”, “Os EUA colocam caças rápidos e potentes a 4 minutos de Cuba”.

A primeira manchete trata de um decreto presidencial panamenho que proíbe a circulação de navios em águas daquele país. Essa pequena nota, presente na página oito do jornal apenas trata do decreto em si, não entrando no mérito da motivação ou da relação entre os países.

Já se sabe, na época, das estreitas relações entre EUA e Panamá, afinal de contas, além do financiamento dos norte-americanos para a construção do canal do Panamá, que até hoje é responsável por grande parte da economia do país caribenho, o governo estadunidense ainda mantinha total controle da Zona do Canal, na prática tínhamos um país dentro de outro. Difícil separar os interesses do Panamá dos interesses dos EUA.

Na prática, temos uma chamada que ocupa boa parte da primeira página, sem contextualização alguma, e ao abrirmos o jornal só encontraremos uma pequena nota, de duas pequenas colunas, no meio de uma área do jornal na qual estão presentes as notícias internacionais.

E por sua vez, essa nota não diz nada sobre as possíveis intenções do decreto, ela se restringe apenas a contar que o decreto foi feito, nos deixando com poucas informações além da grande manchete em letras garrafais da capa.

Já a segunda matéria não está diretamente ligada à crise, porém permeia o debate ideológico. A matéria começa e termina na primeira página, e mesmo sendo um recurso caro e pouco usado na época ela contém duas fotos, e trata de um evento cultural com participação de músicos brasileiros e norte-americanos tocando bossa nova.

Além do adjetivo “espetacular”, o texto deixa claro de que a apresentação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) foi apenas um

treinamento para o concerto principal que aconteceria em Novembro do mesmo ano no Carnegie Hall, em Nova York.

Mesmo não tendo política envolvida explicitamente, há uma propaganda cultural capitalista bem clara: mostrar que somos tão parecidos com os norte-americanos que quando nos justamos a eles é sucesso certo.

A terceira manchete tem uma aparência mais parecida com a que estamos acostumados a ver em um jornal. Um título, uma foto de destaque, que nesse caso é do presidente dos EUA e o chanceler da URSS conversando no salão oval da Casa Branca. E uma pequena legenda explicando um pouco o contexto do encontro.

Novamente a importância dada à matéria na capa nos frustra ao lermos o seu conteúdo dentro do periódico. Apesar do destaque visual com uma moldura mais espessa que margeia toda a reportagem, há apenas uma coluna de texto, que pouco faz jus ao destaque dado a informação.

A tensão tratada na matéria é assunto recorrente na história da guerra fria: Berlim e sua divisão e controle. Nesse caso específico, a matéria alega que o governo soviético estaria pressionando o norte-americano para uma retirada da região. E no segundo parágrafo o jornal deixa claro o seu posicionamento:

A visita novamente deu oportunidade a Kennedy de fazer sentir ao Kremlin que os aliados ocidentais estão decididos a manter-se firmes ante a pressão comunista para retirá-los de Berlim Ocidental, e para advertir que uma reunião com Khrushchev de nada servirá se o dirigente russo continuar agravando a crise de Berlim. (O GLOBO, 19/10/1962: 8)

Fica claro, que para o jornal, o problema é causado apenas pelos soviéticos, que assim que eles quisessem, a crise estaria resolvida. Talvez de forma ingênua, citar os “aliados ocidentais”, ao invés de falar os EUA, traz para a causa norte-americana um perfil de decisão em bloco, de democracia, enquanto o Estado soviético está só, tomando decisões sozinho, sem o consentimento ou opinião de outro.

A última e mais importante matéria para o nosso contexto, já que ela pode ser tratada como um prelúdio para o que viria a ser a crise das crises da Guerra Fria trata-se de uma manobra militar corriqueira: quando o seu inimigo incrementa o seu poderio bélico nas proximidades do seu território, o que se deve fazer é se reforçar também, assim demonstrando força e preparando para um possível ataque, assumindo assim uma postura defensiva.

Aquele que começa a escalada bélica será quase sempre visto como vilão, o agressor, quem quer acabar com a paz em uma determinada região motivado por pretensões imperialistas, pelo menos aos olhos do público. Por outro lado, o país que só arma a sua fronteira com a desculpa de estar se defendendo tem um apelo quase que inverso ao agressor, a de defensor da paz, de sua soberania e da democracia.

Assim, ao ler a matéria percebemos de que se trata de uma possível agressão cubana a soberania norte-americana, e que o governo dos EUA estaria se protegendo da escalada da capacidade bélica cubana. Hoje, sabemos que tal ação já está no contexto da crise, de que o governo já sabia da presença dos MRBM's e IRBM's, e por isso poderia estar preparando um bombardeio ou uma invasão a ilha caribenha.

A matéria é construída a partir de informações dadas pelo Departamento de defesa norte-americano, segundo seu porta-voz, Cuba estaria recebendo 30 MIG's dos mais modernos do Exército soviético, enquanto já teria 60 dos mais antigos. Conta ainda sobre o incremento da tropa soviética na ilha, - que seria mais um ingrediente para a crise vindoura -. Contudo, o próprio porta-voz classifica o aumento do poderio bélico de defensivo e que a ida de caças mais modernos norte-americanos, para área mais próxima a ilha seria apenas uma salvaguarda.

O próprio governo dos EUA tomou um cuidado pouco percebido nas outras edições do jornal: a de chamar as ações cubanas como “defensivas” e não uma possível agressão. Dessa forma diminui-se a tensão e as expectativas de uma guerra direta, já que os dois países estão apenas se defendendo.

**20 de Outubro de 1962, sábado.** A primeira página do jornal está repleta de citações ao contexto geopolítico de outrora. Como já se pode perceber tanto pelo posicionamento político quanto pela própria aproximação do país, fala-se muito mais do lado norte-americano do que o soviético. Assim podemos separar as mais importantes matérias do dia relacionadas ao contexto:

“Kennedy disposto a debater com Khrushchev sobre a crise de Berlim”, “Presente da Guanabara a Kennedy: Chave de Ouro com pedras preciosas”, “Todo o prestígio a Brasília para a visita de Kennedy”, “Não serão toleradas novas interferências Comunistas nas vias de acesso a Berlim” e “A campanha democrática nos EUA”.

A primeira manchete é um desdobramento da notícia dada na edição anterior, contudo, o imenso destaque a ela dado em ambas as edições não faz jus a sua real importância dentro do periódico, já que tanto na edição de segunda, quanto na de terça,



o texto e conclusões do jornal são muito parecidos e se fossem cópias não alterariam em nada o contexto no qual estão empregados.

A construção da segunda matéria é prova de algo que já é possível notar, algumas notícias tem grande destaque na capa, incluindo o recurso da fotografia, e dentro do jornal vemos que esse destaque se perde em algum momento. Nesse caso, na página 6 apenas encontramos uma pequena nota de uma coluna perdida e esmagada entre várias outras notícias cujas existências não foram nem notada pela primeira capa.

Procedimentos técnicos a parte, informa-se sobre a visita do então presidente dos EUA John Kennedy ao território nacional em Novembro. E como estava planejado seria entregue uma chave simbólica da cidade. Peça essa, que segundo a matéria, seria de ouro incrustada com pedras preciosas nacionais, projetada pelo famoso artista plástico Roberto Burle Marx. No breve texto, o jornalista responsável, cuja identidade não é informada, pouco se preocupa com o valor de tal peça ou nas implicações políticas de tal presente. O texto confeccionado poderia estar facilmente em uma seção de arte, já que o alvo é apenas sua beleza e construção artística. Trata-se de um evento e objeto carregados de simbologia que são tratados apenas do ponto de vista artístico.

A terceira matéria traz um tom de recalque ao fato das principais cerimônias relativas à visita de Kennedy ao país serem em Brasília, que já era atual capital do país. Na matéria é frisado o fato do presidente João Goulart ter levado o importante jantar entre os líderes do Palácio do Itamaraty, no Rio, para o Palácio do Planalto, em Brasília.

O Brasil passava por uma forte instabilidade política na época, estávamos sob o regime parlamentarista, condição imposta para o retorno do presidente Goulart em 1961. Presidente que desde então é questionado pelas suas ações ‘comunistas’ e impopulares. Assim, até uma simples troca do local do jantar para Kennedy é tratada com tamanha importância e peso para o jornal que futuramente irá apoiar o golpe que tirará Goulart do poder.

A penúltima matéria está completamente inserida no contexto da Guerra Fria: temos um grande destaque, tanto na capa quanto dentro do jornal, e um peso igualmente grande para as declarações do então Ministro do Exterior da Alemanha Ocidental, Gerhard Schroeder, que enfaticamente diz que “... o Ocidente não tolerará futura violação das vias de acesso a Berlim.”. (O GLOBO, 20/10/1962: 8)

Berlim, que era então dividida entre duas áreas de influência, uma dos aliados, EUA, França e Inglaterra, e outra da URSS. Contudo, a cidade por inteiro estava dentro da metade do país controlada pelos soviéticos. E apesar de acordos terem sido feitos

para administrar o natural problema que isso poderia acarretar de vez em quando alguma crise surgia, geralmente resultando um desabastecimento para o lado Ocidental de Berlim.

Tanto o ministro quanto a construção da matéria feita pelo jornal admitem uma postura defensiva por parte dos aliados. A escolha ou não pela manutenção da paz seria de total controle soviético, se a situação anterior se repetisse, os aliados estariam dispostos a demonstrar a força. Ou seja, os aliados só mostrariam força para se defender do agressor soviético.

A última matéria aqui apontada não tem desdobramentos para dentro da edição, é apenas uma fotografia e uma legenda rápida sobre os candidatos a prefeito de Nova York, cuja eleição estaria por vir. Difícil pensar sobre o tamanho destaque dado a um evento tão corriqueiro que não uma rápida divulgação do sistema democrático norte-americano. Lembrando que o Brasil passava por um sistema parlamentarista e que o antigo presidente havia tentado dar um golpe, isso sem contar com o conturbado passado político do país.

Outras matérias, presentes nessa edição podem dar dicas, logo no título, sobre posicionamento político do jornal sobre a vindoura crise. São elas:

“Democratas vencem comunistas na PUC”, “Possível um rompimento de relações entre o Chile e Cuba”, “Condenado o espião russo a oito anos de trabalhos forçados” e “Proibido o comércio marítimo hondurenho com o regime de Cuba”.

Todas elas com um conteúdo pró capitalista e conseqüentemente pró-norte-americano, deixando de lado a imparcialidade, neutralidade e o compromisso com a veracidade dos fatos.

**22 de Outubro de 1962, segunda-feira.** As edições de segunda-feira tinham tamanho maior do que o de costume para o período. Só nesse dia, o jornal teve 24 páginas, exatamente o dobro da edição do dia 19, e como no domingo não havia circulação do Globo, as matérias e notícias se acumulavam, tornando a edição desse dia a mais volumosa e importante da semana.

Por uma coincidência, foi justamente no dia 22 que a crise foi apresentada para o público com o famoso discurso para rádio e TV do presidente Kennedy, contudo tal cobertura apenas apareceria na próxima edição do periódico, a menor e de menor relevância na semana.

Entretanto, mesmo sem anuncio oficial do que estava acontecendo, a imprensa norte-americana e, por consequência, a brasileira, estava cobrindo a movimentação de tropas estadunidenses para o sul do país, assim como o incremento de força bélica que Cuba estava recebendo. Dessa forma, diferente das edições anteriores as notícias passaram a ser mais diretas sobre os elementos da crise do que nos outros dias.

“O Pentágono explica movimentos de tropas”, “Unidades de desembarque juntam-se à frota dos EUA em manobra nas Antilhas” e “Convencido Khrushchev de que os EUA irão à luta na defesa de Berlim”.

As duas primeiras notícias, que começam na capa e se estendem para dentro do periódico, é um claro sinal da atenção dada pela imprensa à movimentação militar no caribe e arredores. As matérias, que se complementam, destacam o posicionamento de tropas no sul da Flórida, Porto Rico e Baía de Guantánamo.

Além de aumento no contingente militar dessas regiões, as forças locais são reforçadas com torres de controle aéreo móveis, veículos anfíbios para invasão por terra e caças de combate. Tudo isso, apesar de extraordinário e não programado é negada qualquer preparação de invasão à ilha cubana pelo exército dos EUA.

Dentro do jornal o assunto já é tratado como crise cubana e especula-se se a movimentação é apenas um treinamento. A volta repentina do presidente para a Casa Branca e assessores próximos passaram mais tempo do que o de costume na sede do governo corroboram para as suposições de que uma nova crise se aproxima. Elas estavam certas.

Como terceira notícia, temos um assunto recorrente nas edições anteriores, a então chamada crise de Berlim. E agora, segundo o jornal, Moscou teria entendido que os EUA falam ‘sério’ no seu ultimato quanto à situação na região. Internamente, a matéria ressalta a firmeza com a qual o enviado de Berlim Ocidental agiu, e continua com um comunicado vindo da parte Oriental da cidade que expressa boa vontade dessa parte de Berlim para o transito de abastecimento da outra parte da cidade através da porção oriental da Alemanha.

Nesse caso não vemos nenhuma postura clara de que lado a opinião do jornal está. Todavia, o destaque dado à firmeza e a finalidade do comunicado norte-americano e sua respectiva exaltação, mostram sutilmente o lado apoiado pelo Globo na época.

Mesmo sem muito destaque, há uma notícia que permeia as razões e antecedentes da crise que já existia: A negativa de treinamento de exilados cubanos por parte do governo guatemalteco. Na época existiu uma denuncia de que alguns exilados

do regime cubano estariam em treinamento na Guatemala para nova tentativa de invasão a Cuba. Tudo foi negado.

Já era sabido na época da tentativa frustrada de um grupo de exilados cubanos, também treinados na Guatemala, de invadir a ilha caribenha em 1961. O ataque fracassou e gerou mais constrangimento para o governo dos EUA que foi diretamente envolvido, mesmo sem ter havido provas. Tais provas só foram aparecer em 1996 na publicação de um documento da CIA.

Através das conversas entre os membros do *ExComm*, não é mencionada qualquer tentativa de nova invasão aos moldes da de 1961. Se as denúncias são verdadeiras esse novo treinamento pode ser uma iniciativa do governo guatemalteco. A ideia apoiada pela maioria do *ExComm* era a de um bombardeio seguido de invasão terrestre. Evento que pode ser comprovado pela movimentação das forças norte-americanas na região como relata o próprio periódico.

**23 de Outubro de 1962, terça-feira** Chega-se a cobertura sobre o discurso de Kennedy, e é tornado público o conhecimento da presença de mísseis soviéticos, com capacidade de carregar uma ogiva nuclear, em Cuba. E como já era de se esperar, todos os assuntos pendentes que estavam nas edições anteriores são esquecidos por completo.

A primeira capa da edição de terça-feira trata apenas da presença dos mísseis, nada mais. Ainda vemos outras reportagens no interior da edição, mas a parte nobre é apenas voltada para a crise EUA X Cuba (Lê-se URSS).

A manchete principal já nos dá uma boa ideia da gravidade do problema: “Decretado o bloqueio a Cuba: Kennedy revela a existência de ameaça nuclear às Américas”. Esse título em letras garrafais é acompanhado de uma foto do presidente estadunidense e de um mapa mostrando o alcance dos mísseis com a legenda: “Ameaça atômica a toda a América”.

Várias manchetes se seguem a partir delas, a maioria buscando o impacto no discurso do ponto de vista norte-americano e a ameaça que tal presença de armas traria para todo o continente, inclusive o Brasil.

Do meio para o fim da página temos uma pequena nota sobre a repercussão do discurso na rádio nacional soviética e outra nota, duas vezes maior do que a anterior, mostrando preocupação com um possível adiamento da visita de Kennedy.

Dá até a sessão do jornal voltada para assuntos internacionais pouco se menciona sobre a nova crise, assuntos regionais e nacionais tomam conta das páginas.

Inclusive, assim como as outras edições, há grande relevância para notícias administrativas e estruturais da igreja católica.

A partir da página seis começam a aparecer pequenas notas sobre os detalhes da revelação inicial da crise. Como é de se esperar, a maioria do ponto de vista norte-americano. Nessa página apenas uma pequena nota discorre brevemente sobre a repercussão do discurso nas rádios cubanas.

O foco da cobertura é diverso, algumas matérias tratam do apoio maciço dos aliados do ocidente a decisão de Kennedy, enquanto outras são levadas para um contexto mais nacional, na repercussão no Brasil.

Por enquanto o anúncio pouco repercute no cenário nacional. A única notícia que vincula Brasil e EUA não é um diálogo, e sim uma carta de motivações para o bloqueio de Kennedy, entregue por seu chefe de delegação da embaixada no Brasil para Goulart no Palácio das Laranjeiras.

Com o mundo polarizado como estava dificilmente um aliado ou organização aliada ao Ocidente voltaria as costas para uma ação norte-americana, principalmente uma na qual não envolvesse uso da força. Mesmo com essa lógica, um bombardeio de apoio vindo de todos os lados traz mais legitimidade para a decisão tomada.

Quando a Organização dos Estados Americanos (OEA) se pronuncia dando apoio ao bloqueio, é como se todos os países da América automaticamente dessem total suporte para os EUA e necessariamente criticando a posição cubana. Em nenhum momento durante essa edição procura dar espaço para compreender a motivação que leva ao aumento da capacidade bélica de Cuba. Taxam de ameaça “a toda a América” e fim de papo.

A partir daí aparecem uma série de matérias que tratam da agitação no mundo político depois da revelação de Kennedy, dessa vez tanto do ponto de vista soviético quanto do estadunidense e seus respectivos aliados. Contudo já é possível enxergar uma linha de raciocínio e abordagem que estará presente no jornal: Os EUA sempre correndo atrás da legitimidade dos seus atos buscando aprovação de outros países e instituições internacionais, e Cuba repetindo o que é falado ou decidido na URSS.

Ora, em nenhum momento durante as reuniões do *ExComm* preocupa-se com a opinião ou posicionamento de outras nações, as decisões são tomadas unilateralmente, sem o consentimento de ninguém, no máximo uma satisfação. Do lado soviético deveria ser bem parecido, já que nessas reuniões não se cita nenhuma autoridade cubana, com

exceção de Fidel Castro, e mesmo assim discute-se apenas se devem ou não derrubá-lo do poder.

Logo no primeiro momento o jornal começa a construir uma imagem de Cuba sendo manipulada pela URSS, afinal de contas era mesmo, só que ele se esquece de ressaltar que, talvez em menor proporção tanto os outros Estados americanos quanto a OEA tinham uma relação parecida com os EUA. Tanto ONU, por ser uma organização mais independente, e o Brasil, como principal país latino-americano, não se pronunciaram nesse primeiro momento. Inclusive o silêncio de Goulart é visto como algo negativo nas edições vindouras.

O jornal fecha o assunto 'política' com a transcrição completa do discurso de Kennedy altamente nacionalista e que deixa parte da verdade de fora. Desde o primeiro momento a ameaça é tratada como nuclear, mas não encontraram ogivas nucleares, apenas os mísseis e essa é uma das razões para o bloqueio, como as ogivas são mais delicadas achava-se que viriam em um carregamento posterior, que fatalmente seria barrado pelo bloqueio. Essa explicação, ou pelo mesmo a parte que não seria estratégica, é deixada de lado no discurso.

A proporção é simples, os mísseis estão para armas nucleares, assim como a fumaça está para o fogo. É como se alguém encontrasse fogo na floresta e saísse gritando que tudo estava em chamas. Os elementos se relacionam intimamente, não teria sentindo o envio de armar com capacidade de lançar ogivas sem ter as próprias disponíveis. Contudo é precoce dizer que só o fato dos misseis estarem lá já é uma ameaça nuclear para toda a América.

Nas nações minimamente independentes das decisões norte-americanas. como o Brasil e alguns aliados europeus, não há menção a alguma declaração. Enquanto outros, intimamente relacionados como: Argentina, Chile e países caribenhos, vê-se um maciço apoio e decreta-se rapidamente a culpa de Cuba por abalar a paz continental.

**24 de Outubro de 1962, quarta-feira.** Na edição do dia posterior ao discurso, o assunto em voga continua sendo a crise de Cuba. Dessa vez o foco é maior para a repercussão internacional, incluindo Cuba e URSS. Pela primeira vez, os países socialistas tem um maior espaço no periódico. Contudo ainda é possível perceber a maçante cobertura do jornal sobre o apoio a decisão norte-americana.

Apesar das matérias centrais buscarem a legitimidade do ato estadunidense, vemos outros assuntos sobre a crise aflorando como o posicionamento de bombardeios

norte-americanos com capacidade de lançar bombas atômicas, o avanço de navios soviéticos para a linha do bloqueio e reforços militares dos EUA a base de Guantánamo.

Perdido no meio da primeira página está uma pequena nota de que Kennedy não adiou a sua visita de Novembro. Informação que pouco é relevante para a crise, mas traz tranquilidade para os brasileiros, já que mesmo com os sérios eventos acontecendo, o presidente dos EUA confirmou a sua presença em um evento político no país.

Mostrando maior espaço para o bloco do leste europeu, a primeira página também nos conta que, em pronunciamento nacional, a URSS declarou que só usará armas nucleares caso seja agredida. Segundo o jornal, o comunicado não deixa claro se essas armas nucleares estão ou não na ilha cubana. Há ainda outra notícia que revela que Khrushchev fará um comunicado, ainda não se sabia em qual meio de comunicação, em resposta ao discurso de Kennedy.

(Como curiosidade, também tem grande destaque a morte, na prisão, de Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal de Getúlio Vargas e responsável pelo estopim da crise que culminou com o suicídio do presidente em 1954.)

Já dentro do periódico, as notícias se desdobram ainda mais, porém ainda tendo a sua maioria calcada na ideia de mostrar legitimidade e apoio a decisão dos EUA. Deixam claro o apoio, nas próprias palavras do jornal, “maciço” da OEA a decisão norte-americana, inclusive quando se refere à América Latina usa-se o título: “Toda a América Latina apoia os EUA”. Já para falar de Europa, o tom muda um pouco: “Repercutem na Europa as Declarações de Kennedy”.

Na América Latina, alguns países são citados e todos eles dão apoio ao bloqueio: Argentina, Venezuela, Chile, Peru, Nicarágua, Honduras, Costa Rica, Bolívia, Uruguai e México. Apesar dessa não ser toda a América Latina é assim a representação do jornal.

Para falar de Europa o tom muda, afinal de contas, a situação é bem mais delicada. A crise toda é pautada na ameaça nuclear em território norte-americano, com a URSS como vizinho os países europeus já conhecem esse temor há tempos. Assim, pouco se fala sobre o apoio, a maior parte das nações promete estudar o caso com mais calma, outras se proibiram de falar no assunto. A Itália foi um dos únicos grandes países europeus a dar apoio à decisão, talvez pelo fato de ter em seu território uma base norte-americana com mísseis de capacidade nuclear similares aos encontrados em Cuba.

O jornal também menciona uma nota emitida pelo primeiro-ministro brasileiro, Hermes Lima, que depois de longa conversa com o presidente Goulart, na qual o país

defende o direito ao bloqueio, porém diz que não tolerará o uso de força por parte dos EUA a menos que provocado for. Nessa reportagem não existe uso de conotações negativas ou tendenciosas, apenas uma transcrição do comunicado.

Do lado soviético o jornal diversifica um pouco mais, publica as decisões e notas emitidas tanto pela União Soviética quanto por Cuba. Mostra que as decisões aplicadas na ilha caribenha são tomadas no leste europeu, enquanto Havana tenta desmentir dizendo que os EUA deveriam sentar e discutir a crise com o governo de Castro e não com Moscou.

O assunto principal fica na aprovação da resolução do Conselho de Segurança da ONU em uma reunião de emergência convocada pelos EUA. Nela existe uma breve análise da votação, de quantos votaram em cada ponto da resolução, e no final da matéria uma copia completa das considerações do conselho de segurança sobre o que foi posto em pauta. Apesar disso, o jornal se limita apenas a números e somente cita as nações que se abstiveram de votar, não se fala quem são os membros do conselho, principalmente os rotativos, já que os definitivos são os mesmos desde a criação da organização, ou como votou o representante soviético no conselho, ou se pelo menos ele estava presente. Tais informações não são dadas.

Dessa vez o que vemos é uma tentativa de mostrar os dois lados da crise, com ênfase sempre no lado ocidental, e de trazer legitimidade a decisão norte-americana, com uma resolução do Conselho de Segurança na qual é inclusive autorizado o uso de força para barrar a “ameaça cubana”. Com essa resolução debaixo dos braços, os EUA poderiam realizar um contra-ataque legítimo caso fossem atacados.

Com todo o esforço de sustentar e legitimar o bloqueio e as decisões que vierem depois dele, os EUA trazem para si a vantagem da negociação e o direito de defesa, podendo armar-se até os dentes para proteger o seu território. Em nenhum momento é posto em votação ou são citadas as bases da OTAN na Europa que igualmente ameaçam o território soviético.

**25 de Outubro de 1962, quinta-feira.** Os acontecimentos dessa edição relatam sobre o primeiro dia de bloqueio à entrada de navios com suprimentos bélicos na ilha cubana. A manchete inicial é enfática “Nenhuma interceptação no primeiro de bloqueio”, a afirmação sinaliza que a crise por enquanto é apenas diplomática, e como nenhum navio soviético apareceu na zona de bloqueio, ainda não foi decidido por parte dos soviéticos se eles acatarão ou não a interceptação imposta.



É também nessa edição que vemos algo que se parece com um editorial surgir. Um grande texto opinativo com duas colunas grandes e nove parágrafos mostra abertamente o que seria a opinião do jornal sobre o conflito e principalmente o que o periódico acha da postura brasileira inicial.

Se nas matérias já vemos um pró-americanismo nesse editorial de capa o que se lê é uma pesada e forte crítica ao governo brasileiro, especialmente a figura de João Goulart e a nova política externa brasileira, a PEI (Política Externa Independente), implantada no governo de Jânio Quadros.

O texto começa articulando sobre o mal que Cuba faz às outras nações americanas, que ela é claramente uma marionete do governo soviético e que nunca poderá haver paz nas américas enquanto a ilha cubana permanecer sobre o regime de Fidel. Seguido disso há o argumento de que o Brasil, depois da implantação da PEI fugiu de seu lugar como um dos líderes da OEA, mostrando assim que “se distancia do último bastião livre das Américas (os EUA)”.

O editorial deixa clara uma possível simpatia de Goulart ao regime cubano e de que a teoria do governo de defender a autodeterminação dos povos não existe em Cuba, já que lá não funciona uma democracia.

Em outras palavras o texto chama o presidente de comunista por não apoiar os EUA do mesmo jeito que as outras nações americanas. Parece que a postura do governo brasileiro de ter uma opinião independente e pacifista sobre o evento não é a mais adequada pelo jornal. Como dito antes, o Brasil não colabora para a legitimidade da decisão da Casa Branca.

Como se um só editorial não fosse algo especial no curso do jornal, eis que surge mais um também na capa. Dessa vez é transcrita uma carta do Diretor-Redator-Chefe Roberto Marinho à imprensa norte-americana que segundo o jornal havia pedido seu comentário sobre o posicionamento brasileiro perante a crise.

Nessa breve resposta, Marinho praticamente resume os argumentos do primeiro editorial e o termina dizendo que:

O Brasil, sob o governo João Goulart, já evoluiu muito de suas simpatias iniciais pelo governo cubano. Mas, apoiado pela imensa maioria do seu povo e pelas classes armadas, será, estejam certos um aliado leal e sem restrições dos Estados Unidos na sua dramática luta contra a estúpida tentativa de se constituir no Continente uma base a ameaçar o direito dos americanos de viverem livremente. (O GLOBO, 25/10/1962; Capa)

Roberto Marinho separa a população, o governo e as “classes armadas”, como um tripé que constituiu o Brasil, e que ambos estariam focados em ajudar os EUA seja em que decisão for tomada. Ora aliar-se “sem restrição”, significa submissão sobre uma nação externa, algo que a justamente a PEI queria evitar. O Brasil já se levantara como uma das maiores nações do mundo, e certamente a maior força da América Latina a tentativa do governo era de ter uma posição própria, algo criticado pelo jornal e seu chefe.

Ora, é de se entender o apoio do próprio jornal ao golpe dado dois anos depois da crise. Havia uma séria confusão do que era o governo e a “classe armada”. Nos dois editoriais eles são colocados lado a lado, quando na verdade a segunda é subalterna da primeira.

Para fazer pressão no presidente e mostrar apoio popular aos EUA logo na primeira capa temos a notícia de que os foguetes em Cuba podem atingir Brasil e Canadá, e de que o “povo” se manifesta contra as armas soviéticas que estão no caribe.

Há ainda um telegrama de Lacerda, então governador da Guanabara, para Kennedy, congratulando-o pela decisão e mostrando posicionamento parecido com o do editorial do jornal. Ainda na capa ficamos sabendo de que uma ação militar acontecerá caso as bases não sejam desmontadas e que oito países latino-americanos querem participar do bloqueio norte-americano.

Todos os elementos acima, as notícias, os editoriais, as manifestações, o telegrama e o apoio de outras nações, constituem um posicionamento bem claro do jornal: não só o apoio ao bloqueio quanto o prévio suporte a uma possível excursão militar.

Apenas no começo do primeiro editorial é apresentada a possível escalada para a destruição total da humanidade, sem uma análise mais profunda de como essa escalada poderia acontecer, e transferindo a culpa do possível confronto para a URSS.

A partir das próximas páginas o jornal é inundado por matérias relativas à crise, apenas o obituário não toca no assunto. Nessa edição há uma maior cobertura do lado soviético até porque o primeiro-ministro havia discursado em rede nacional no dia anterior. Apesar da repercussão das respostas de Khrushchev ter sido quantitativamente menor do que o discurso de Kennedy.

No bojo da busca pela legitimidade temos publicados o apoio da França e do Reino Unido ao bloqueio, inclusive os Britânicos deixam claro o perigo que Cuba traz a

todo hemisfério. Há também um reforço do apoio da OEA e uma ênfase na posição do Uruguai sobre a crise.

O Globo também realiza grande cobertura sobre uma série de manifestações que ocorriam no Brasil em apoio a decisão de Washington. Também se falava daqueles que eram contra, mas com muito menos espaço. Nesse momento caracteriza um esforço para mostrar o posicionamento popular perante a crise.

A partir daí as matérias cobrem o fato de nenhuma das duas superpotências estarem disposta a começar o conflito e de que apenas atacarão se forem ameaçadas. Contudo, o tom usado para reportar as declarações do governo norte-americano tem um tom de firmeza e busca pela solução enquanto o soviético parece vazio e mentiroso.

Ainda nesse dia é pela primeira vez que o termo “paz de U-Thant” foi usado, já que o secretário geral interino da ONU, U-Thant, estaria disposto a negociar um fim para a mais séria crise da Guerra Fria. Inclusive esse seria o nome dado ao acordo de trégua da crescente animosidade entre as duas superpotências.

Foi nessa edição de quinta-feira que dois outros elementos cruciais para a crise surgiram, e por enquanto são pouco levados como relevantes pelo jornal: A ainda não comprovação de que há ogivas nucleares em Cuba e de que a URSS estaria disposta a trocar suas bases de mísseis em Cuba pelas bases dos EUA da Turquia e Itália (essa segunda não é citada).

A partir da dúvida sobre a existência de ogivas nucleares, o jornal passou a não tratar mais os mísseis como nucleares, talvez essa abordagem anterior seja pela falta de conhecimento técnico ou da má informação das agências de notícias internacionais. O fato é que mesmo com essa correção sutil, nada é dito sobre os erros técnicos cometidos nas edições anteriores.

A possível troca das bases é tratada em uma pequena nota, dizendo que Kennedy não aceitaria tal proposta. Essa na verdade não foi uma proposta, e sim uma condição, falada através do discurso de Khrushchev. Condição essa que não estava na reportagem do jornal sobre o discurso. Também não é dito nada sobre as bases norte-americanas na Europa serem as possíveis razões para o envio de mísseis para Cuba. Muito menos se coloca em xeque a soberania dos países que receberam tais bases.

Assim, parece que a escolha das matérias e a construção do jornal são feitas para apoiar o ponto de vista político ideológico da empresa jornalística. Ou seria o contrário? Difícil dizer se o povo se manifesta contra os mísseis em Cuba por causa da posição da imprensa ou se é o contrário. O factível até agora é que as edições tentam trazer certa

neutralidade ao mostrar ambos os lados, porém a supremacia quantitativa de matérias para um dos lados quebra na prática essa neutralidade.

**26 de Outubro de 1962, sexta-feira.** Mais uma edição repleta de matérias e notícias sobre a crise, que ainda estava no seu ápice, afinal de contas o bloqueio estava em vigor e qualquer palavra mal interpretada poderia levar a uma escada de violência que poderia culminar com o fim da humanidade.

A capa continha mais notícias nacionais fora do contexto da crise que nas edições anteriores, assim como dentro do periódico. A surpresa é mais um editorial dessa vez com um grande título encabeçando a página. Nele, O Globo explicita novamente o seu ponto de vista exclusivo do evento sem levar em conta outras variáveis do jogo.

Logo no começo do texto é dito que os EUA tinham razões em protestar, afinal de contas, para o jornal, assim que o bloqueio foi posto em vigor os navios soviéticos carregados de armamentos deram meia-volta, enquanto aqueles que levavam suprimentos foram vistoriados e prosseguiram viagem. Tal desdobramento era sinal da razão inicial norte-americana.

Ora, na prática, a volta dos navios com armas mostra apenas que a URSS entendeu o recado dos EUA. E que os EUA entenderam de volta o recado da URSS quando ela instalou armamentos na ilha caribenha. A recuada dos navios russos aponta para o fato de que tudo não passava de um recado a ser dado. E ele foi bem dado.

O que mais chama atenção é o último parágrafo desse editorial: "Armas ofensivas só são fornecidas aos países que desejam ameaçar a paz e a segurança de seus vizinhos. É o caso de Cuba"(O GLOBO, 26/10/1962: Capa) . O próprio jornal esqueceu que em sua própria edição do dia 25 há o pedido de troca da retirada dos armamentos que estão em Cuba por parte da URSS se os EUA tirassem os seus armamentos da Turquia. Ao defender a posição de defesa dos EUA perante Cuba, o jornal acaba sem se dar conta, defendendo a posição soviética diante da Turquia.

Com exceção desse grande editorial a primeira capa do dia também contém a manchete de que os EUA só negociarão se a URSS se comprometer a tirar as suas bases de Cuba. Esse compromisso formal se transformará na chamada "paz de U-Thant". Porém extraoficialmente o que ocorreu foi a troca de desativação das bases.

Novamente o jornal é taxativo ao mostrar a posição firme do governo de Kennedy. Mesmo já tendo ferramentas suficientes para analisar a crise de um ponto de

vista pragmático, que é a forma com a qual o próprio governo brasileiro trata o evento, o jornal não o faz, e continua com a exposição de sua linha ideológica.

Ainda sem sair da capa, outras menções saltam aos olhos. Podemos ver o título: “Caminho fechada para as armas da agressão”, “Eis as provas” e “Faltava alguma coisa na pecinha da UNE”.

Na primeira é retomado o fato de alguns navios, aparentemente com armamentos, terem voltado para a URSS antes de passar pelo crivo do bloqueio norte-americano, e ignoram-se os desdobramentos políticos e a simbologia desse fato. A segunda trata da reunião no conselho de segurança na qual o representante norte-americano mostra fotos das bases de mísseis em cuba.

Já a terceira talvez seja a maior prova de como a ideologia do jornal salta diante dos fatos. Há uma foto de estudantes encenando algo em uma escadaria, a legenda explica: “No palco improvisado pela UNE nas escadarias do Palácio Tiradentes, não havia cenário. Talvez por isso – ou, quem sabe por má fé? – na pecinha representada ontem, pelo chamado Centro Popular de Cultura, sobre o bloqueio de Cuba, não estavam representadas as bases soviéticas, com seus foguetes prontos para ser disparados contra qualquer ponto do Continente; faltava também um “paredón”, manchado pelo sangue de centenas de vítimas da tirania fidelista. A pecinha antecedeu um comício de pregação comunista, e nela abundaram alusões ao “imperialismo Ianque”, e outros chavões da propaganda do PCB no Brasil. Mas os “estudantes”, às custas da crise que preocupa todo o mundo, parece que se divertiram”

A capa ainda contava com um comunicado de adiamento da visita ao Brasil de Kennedy para Goulart, o apoio dos advogados brasileiros ao bloqueio de Cuba, e uma reportagem sobre como o voto do representante brasileiro na OEA.

O conteúdo dentro do jornal se diversifica pouco do da capa, em sua maioria apenas desdobramentos dos mesmos assuntos mais aprofundados ou continuações de edições anteriores. As outras matérias tentam trazer mais legitimidade, com o apoio de Canadá e reafirmação do Reino Unido.

Assunto também trazido é a aceitação de ambos os líderes mundiais ao apelo de U-Thant. Apesar de importante o assunto não está na primeira página. Depois disso traz a ideia da notícia de que Kennedy só negociará se as bases estiverem retiradas. Difícil saber se o editor de fato lê todo o jornal. Se anteriormente O Globo expõe que ambos aceitaram conversar é um tanto sem sentido falar das exigências de um dos lados.

Voltando para o ponto de vista ideológico, fora da crise, essa edição além de trazer o “desabafo” na legenda da foto dos estudantes da UNE, também produziu uma matéria na qual relata “O drama de uma família estoniana na URSS” e como eles eram infelizes naquele regime.

Mas o que mais impressiona é que nem o jornal, nem as pessoas que nele exprimiam suas opiniões terem enxergado algo que o governo já tinha visto desde o início: que essa crise não passava de uma troca de recados. Obviamente para quem está envolvido no conflito fica difícil de perceber isso, mas todos os elementos mostram isso, como cada superpotência reagiu aos passos uma das outras e suas motivações.

Talvez seja mais compreensível quando observamos através das reuniões do *ExComm* que apenas o presidente Kennedy entendeu esse diálogo, e foi talvez sozinho, a pessoa que evitou a escalada para uma guerra nuclear.

Do ponto de vista editorial do jornal, parece que a visão de Brasília é tratada como simpática ao bloco socialista, e que deveríamos fazer como alguns vizinhos e o próprio jornal, e darmos apoio incondicional as ações de Washington. Felizmente o governo parlamentarista do Brasil não agiu dessa forma.

Como nota de curiosidade há um título de uma reportagem muito interessante: “Generais reafirmam a posição democrática do nosso exército”. Nela, alguns generais afirmam que o exército está comprometido com a sua hierarquia e seguirá o seu dever constitucional acima de tudo. Parece que muita coisa mudou em menos de dois anos.

**27 de Outubro de 1962, sábado.** Na penúltima edição da cobertura da crise durante o seu período histórico, a quantidade de matérias relacionadas imbróglio das superpotências cai consideravelmente, mas a linha seguida de atacar a política externa do governo não muda.

Logo na capa o leitor já tinha um grande alívio, ambos os países haviam decidido aceitar a proposta de paz de U-Thant. Contudo, O Globo reforça que tal acordo não passou pela fraqueza de Kennedy: “[...], contudo continua a insistir no desmonte das bases ofensivas” e do outro lado: “Khrushchev salientou o caráter temporário da trégua ao ordenar que os barcos russos não entrem na zona de bloqueio”. O futuro é promissor, mas a “agressão” ainda está viva.

Nessa mesma capa ainda temos uma grande foto das bases de mísseis em Cuba com a explicação do que é cada instalação. Outra matéria aponta para a agora possível existência de ogivas nucleares na ilha caribenha. Com essas duas reportagens vemos a

visão do jornal mudar drasticamente, principalmente porque ele chama as instalações de mísseis de “base de teleguiados” e alerta para o fato de poder haver ogivas nucleares.

A anterior “ameaça nuclear” é substituída por “teleguiados”. Não são citadas nem as matérias anteriores, muito menos o discurso de Kennedy, já que ambos afirmavam que se tratava da existência de ogivas nucleares. O periódico também não se preocupa em dar qualquer detalhe operacional dos mísseis, como seu tipo, nomes, funções ou até mesmo que tipo de ogivas poderiam transportar. Apenas o seu alcance é realçado, nada mais.

Daí partimos para a repercussão em âmbito nacional. Dessa vez o jornal publica uma possível insubordinação envolvendo o representante brasileiro na OEA, Pena Marinho, que votou a favor do bloqueio na reunião da organização em que foi decidido o apoio a Washington. Segundo o jornal tal voto poderia ter sido uma determinação unilateral do diplomata já que, para o Globo, o governo não tinha tomado um posicionamento firme sobre a crise.

Desde os primeiros pronunciamentos, Goulart e o primeiro ministro foram categóricos ao apoiar a decisão pacífica encontrada por Kennedy, apenas ressaltaram que não apoiariam qualquer ação violenta baseados no direito de autodeterminação dos povos, visto que uma ingerência militar acabaria por invadir Cuba e interferir em assuntos domésticos.

Esse ponto de vista do governo é rechaçado pelo jornal, que em suas sucessivas edições vem mostrando apoio de outras organizações para um posicionamento mais alinhado à Washington. Na edição anterior fala-se do pedido da ordem dos advogados, nessa, o jornal traz um apelo dos industriais a uma postura mais firme de Goulart.

Para fechar a capa do dia, há um grande quadrado dentro do qual fica difícil de saber se o texto e foto exibidos se tratam de um editorial ou reportagem, mas pelas características gerais podemos dizer que ele segue as linhas mais parecidas com a de um editorial.

O jornal argumenta que o governo está tomando atitudes pesadas contra democratas – dando como exemplo a expulsão de três cubanos anticomunistas do país-, e leve contra comunistas – contando que “crimes” cometidos por Leonel Brizola não são levados a punição ou julgamento.

Nessa capa temos uma clara demonstração de insatisfação com o governo nacional. É colocada em xeque a capacidade do presidente de comandar seus subalternos, como no caso do diplomata, e seu verdadeiro compromisso com o

capitalismo e a democracia, valores constitucionais do Brasil, ao associar a aparente neutralidade na crise e pouca disposição para combater os comunistas no país.

Dentro dessa edição o tom pouco muda, é mostrada a pressão de deputados e outros parlamentares, e até das “Mulheres Paulistas” a uma postura mais agressiva do governo brasileiro perante a crise. Há uma clara tendência para mostrar pressão sobre a postura de Goulart.

Sobre o adiamento da visita de Kennedy ao Brasil, o jornal é categórico: “O desafio à paz no hemisfério fez Kennedy adiar sua visita ao Brasil”, ou seja, até no adiamento da visita do ilustre presidente estadunidense a URSS tem culpa. E mesmo assim o governo brasileiro não toma nenhuma atitude drástica a favor do bloqueio.

No foro mais específico da crise, temos a cópia de parte dos telegramas de Kennedy e Khrushchev para U-Thant nos quais eles aceitam a proposta de paz feita pelo secretário geral da ONU. Sempre que o acordo de paz é posto nesses termos o jornal nos lembra de que o os EUA só negociarão com o desmante das bases soviéticas em Cuba.

A busca pela afirmação da legitimidade do ato do bloqueio não para, o jornal dá espaço para uma reafirmação do “povo” francês, do Inglês e do alemão, dizendo que todos dão total apoio a decisão tomada. Agora tal reportagem não só dá legitimidade como tem clara intenção de pressionar o governo a fazer o mesmo. Pelo menos até agora, não é publicado nada que acrescente as declarações de Goulart.

As linhas mestras do jornal até agora partem de alguns pontos bem específicos: mostrar a correta tomada de decisão de Kennedy, reconhecer o direito de um eventual ataque à ilha cubana já que ela teria sido responsável pela desestabilização da paz no continente e com isso derrubar Castro, negar o ponto do discurso do governo brasileiro de que os cubanos deveriam resolver seus próprios assuntos internos ao tentar mostrar que as ações feitas na ilha são decididas em Moscou e, finalmente, rotular as declarações do governo como simpáticas ao regime socialista.

Tanto nessa quanto em outras edições, as matérias são arranjadas e títulos são escolhidos para comprovar essas linhas de pensamento. Em nenhum momento há a tentativa de explicação técnica do que se passa ou das motivações do lado soviético e cubano para a instalação de tais armamentos do ponto de vista político. As dualidades agressor e defensor, bom e mau, são constantemente usadas e repetidas com clara associação de quem é quem nessa crise.



**29 de Outubro de 1962, segunda-feira.** A tensão da crise dos mísseis acaba, e com ela o último periódico analisado. Coincidência ser em uma segunda-feira, justamente o dia da maior e mais importante edição da semana. Mesmo assim ainda existe grande atenção e importância para o desfecho da crise.

Nesse último momento as atenções são desviadas do foco internacional e sutilmente, às vezes nem tanto, direcionadas para a situação nacional. Com a nova política externa do Itamaraty de não apoiar uma futura escalada violenta para o caso e a então célebre frase do primeiro ministro Hermes Lima: “Cuba tem o direito de fazer a experiência política que quiser” é que o jornal junta a maior parte de informações possíveis para apoiar sua posição crítica ao governo de Goulart.

Logo na principal manchete revela-se que a autodeterminação do povo cubano foi parar em Moscou e que o fim da crise abriu uma campanha de terror de liderada por Fidel pela América Latina. Seguindo temos outro grande editorial de capa argumentando que a base teórica do governo de que Cuba deve decidir o seu destino está errada, já que as decisões que norteiam a ilha caribenha são tomadas na URSS.

Ao mesmo tempo em que critica a atitude do governo brasileiro e para dar legitimidade a essa crítica, o jornal traz uma foto mostrando cartazes colocados em muros do Rio nos quais a população apoiaria o presidente Kennedy, tratando suas decisões e posturas como vitais para a paz no continente. Ora, se o povo apoia Washington completamente e o governo o faz com ressalvas, na visão do jornal faltaria legitimidade e razão para Goulart.

Logo em seguida exemplificam o governo norte-americano como um padrão a ser seguido pelo nosso, um modelo a ser copiado. Parágrafo chave para isso está na coluna de Eugênio Gudín: “Se o governo brasileiro, de fato, deseja libertar o povo brasileiro da miséria, seu problema máximo, não vejo melhor modelo a imitar do que o dos Estados Unidos.”. (GUDIN, 29/10/1962: 2)

Segue-se então uma tentativa do periódico de revelar uma possível simpatia do governo com os líderes socialistas. Mais a frente no jornal, temos uma reportagem que trata de uma declaração do primeiro ministro brasileiro, na qual ele revela que a decisão da URSS contribuiu para a manutenção da paz no mundo. E no final o jornal cita uma declaração do Marechal Tito, líder da Iugoslávia, um dos países da cortina de ferro, na qual ele diz que o Brasil poderia ser o líder dos países da América Latina.

A partir daí temos uma mistura nos assuntos referentes à crise, ora o jornal fala da firmeza de Kennedy, ao só negociar com as bases soviéticas desmontadas, ora são

abertas mais reportagens para contar como outros países aliados aprovam e “respiram aliviados” com a solução norte-americana para o caso. Voltando assim a mistura de legitimidade e firmeza de postura sem deixar de lado o princípio de defesa.

Inclusive nessa edição é finalmente citada, sem a devida importância, da troca de bases sugerida por Khrushchev, a de Cuba pelas da Turquia. Ela acontece justamente em uma parte do jornal na qual é difícil dizer se é um editorial ou reportagem. O fato é que alguém cujo nome nem posição não são ditos, classifica a troca como sem cabimento, já que as bases da OTAN, sob o comando norte-americano, com artilharia nuclear que estão na Turquia tem um caráter defensivo, enquanto a cubana tem propósitos violentos. Agora, o porquê da tão diferente classificação para bases com capacidades parecidas não é dada e nem a questão é retomada depois.

Nessa última edição, com a composição e o tom das reportagens e editoriais, é claro perceber que há uma adoração pelo modelo norte-americano que deve ser copiado “Ipsis litteris”. Para provar isso temos uma enxurrada de demonstrações de apoio às ações de Kennedy. Enquanto tudo que é feito pelo eixo socialista é tratado como ofensivo e invasivo, retirando direitos e liberdades dos seus países aliados, que raramente são citados.

Enxerga-se também nas atitudes independentes da política externa brasileira um desalinhamento dos ideais de Washington, afinal de contas para ser independente não se pode alinhar a lado algum. E que tal passo fora do ritmo dos EUA significaria uma simpatia pelo bloco soviético. Daí, com o passar do tempo, tenta-se mostrar que as decisões de Goulart só acabam isolando o Brasil.

#### **2.4 Análise geral da cobertura da Crise dos Mísseis de 1962**

Como publicamente a crise só foi deflagrada depois do discurso de Kennedy, algumas edições do jornal anteriores a esse dia nos deram uma boa noção da sua postura em relação a dualidade “capitalismo x comunismo”, na cobertura de eventos com embate direto das duas ideologias e na propaganda do modelo estadunidense.

Não podemos deixar de lado o fato de estarmos analisando um produto de uma empresa de comunicação cujo principal objetivo é o lucro. Lucro esse obtido pelas vendas das publicações diárias. Logo, um modelo como o soviético que acaba com a propriedade privada atinge diretamente os interesses comerciais da empresa em questão.

Seria ingenuidade de qualquer leitor achar que o jornal, como empresa, apoiaria e incentivaria o crescimento da aproximação de nosso país com a URSS. E como estamos num momento de dualidade, se um lado não é agradável, que nos aproximemos do outro. Esse outro são os EUA, com um modelo econômico, político e social extremamente compatível e benéfico para empresas como a analisada.

Já o governo brasileiro, na época, tentou enxergar uma possível saída para o inevitável alinhamento à direita ou esquerda. E uma política externa foi montada visando a construção de decisões independentes, na qual não estaríamos pareados com interesses norte-americanos, já que até então esse alinhamento não havia trazido os lucros imaginados.

Essa postura independente também é atacada pela ideologia do jornal, e em alguns momentos o periódico enxerga o desalinhamento com os EUA como uma aproximação dos soviéticos. A exaltação do modelo e das decisões estadunidenses algumas vezes é usada para tentar provar que o governo de Goulart está errado na sua tomada de postura.

Outras vezes o jornal usa da montagem e abordagem de suas matérias para provar o seu ponto de vista, como no seu apoio as decisões norte-americanas sobre Cuba, ou na crítica ao governo nacional. Mostrar o apoio de grandes países europeus às decisões norte-americanas enquanto o Brasil abre ressalvas ou na publicação de fotos com o “povo” colando cartazes agradecendo a Kennedy pela manutenção da paz, enquanto o nosso primeiro ministro elogiava as decisões de Khrushchev, são apenas alguns exemplos de como esse arranjo foi usado.

O que por vezes é muito confundido é a opinião ideológica do jornal com a cobertura e análise dos fatos. O medo de uma guerra nuclear ou de uma possível troca de lado do governo brasileiro, parece cegar a construção do periódico, é quase possível sentir essa tensão nas manchetes. Talvez esse sentimento tenha afetado o lado profissional das matérias.

O temor de um golpe comunista ou de crescer a simpatia do povo pelo lado soviético aparenta congelar a capacidade analítica do Globo, em alguns momentos parece que as matérias são construídas para dar legitimidade artificialmente às decisões norte-americanas e deixam a URSS na postura de usurpadora do povo cubano e responsável pela quebra da paz em nosso continente.

Vemos o cenário nacional tendo tanta importância quanto os acontecimentos externos em reação direta a crise. Se olharmos para as últimas edições é possível

perceber que as declarações do governo brasileiro sobrepõem as de Washington. É dada uma ênfase a postura de Goulart desproporcional a sua representatividade no cenário internacional, afinal de contas, durante nenhuma reunião da *ExComm* ouvimos a preocupação com os pronunciamentos brasileiros.

Mais do que o prenúncio de um conflito bélico, o lado ideológico é colocado em primeiro plano. As atitudes do governo norte-americano, as motivações para a instalação das bases de mísseis pela URSS, assim como a relação entre Cuba e URSS não são tratados estrategicamente, o conflito ideológico vem sempre à frente.

Surge a teoria de que os EUA estão não só se defendendo, mas prevenindo uma guerra no continente, além de impedir a “ameaça” socialista de se espalhar pela América. Cogita-se inclusive um apoio a uma eventual invasão terrestre que “livraria o povo cubano do controle externo através do governo de Fidel”.

“Uma análise pode gerar várias hipóteses sobre o porquê de a União Soviética ter decidido mandar mísseis nucleares para Cuba: para defender Cuba, ratificar a estratégia do equilíbrio nuclear ou prover uma vantagem no confronto por Berlim.” (ALLISON; ZELIKOW, 1999: 380)<sup>5</sup>. Essa análise ficou de fora das edições em detrimento da massificada acusação de agressão por parte dos cubanos e soviéticos. Faltou uma postura racional e menos ideológica na abordagem dos motivos para a instalação dos mísseis.

Outra análise deixada de lado foi a técnica. O equívoco de Kennedy ao chamar a ameaça de “nuclear” foi repetido por muitas edições mesmo sem ninguém ter tido acesso a provas que mostrassem a presença de ogivas nucleares, apenas os mísseis foram achados. Além disso, o jornal por vezes veicula que o alcance de tal armamento incluiria o território brasileiro, dando grande alarde e repercussão da situação, contudo não explica as motivações para se lançar um míssil em nosso país. É dada mais importância para o fato deles ameaçarem parte do território nacional do que a sua capacidade de atingir a capital Washington, o que politicamente tinha muito mais relevância.

Assim sendo podemos dividir a cobertura do ponto de vista interno e externo, ambos com profundas implicações para as declarações e postura do governo nacional. Logo nas primeiras edições ficamos sabendo da visita que Kennedy faria em novembro

---

<sup>5</sup> Tradução do Autor : A analysis can generate various hypotheses about why the Soviet Union decided to send nuclear missiles to Cuba: to defend Cuba, rectify the strategic nuclear balance, or provide an advantage in the confrontation over Berlin.

daquele ano. A cobertura dos fatos que cercam a visita é em geral positiva e mesmo assim não deixam de alfinetar Goulart, principalmente ao mostrar descontentamento com a mudança de um jantar de gala do Rio para Brasília.

Na verdade toda a cobertura que inclui o presidente norte-americano tem um plano bem positivo e idealizado do estadista e suas decisões. Por vezes ele é tratado como grande líder mundial protetor da paz e do modo de vida capitalista. Contudo em nenhum momento o associam com a tentativa de invasão em 1961 por exilados cubanos que resultou em um tremendo fracasso.

Na época não poderia se dizer ao certo de que tais exilados tinham apoio dos EUA, mas mesmo sem uma versão oficial, era possível ligar um fato a outro, já que tanto o país onde esses exilados tiveram treinamento e as pessoas ligadas à invasão tinham ligação com o governo norte-americano.

Mesmo esse sendo um ato de agressão, o jornal provavelmente cobria da mesma forma como fez com os outros assuntos que permeavam a invasão da ilha caribenha. Para ele, como deixa claro em outras situações semelhantes durante a crise, tal ato de guerra seria validado pelo desejo de liberdade da população daquele país já que eles estão sob um regime imposto a força por uma nação estrangeira, a URSS.

É essa postura de agressão à ilha que o governo brasileiro se coloca contra. Em nenhum momento algum membro diplomático ou executivo brasileiro se mostrou contrário ao bloqueio, mesmo com o jornal veiculando que o diplomata brasileiro na OEA teria votado a favor do bloqueio contra a vontade de Goulart, o que não era verdade. O Estado brasileiro era contra o uso da violência que poderia ser empregado para a invasão de Cuba, daí a defesa pela “autodeterminação dos povos” e defender o direito cubano de realizar a experiência política de quisesse, assim como era contrário ao uso dos mísseis por parte da URSS.

A abordagem dos eventos seguidos da cobertura analisada deixa clara a linha ideológica apresentada pelo jornal. Primeiro há a divulgação de Kennedy da existência de um arsenal atômico com capacidade de atingir a maior parte do continente, seguido de um decreto unilateral de um bloqueio a navios e aviões que levem material bélico para Cuba. Não se pergunta se de fato existe um arsenal atômico, o jornal publica tudo que foi dito sem nenhuma ressalva ou crítica. E como se tratava de uma decisão unilateral, logo se coloca o apoio de diversas nações à decisão norte-americana, enquanto outras precisam de tempo para dar um parecer, como no caso do Brasil.

O conselho de segurança da ONU e a OEA correm para dar um parecer sobre a situação e logo votam de forma favorável a decisão norte-americana, dando mais legitimidade ao ato. O jornal não procura conhecer os motivos do apoio tão repentino de algumas nações e tão demorado de outras. O Brasil se pronuncia a favor, mas com ressalvas, o que foi largamente atacado pelo jornal.

Em um segundo momento Khrushchev faz um pronunciamento em rede nacional falando sobre o assunto. A cobertura sobre as palavras do primeiro ministro soviético e de seu desdobramento não tem comparação com a de Kennedy. Há apenas uma menção a positiva resposta brasileira ao discurso russo.

Nesse discurso se ventila a possibilidade das trocas da base de Cuba pelas da Turquia, que poderia ter sido inclusive a motivação da instalação soviética na ilha caribenha. Tal possibilidade é rechaçada pelo jornal, classificando a base cubana como ofensiva e a turca como defensiva, sem dar mais explicações.

Da perspectiva de Moscou, os mísseis deveriam ser um recurso bélico dado ao aliado cubano contra ataques norte-americanos e para que os EUS pudessem ‘provar um pouco do próprio remédio’ depois da decisão de JFK ativar os mísseis Júpiter na Turquia. (STERN, 2012: 2)<sup>6</sup>.

Mesmo para quem estava no meio da crise, essa intensão não seria difícil de ser cogitada. E a única vez que ela apareceu no jornal foi para dizer que era absurda, sem nenhuma explicação dos motivos dessa opinião.

Ambos os governantes são persuadidos a negociar um acordo de paz pela região através da ideia do então secretário geral da ONU U-Thant. Nessa conversa fica acertado que as bases cubanas serão imediatamente retiradas com a promessa norte-americana de não invadir a ilha cubana. Ora, um acordo desse tipo deixa claro de que a instalação dos mísseis teve como intenção a proteção da soberania cubana e não um ataque a outros países.

Com o fim da teoria “agressor X agredido”, partiu para a ideia de que a soberania cubana não estava em Havana, mas sim em Moscou, e uma possível invasão a Cuba não seria ruim, já que trairia de volta o poder para o povo, pelo menos na teoria. Mesmo com o desenrolar dos fatos indicando uma manobra política de proteção aos interesses soviéticos na ilha, diferente da teoria agressiva sustentada antes no discurso de Kennedy, o jornal continua a dar total apoio para o presidente norte-americano.

---

<sup>6</sup> Tradução do Autor : From the perspective in Moscow, the missiles were meant to provide a beleaguered Cuban ally with deterrence against covert or overt US attacks and to give the Americans ‘a little of their own medicine’ after JFK’s decision to activate the Jupiter missiles in Turkey.

A postura do governo brasileiro de não apoiar uma futura invasão é vista como aproximação dos países da cortina de ferro, e todas as ações e declarações oficiais são mostradas como críticas a atitude de John Kennedy, e de simpáticas a Khrushchev que já era intitulado como o homem que acabou com a autodeterminação do povo cubano e trouxe turbulência para a paz no continente.

Tanto pelo frágil momento político vivido no Brasil quanto pela queda de braço internacional que também colaborava para a instabilidade interna, o jornal deixou de lado o seu posicionamento profissional de cobertura isenta e imparcial do evento e o relatou com grande temor dos desdobramentos políticos que dali poderia sair.

Isso pode explicar o fato do jornal ter sido tão crítico a postura independente do governo, quanto o seu excessivo elogio as ações de Kennedy. O medo parece ter sido elemento crucial para a escolha dos assuntos, confecção das matérias, a direção do conteúdo jornalístico e editorial, além do posicionamento crítico ao governo nacional.

### **3 A CRISE DA COREIA DE 2013**

Diferente da crise anterior essa dificilmente culminaria em uma destruição total. Os fatores envolvidos aqui são regionais e mexem diretamente com todos os interesses de todos os atores e seus respectivos interesses em uma das regiões mais importantes do mundo

#### **3.1 Antecedentes Históricos**

Entre 1910 e 1945, até o final da segunda guerra mundial, a península coreana fez parte do império japonês. Com a derrota do eixo o Japão foi proibido de manter suas colônias ou fundar novas, deixou de ser uma nação imperialista. Com isso o caminho da independência da região estava aberto, já não existia uma metrópole opressora.

Mas o mundo não era simples. O exército vermelho soviético havia aberto caminho marchando do norte para o sul até chegar ao paralelo 38 quando encontrou com o exército norte-americano, que lá havia chegado um pouco antes com o intuito de criar uma base de apoio para a invasão às principais ilhas japonesas.

Com a disputa ideológica por zonas de influência típica da guerra fria não ficou decidido como seria a independência da península e com isso tanto as forças estadunidenses quanto as soviéticas desocuparam a região em 1948 e 1949, respectivamente.

Criaram-se então dois países distintos divididos pelo Paralelo 38 Norte. Logo cada país reivindicou para si o controle de toda península: pelo sul a República da Coreia, também conhecida como Coreia do Sul e pelo norte a República Democrática Popular da Coreia, chamada de Coreia do Norte. Essa reivindicação mútua não foi solitária, a causa do sul foi apoiada pelos EUA e a do norte pela URSS.

Foi então que em 1950 o Norte decide invadir o Sul e unificar a Coreia sob as suas cores e regime. Graças a uma manobra política norte-americana, o conselho de segurança da ONU resolve intervir militarmente na região, nesse caso sob a liderança do exército estadunidense. No primeiro momento fora utilizada parte da tropa que estava servindo no Japão ocupado. (HOBSBAWM, 1995: 200)

O confronto durou três anos, o Norte tinha apoio bélico da URSS e China, enquanto o Sul contava com o suporte militar dos EUA e seus aliados. Nesse período as



fronteiras de cada país ora se deslocava para norte, ora para sul. As animosidades diminuem depois de um armistício entre as duas nações, a guerra na teoria ainda está em curso, colocando a fronteira entre as duas de volta no Paralelo 38 Norte.

A Guerra da Coreia, em seu período mais sangrento, de 1950 a 1953, levou a morte 40 mil norte-americanos, 600 mil chineses e mais de dois milhões de coreanos, sulistas e nortistas, civis e militares.

Sem uma definição sobre a unificação da península, os dois lados passaram a ser governados por ideologias e regimes completamente diferentes, assim como suas influências se encaixavam na bipolaridade intrínseca a guerra fria. URSS e China, apesar de ambos serem socialistas, não eram aliados mas apoiavam a Coreia do Norte, e EUA e seus aliados ocidentais apoiavam a Coreia do Sul. (HOBSBAWM, 1995: 205)

Os sul-coreanos se tornam uma república liberal democrática capitalista, apesar de sofrerem dois períodos de ditadura militar nas décadas de 1960 e 1980. Contudo a partir de queda do último regime militar o país desfruta de uma notável estabilidade política.

Já no norte se instaurou uma ditadura militar socialista com padrão monárquico na sua linha sucessória. Lá, o então, líder supremo acumula cargos centrais para a manutenção e administração do regime como chefe do partido comunista, o único partido do país, e chefe das forças armadas. Desde a sua fundação, a Coreia do Norte é governada pela família Kim, mais precisamente por 3 membros dessa família na seguinte ordem: Kim Il-Sung (1948-1994), Kim Jong-il (1994-2011) e Kim Jong-Un (desde 2011). O grau de parentesco entre eles é respectivamente, avô, pai e filho.

Sem um fim teórico da guerra entre os países, ambos buscaram o desenvolvimento de armamento atômico nas décadas posteriores ao armistício. Contudo, os líderes de cada bloco usaram da barganha para desencorajar o surgimento de mais nações nucleares. Na década de 1970 os EUA persuadiram os sul-coreanos a abandonar seu programa nuclear dando uma série de vantagens comerciais e financeiras, já na década de 1980 foi a vez da URSS substituir o desenvolvimento de armas de destruição em massa do norte pela instalação de uma usina nuclear no país que atendessem ao anseio local por energia.

Com o fim da guerra fria e a queda da URSS a Coreia do Norte estava sem o seu maior provedor e protetor. Para manter o regime, iniciou-se uma nova busca por um armamento atômico. Nessa época também eclodem diversas crises na região, todas com a finalidade de criar um ambiente de receio da volta das animosidades para

posteriormente uma rodada de negociação trazer de volta a paz e assim assegurando a manutenção do regime da família Kim.

### **3.2 Estratégias**

Esse capítulo focará nas diversas formas de atuação do governo norte-coreano que visam a estabilização e manutenção do poder, do regime e a concentração do comando nas mãos da família que lá está.

#### **3.2.1 Estratégia “ferocidade, fraqueza e loucura”**

A questão interna central mais recente na Coreia do Norte é a manutenção do regime. Desafio que Kim Jong-Un começou a viver depois da morte de seu pai, em 2011. O maior problema do atual líder supremo é manter o seu poder, lealdade e subordinação dos militares sob seu comando, já que a tradição e cultura coreanas privilegiam aspectos que o próprio líder não tem.

Un não é nem o filho mais velho de seu pai, é apenas o terceiro de quatro irmãos e hoje está apenas com 31 anos, tinha apenas 28 quando subiu ao poder. Além disso, ele passou a maior parte de sua vida estudando no exterior, formando-se em Berna, Suíça. Como se não bastasse, sua mãe, apenas de ser coreana, nasceu e viveu no Japão onde era bailarina.

Além de ter pouca idade, pouca vivência no país e uma parte da família pouco identificada com a cultura local, ele ainda teve todos os títulos militares que possui inventados ou nomeados pelo seu pai e antecessor. Assim, colou-se no poder um jovem adulto que não tem experiência militar nem tão pouco parece ter conhecimento daquilo que está fazendo.

Para não ser derrubado pelo próprio exército que comanda, ou ter uma iminente invasão externa a sua porta, Kim tem tentado demonstrar força perante os seus subordinados e a população. Testes nucleares e ameaças a inimigos como EUA, Coreia do Sul e Japão são apenas algumas tentativas de mostrar comando e poder.

Desde o fim da URSS e com as sucessivas crises que eclodem na península coreana surgiu uma teoria adotada por alguns especialistas de relações internacionais chamada de “ferocidade, fraqueza e loucura” que pode descrever bem como a Coreia do Norte se mantém estável politicamente e não sofre com ataques externos.

Cada um dos elementos dessa teoria trabalha em conjunto e são usados com inteligência para garantir a manutenção do governo. Com Kim Jong-Un no poder cada elemento dessa teoria se acentua visando demonstrar o seu poder como comandante supremo do país.

Fernandes (2013) Assim caracteriza a estratégia norte-coreana atual:

**Ferocidade** - os norte-coreanos posicionam-se como ferozes, ao parecer que possuem ou estão à beira de possuir armas nucleares. No início, a sua ferocidade estava limitada ao armamento convencional e a um eventual bombardeamento de Seoul, com a localização de artilharia maciça ao longo do paralelo 38. O objetivo não era atacar, mas sim mostrar que tinham essa capacidade e que poderiam causar danos elevados. Para evitar futuras intervenções ou desestabilização externa, os norte-coreanos decidiram-se pelo desenvolvimento de armas nucleares e mísseis.

**Fraqueza** - fazem-se parecer fracos criando uma ideia de iminente colapso que inviabiliza qualquer intervenção estrangeira tendo em conta o cálculo racional custos-benefícios. Os norte-coreanos venderam a imagem de fraqueza da sua economia, nomeadamente a insegurança alimentar, de várias formas. Foi feito intencionalmente, mostrando apenas vislumbres da sua fraqueza. Com tais debilidades parece o regime que vai implodir a qualquer momento.

**Loucura** - parecem “loucos” ao transmitirem a ideia de que se forem pressionados poderão atacar, independentemente dos riscos devastadores de tal ação, inclusive o suicídio. Dá-se a ameaças extravagantes e a desejar guerra, parecendo loucos. Por vezes afirmam a sua loucura através de incidentes, como o afundamento da corveta sul-coreana, sem razão aparente.” (FERNANDES, 2013: 171).

### 3.2.2 Mantendo a estratégia

Para os elementos da estratégia de perpetuação do regime político funcionar na Coreia do Norte é necessário manter altos gastos com armamentos o que coloca a população em estado de miséria e fome gerando crises de abastecimento e mortandade pela degradação.

O PIB norte-coreano girava na época me torno de 28 bilhões de dólares, 80 vezes menor do que o PIB brasileiro e 600 vezes menor do que o norte-americano, e com uma população de 24,5 milhões de pessoas.

Já em 1994, em seu primeiro ano como líder supremo, Kim-Jong-Il conversou com o pai da bomba atômica paquistanesa, Abdul Qadeer Khan. Nesses encontros, o governante queria uma forma mais barata e eficiente de enriquecer urânio em centrífugas, já que o aparato nuclear local já estava defasado há tempos.

Na época a CN já contava com um grande arsenal militar convencional, capaz de manter a estratégia responsável por gerar crises cíclicas que tão eficientemente mantinha a família Kim no poder. Contudo, com a degradação da economia do país o desenvolvimento nuclear mostrou-se ser mais barato e eficiente do que manter um largo aparato militar convencional. Uma bomba nuclear juntamente com um pequeno arsenal de mísseis garantiria a sobrevivência do regime protegendo-o de invasões externas.

Em 2001, depois do 11 de Setembro e da invasão do Afeganistão por tropas norte-americanas seguida por outra invasão em 2003 no Iraque, Kim-II percebe que os EUA serão incapazes de abrir um terceiro front no extremo oriente e acelera a construção de seu arsenal atômico.

Logo em 2003 ele rompe com o Tratado de não proliferação de armas nucleares, o TNP. Três anos depois, em 9 de Outubro de 2006 a CN testa com sucesso armas nucleares, mostrando ao mundo que seu país estava no caminho para a obtenção de armas de destruição em massa.

Esse teste não gerou uma crise por definição, já que não foram tecidas ameaças contra o Sul e seus aliados. Todavia, mesmo não sendo mais signatário do TNP, há uma proibição internacional contra o desenvolvimento de armamento de destruição em massa. Com isso, o conselho de segurança da ONU aprovou sanções contra a Coreia do Norte. Algo que não parou o progresso das pesquisas muito menos evitou crises futuras.

No espaço de um ano, entre 2009 e 2010, Pyongyang foi capaz de produzir 5 crises que geraram momentos desconfortáveis para seus inimigos no sul e aliados mundo a fora. (FERNANDES, 2013: 200)

A primeira foi em Abril de 2009 com o lançamento de um suposto satélite, o Kwangmyeongseong-2, que foi carregado pelo míssil Unha-2. Sem saber os propósitos do satélite, essas ações levaram a Conselho de Segurança a criticar duramente o lançamento temendo que fosse um satélite espião. (FERNANDES, 2013: 203)

A segunda foi em 25 de Maio do mesmo ano, quando Kim-Jong-Il realizou um segundo teste nuclear. Novamente foi repreendido pelo Conselho de Segurança, que endureceu as sanções de 2006. Novamente isso não freou as intenções de Pyongyang.

Já a terceira ocorreu em Março do ano seguinte, com o suposto incidente que afundou a corveta sul-coreana Cheonan matando 46 militares navais sul-coreanos. Não ficou claro se o incidente foi proposital ou apenas um mal entendido, ou se ainda foi um acidente, sem interferência do governo nortista. Apesar disso, Kim-II chamou para si a responsabilidade. (FERNANDES, 2013: 205)

O quarto evento sucedeu-se em Novembro, O Norte bombardeou Yeonpyeong, uma pequena ilha de 7 Km<sup>2</sup> localizada próxima a península no Mar Amarelo com menos de 1500 habitantes. Esse ataque deixou dezenas de feridos e causou a morte de dois militares e dois civis. Além disso, o Norte também anunciou a instalação de locais para enriquecimento de urânio, muito mais destrutivo que o plutônio. Dessa forma, Kim-II deixa claro que o seu país já consegue ter acesso a um componente muito mais sofisticado e destrutivo.

O quinto e último dessa série ocorreu em Dezembro e foi um contra ataque sulista. A Coreia do Sul respondeu as ameaças do Norte com vários exercícios militares na zona de fronteira provocativos aos olhos de Pyongyang, elevando a instabilidade da região ainda mais.

### **3.2.3 A estratégia interna**

Apesar de ser o Comandante Supremo do Estado Norte-coreano, Kim-Jong-Un se mantém no poder graças a dois aparatos, um político, o partido único, e outro de força, as Forças Armadas. Dentro de ambas as instituições existem representantes de duas facções não oficialmente fundada mas com pensamentos divergentes quanto ao futuro do país, as Pombas e os Falcões.

Para as Pombas o regime norte-coreano só se manterá firme tanto interna quanto externamente através de um apaziguamento e pequena aproximação do sul, realizando algumas pontuais e moderadas reformas políticas. (FERNANDES, 2013: 215)

Já os Falcões não acreditam em reformas, para ele o modelo e estratégia estão bons, e a manutenção do status quo nortista só se dará com a sustentação da distancia entre os governos na península, podendo até ser retomado o confronto armado contra os vizinhos do sul e seus aliados, como os EUA.

Apesar de as Pombas defenderem uma reforma política e aproximação do sul, sabe-se que a economia nortista é muito mais fraca e frágil, assim, qualquer movimento não pensado pode levar a uma dependência ou unificação da península nos termos da Coreia do Sul.

Já um confronto militar com a CS e EUA poderia levar a uma invasão externa em massa, apoiada inclusive pela China, um aliado de longa data, já que interesses econômicos norte-americanos na China são mais importantes do que a aliança com a CN.

Manter os dois grupos satisfeitos internamente sem demonstrar fraqueza e ao mesmo tempo conquistar o respeito e temos de seus inimigos externamente foi o primeiro desafio de Kim-Un ao subir ao poder em Dezembro de 2011.

Para satisfazer às Pombas, Un fortaleceu o complexo industrial existente na fronteira com o Sul, que conta com recursos dos dois países e é grande gerador de empregos no Norte. Além disso, fechou importantes acordos na área de computação e tecnologia com a empresa norte-americana Google.

Já para mostrar poder perante os Falcões e fortalecer sua imagem como líder da Coreia do Norte perante o mundo Kim-Un simplesmente deu início a sucessão de eventos que levou a crise de 2013: fechou o complexo industrial que antes fortalecera, aumentou o contingente na fronteira sul, realizou novos testes nuclear e aumentou seu tom de ameaça.

### **3.3 A crise recente**

A última crise na península começou em 12 de Dezembro de 2012 com o lançamento do míssil *Unha-3/Unity 2* que levava o satélite *Kwangmyeongseong - 3/Unity 2*. E diferente dos testes anteriores, esse foi um inesperado sucesso. Assim, abriu-se o temor de que a Coreia do Norte havia alcançado a tecnologia para miniaturizar um objeto balístico nuclear e colocá-lo em um míssil intercontinental.

Logo em janeiro do mesmo ano o conselho de segurança da ONU impôs mais sanções aos infratores e ordenou o fim dos testes. Até a China, aliada histórica dos norte-coreanos se mostrou disposta a levantar limitadas punições a Pyongyang.

A resposta de Kim-Un foi a de sempre, alegou que aumentaria as animosidades em caso de represália internacional e que continuaria com os testes. E continuou. No dia 12 de Fevereiro de 2013 o país realizou um novo teste nuclear, que novamente foi condenado pela comunidade internacional e o conselho de segurança.

Seguida das novas resoluções com as sanções contra o seu país, Kim-Un revogou imediatamente todos os acordos de não agressão com seu vizinho ao Sul. Cortou inclusive o chamado “telefone vermelho” que havia sido instalado em 1971 como um símbolo da aproximação entre os dois países.

Para tentar cortar o financiamento do programa nuclear norte-coreano e seguindo as resoluções do Conselho de Segurança, os EUA avançaram para cima do Banco de Comércio Externo da Coreia do Norte e sobre os bens de Paek se-Bong,

alegadamente responsável pela direção do programa de fabricação de mísseis norte-coreanos, confiscando bens e impedindo financiamentos estrangeiro para eles. Assim visava-se fechar a entrada de dinheiro que alimentavam as aventuras belicistas de Kim-Un.

Com as sanções, Kim-Un respondeu através da agência de notícias estatal KCNA que atacaria a ilha de Baengnyeong caso as sanções e ações contra seu país continuassem. Logo em seguida a própria agência e o jornal oficial do partido o *Rodong Sinmun* sofreram ataques cibernéticos, enfraquecendo pesadamente a capacidade de comunicação do país. O governo do Norte responsabilizou o Sul e os EUA pelo ataque, contudo não existem provas claras de quem os realizou.

Em seguida Washington tratou de reforçar seu território e de seus aliados. Instalou novas baterias antimísseis na Costa Oeste e Alasca. Além disso, colocou no Japão um novo radar capaz de monitorar o lançamento de mísseis intercontinentais.

Diferente das outras crises da região, dessa vez os ataques informáticos tem papel além das ameaças belicistas. Pouco tempo depois dos ataques cibernéticos na Coreia do Norte, as estações de televisão sul-coreanas KBS, MBC e YTN, além dos bancos *Shinhan* e *Nonghyup* sofreram com ataque de hackers. Mesmo sem afetar o funcionamento das empresas, os ataques são prova de que abre-se uma nova front de batalha no mundo digital.

A instalação desse sistema de radares no Japão mostra como os EUA se preocupam hoje com a região Ásia-Pacífico para além das suas alianças na Europa. Para fortalecer o sistema antimíssil do Japão abriu-se mão de cumprir um acordo com a OTAN de que o sistema seria instalado na Europa. Sinal claro de que a atenção geopolítica na qual está o Japão é cada vez mais valorizada.

Para não deixar só o lado coreano mostrando seus músculos, os EUA realizaram um bombardeio com seus aviões B-2 em uma ilha sul-coreana perto da fronteira com o norte. Todavia ao invés de bombas foram despejadas munições fictícias que apenas mostravam a capacidade bélica dos inimigos de Pyongyang.

Como resposta Kim-Jong-Un retaliou com o anúncio de que atacaria com seu arsenal nuclear e mísseis intercontinentais que desenvolvera as ilhas de Guam, Havaí e parte do território continental norte-americano. Apesar de grande parte desses mísseis não terem sido testados, dificilmente chegariam a território continental, porém as ilhas de Guam, Havaí, o Japão e a própria Coreia do Sul corriam riscos de serem atacados. Contudo, em um ataque durante uma guerra real não se divulga pela imprensa quais são

os alvos ou o tipo de munição usado, claramente as declarações do líder supremo tinham apenas intenção política.

Em seguida, no dia 1º de Abril de 2013, na Assembleia Anual do Povo da Coreia do Norte, em sua sessão plenária anual, aprovou dar maior importância ao programa nuclear face às reformas moderadas propostas pelas Pombas. Para não deixar essa facção interna descontente, Kim-Jong-Un nomeou como primeiro ministro Pak Pong-ju, um economista de 74 anos que em 2007 tinha perdido o mesmo cargo ao tentar estabelecer uma reforma política. Apesar de parecer uma decisão moderada, sabe-se que com a idade avançada do primeiro ministro dificilmente qualquer reforma econômica seria levada em frente. Deixa-se em segundo plano a reforma econômica em prol do programa nuclear agradando a ambos os lados.

Para contribuir com o avanço das animosidades a presidente da Coreia do Sul Park Geun-Hye declarou que usaria a força sem qualquer declaração pública caso o norte continuasse suas ameaças a população do sul. Tal resposta culminou com a previamente agendada manobra militar de treinamento dos exércitos norte-americanos e sul coreanos realizada na Coreia do Sul com a mais alta tecnologia em armamentos de guerra de ambos os países. Tal evento foi considerado ofensivo aos olhos do Norte.

Como provocação final em resposta as últimas ameaças sul-coreanas, Kim-Jong-Un anuncia que reativará um antigo reator nuclear desativado em 2007, com isso ele teria capacidade de produzir mais quatro bombas de capacidade parecida com as já testadas.

Junto com essa ameaça belicista, a Coreia do Norte passou a mostrar atitudes agressivas em outros fronts. No dia 3 de Abril fechou o complexo industrial de Kaesong, símbolo e fruto do diálogo e cooperação entre os dois países onde estão empregados mais de 50 mil norte-coreanos e uma das maiores fontes de riqueza para o país nortista. No dia 10 do mesmo mês Pyongyang ainda anunciou que estaria impossibilitado de garantir a segurança das embaixadas em seu país dado a iminência de guerra.

De Pequim o presidente chinês Xi Jinping repreendeu as atitudes agressivas de seu aliado histórico acrescentando que nenhum país tem o direito de colocar em perigo a paz de uma região inteira ou até do mundo em prol de vantagens políticas mesquinhas.

Kim-Jong-Un não só não gostou dessa repreensão como recomendou a retirada de turistas e empresas da Coreia do Sul, pois em breve uma guerra chegaria e eles



estariam desprotegidos. Além disso, ainda ameaçou o Japão por está aliado aos EUA. Como resposta o governo japonês fortaleceu seu sistema de defesa antimísseis e radares.

No dia 15 de Abril de 2013, aniversário do fundador e primeiro líder supremo norte-coreano, avô de Kim-Un, data na qual se achava que as provocações seriam convertidas em ataques reais. Contudo o temor não foi confirmado, muito pelo contrário, já no dia 18 a Coreia do Norte sinalizou que estaria aberta ao diálogo.

No dia vinte e cinco Seul propôs ao Norte a reabertura das conversações sobre a parque industrial de Kaesong. Um pouco mais de um mês depois, no dia 28 de Maio, Pyongyang convidou empresários para visitarem Kaesong, mostrando assim disposta a reabertura desse importante símbolo além de se mostrar mais amigável e afim do diálogo.

A crise oficialmente termina em 16 de Junho de 2013 depois da aberta declaração da Coreia do Norte de sentar para negociar em alto nível com EUA e seus aliados, impondo condições. Dessa forma o governo de Kim-Un conseguiu mostrar força tanto interna quanto externamente dando fôlego e legitimidade de estar no poder de seu país.

### **3.3.1 Conclusão da crise e motivações dos agentes envolvidos**

Assim como apresentado nas outras crises desde o final da URSS, a Coreia do Norte tenta através da estratégia “Ferocidade, Fraqueza e Loucura”, ameaçar o mundo de uma iminente guerra que poder chegar a níveis suprarregionais. Afinal de contas agora ela detêm a tecnologia do enriquecimento de urânio e de mísseis intercontinentais capazes de, na teoria, alcançar até o território continental dos EUA.

E justamente essa proximidade de uma nova guerra com potencial nuclear que garante a inviolabilidade do território de Kim-Jong-Un ao mesmo tempo em que as crises cíclicas trazem junto a demonstração de força necessária para a manutenção do status quo de seu governo internamente.

Com algumas ações de reforma moderada, uma política belicista que só coloca o seu povo em fome e miséria e as cíclicas ameaças de invasão e ataque ao vizinho do Sul o governo socialista mantêm a península coreana dividida sob dois regimes. Difícil acreditar em uma unificação ou queda da família Kim através de uma invasão externa. Um golpe de Estado, pouco provavelmente principalmente depois do sucesso da crise de 2013, mostra-se a forma mais eficiente para romper com a divisão da península.

Por outro lado, com o fortalecimento bélico, econômico e social do Sul, uma invasão pelo Norte se torna algo distante já que colocaria diversos países dentro de uma batalha na qual o “empate” só foi possível pelo suporte soviético a causa nortista. Hoje dificilmente a China colocaria em risco os investimentos estrangeiros em seu país em prol de um aliado falido. Caso o Norte invada o Sul dificilmente ele terá algum aliado o apoiando.

É interessante também analisar que a sustentação do governo da Coreia do Norte se dá também por uma sutil vontade internacional. Para o pesquisador Ricardo Fernandes as razões externas para a manutenção da família Kim no poder está muito ligada ao fato de todos os países envolvidos diretamente preferem Kim-Jong-Un no poder daquela região do que enfrentar a incógnita do que surgiria caso houvesse um golpe de Estado ou invasão interna.

Com a posse de armas nucleares se torna extremamente perigosa uma invasão convencional. Por outro lado um ataque maciço de armamento nuclear a Coreia do Norte traria dezenas de milhões de mortos e malefícios ambientais tanto para o território do país quanto para seu vizinho.

Um golpe de Estado também traria incertezas sobre a continuidade da estratégia agressiva verbalmente, mas inofensiva belicamente dos norte-coreanos, colocando em risco a segurança da população da região. Por outro lado o fim do poder atual na Coreia do Norte pode levar milhões de norte-coreanos a se refugiarem em países fronteiriços como China, Rússia e a própria Coreia do Sul.

Assim, para os inimigos diretos como EUA, Coreia do Sul e Japão a fim da “dinastia” Kim poderia trazer incertezas muito profundas e um forte vazamento do grande poder bélico convencional e nuclear que a Coreia do Norte já possui, podendo cair em mãos de países fundamentalistas ou de grupos terroristas causando assim uma catástrofe.

Para aliados clássicos como a China, a Coreia do Norte se tornou uma grande fonte de desconforto diplomático, já que suas crises cíclicas têm como alvo principal os maiores investidores no mercado chinês. Além de compartilhar com a Coreia do Sul o temor por uma crise humanitária através de uma maciça imigração de norte-coreanos.

Assim, para se manter no poder não só Kim-Jong-Un quanto os próximos governantes da Coreia do Norte deverão continuar usando o artifício das crises cíclicas e assim mostrar força para os inimigos e aliados, interna e externamente, mantendo o poder, o regime e o território.

### 3.4 Características e diferenças entre os Jornais de 1962 e 2013

Cinquenta e um anos separam as edições de 1962 que tratavam sobre a Crise dos Mísseis das de 2013 que contam o dia-a-dia da Crise da Coreia. E todos esses anos de avanço técnico e tecnológico se refletem na composição, texto e estilo das edições mais modernas.

O que mais salta aos olhos é a organização, diferente das edições mais antigas, o jornal é dividido em seções bem demarcadas, cada reportagem, coluna ou nota tem seu espaço bem definido e facilmente localizado. Fica bem mais fácil “escanear” a página a procura de um assunto específico.

O avanço tecnológico também trouxe com si letras mais bem definidas além de fotos maiores e com grande resolução, além de serem coloridas. Junto a isso há o uso de vários infográficos que ajudam a didática de assuntos mais complexos de serem entendidos apenas com palavras.

Do ponto de vista técnico o texto ficou mais enxuto, com menos intromissão da opinião do seu escritor. Agora as matérias também são todas assinadas, sabemos exatamente quem escreveu aquele texto e de quais fontes vêm os fatos para a montagem das matérias.

O periódico agora é diário, de Segunda a Segunda tendo no Domingo a maior, mais cara e mais importante edição da semana. Também se pode notar a existência de vários cadernos, antes o jornal só tinha duas divisões. Alguns desses cadernos são específicos do dia.

Em sua maioria as notícias relativas a crise estão posicionadas na seção “Mundo”, a última do primeiro caderno. Feita especialmente com foco em notícias e reportagens internacionais. Todavia notícias do mundo inteiro e de todos os tipos se encontram na mesma seção, atentado terrorista nos EUA divide espaço com uma nova onda de fome em um país africano.

Outra grande diferença reside na separação da opinião do jornal e de seus colonistas das matérias produzidas. Antes era difícil separar o que era notícia e o que era opinião, muitas vezes as duas vinham atreladas umas as outras. Mesmo sendo praticamente impossível escrever um texto totalmente informativo e imparcial, as edições de 1962 nem se empenhavam para alcançar esse objetivo, algo que não se perpetua em 2013.

Dessa forma temos claramente a opinião do jornal, separada em seções nas quais a “redação” e seus editores tem voz, e em outras em que a vez é dos colunistas. E ambas podem ser contraditórias, complementares ou darem importância para assuntos completamente diferentes.

### **3.5 Edições escolhidas para análise.**

Diferente da Crise de 62, essa Crise da Coreia não se mostra linear temporalmente em sua totalidade. Existem eventos chaves que desencadeiam outros eventos que não obrigatoriamente são imediatos. Assim, para ter uma sucessão mais coerente como aconteceu com as edições de 1962 foram combinados dois critérios: O momento mais linear da crise e a importância dada aos eventos ocorridos no Extremo Oriente.

Desse modo foi escolhido o período que vai do dia 1 de Abril até a edição do dia 16 de Abril, dessa forma serão cobertos o último dia do mês de Maio até o dia 15 de Abril, aniversário do fundados da Coreia do Norte e avô de Kim-Jong-Un, data na qual se acreditava que as ameaças seriam cumpridas.

Assim ambas as crises são tratadas em seu desenrolar, antecedentes e consequências acontecem de forma muito espaçada e geralmente são tratados assuntos em altos círculos diplomáticos aos quais a imprensa pode só ter conhecimento meses ou anos depois.

Ao todo são 16 edições que seguem o período chamado de “Desenrolar da Crise” (FERNANDES, 2013: 171). É nesse período que as tomadas de decisões são mais importantes e diretas afetando a crise como um todo. Antes são apenas provocações e depois se dá o desanuviamento da crise, mas o que fez a Crise Coreana ser a mais grave dos últimos tempos está exatamente dentro período.

### **3.6 Edições de 2013**

**1 de Abril de 2013, segunda-feira.** O primeiro dia do desenrolar da crise foi marcado por uma sessão da Assembleia do Povo da Coreia do Norte, uma espécie de parlamento, na qual foram reforçados os compromissos do governo nortista com a continuação do desenvolvimento de armas nucleares de destruição em massa.

Como é de costume nas edições de Segunda-Feira, anteriormente a mais importante mais hoje a menor da semana, a primeira capa tem um destaque grande aos acontecimentos do futebol nacional. Nessa edição não foi diferente é podemos a grande importância dada aos jogos do final de semana e suas respectivas repercussões.

Enquanto isso, em uma das chamadas perto do rodapé da página, temos uma pequena referência a crise que se iniciara, com o título “A dupla ameaça de Kim-Jong-Un”. Nela são apresentadas duas ameaças, uma do próprio Kim-Jong-Un dizendo que usará seu arsenal nuclear contra os inimigos, e outra através do temor da Casa Branca de uma nova modalidade de ataque, o ciberataque, feito através da internet.

Dentro do jornal até chegarmos a sessão “Mundo”, que é a última, não encontramos mais nada relacionado a esse dia de crise. Contudo, dentro do local reservado pelo jornal para notícias e matérias internacional vemos uma página inteira dedicada a crise na Península Coreana.

Nessa página temos um título que define bem esse momento: “Escalada de provocações. As Armas de Kim-Jong-Un”. Mais poderoso do que qualquer armamento em posse do ditador são justamente as suas provocações que causam mais estrago e rebuliço no cenário internacional.

Ela é dividida em duas matérias distintas, diferente das outras matérias do jornal, essas não são assinadas e não são explicitadas as fontes para a obtenção da notícia ou construção da reportagem.

Na primeira e maior das matérias da página, o jornal relata justamente a sessão da Assembleia do Povo da Coreia do Norte, contudo chamando-a de “comitê central do Partido dos Trabalhadores”. Mesmo com a diferença de nomes o fato de haver apenas um partido no país não traz diferenças práticas no tipo de reunião que está acontecendo.

A matéria continua fazendo menção à presidência da reunião pelo ditador e foram ressaltados alguns pontos-chaves relativos a essa fase da crise. Firmou-se o compromisso do Norte em levar as ameaças até a última consequência, de que ele não negociaria seu arsenal nuclear com os inimigos e de que um novo programa espacial envolvendo satélites começaria. Além disso, mostra o jornal, que foi nessa reunião que ficou estabelecido o rompimento diplomático do armistício pela Coreia do Norte e a volta ao Estado de Guerra.

Não há um comentário sobre a capacidade econômica norte-coreana para levar a cabo essas ameaças e de manter um programa espacial. Contudo é dado um espaço especial para o real temor de Seul e dos EUA: ataques cibernéticos.

São lembrados os ataques de hackers feitos a empresas de comunicação e bancos na Coreia do Sul, ressaltando que apesar de não ser conhecida a identidade da autoria do ataque, especialistas desconfiam de que ele teria vindo de Pyongyang e que é no campo de batalha virtual que as provocações devem ser levadas mais a sério. A reportagem também cita que até o momento EUA, Coreia do Sul, Japão e Rússia se mostraram contrários a atual postura da Coreia do Norte.

A matéria termina com o governo norte-americano declarando que acha pouco provável um ataque norte-coreano a algum aliado do ocidente, e que essa retórica belicista já é esperada como modos operantes do regime socialista que lá está. Afinal de contas, diz o jornal, dias antes o governo norte-coreano divulgou fotos nas quais estavam contidos planos de ataque com detalhes de quais cidades seriam atingidas. Para o porta voz norte-americano, segundo a matéria, quem está de fato querendo preparar uma ofensiva militar não conta quando e onde irá atacar.

Antes de começar a outra matéria, algumas pequenas informações adiantam para o leitor que aqueles eventos fazem parte de uma escalada e de um desenrolar de acontecimentos que começam desde a morte do pai de Kim-Jong-Un e antigo líder do regime. Atrelado a esse fato está a então expectativa de que havia uma maior abertura do diálogo com o ocidente explica que isso se deve a pouca idade de Kim-Un nessa época. Em seguida conta-se que Kim-Un não deu sinal de que dialogaria com os seus inimigos, além disso, também citam a retomada do programa nuclear e o teste de mísseis que “enfureceram” Seul.

Como reação pelo teste do Norte, o jornal conta que a ONU subiu novas sanções contra o país. E que, além disso, as manobras militares entre Seul e Washington na porção sul da península deixaram o Norte ainda mais furioso. Contudo não é falado que tais manobras estavam programadas antes de toda a crise começar. Por fim é falado sobre o fim do armistício unilateralmente pela Coreia do Norte e a volta do Estado de Guerra entre os países.

A segunda matéria muda o tom pragmático e imparcial da primeira e trata de mostrar a repercussão que as fotos publicadas pelo governo norte-coreano mostrando as cidades que seriam alvo dos ataques nucleares teve na internet, especialmente na capital do Estado do Texas, Austin. Nesses mapas, a capital seria alvo do ditador apesar da real capacidade bélica norte-coreana ser sabidamente incapaz de realizar tal distância, e mesmo se pudesse, dificilmente esse míssil não seria interceptado.

A ameaça seguida da notável impossibilidade técnica de realizá-la virou motivo de chacota. E o jornal seguiu esse tom de brincadeira que se espalhou pelos habitantes de Austin e outras cidades norte-americanas. Como o Brasil se encontra na mesma situação, longe do poderio bélico e das ameaças de Kim-Jong-Un, percebeu-se um espaço para a ironia e piadas sobre a figura do jovem ditador, que iria tornar áspera a sua postura nos dias vindouros.

Para fechar o assunto crise nessa edição, o jornal, em sua matéria relacionada ao discurso do Papa Francisco conta que o pontífice pediu pela paz e fim das animosidades na península e naquela região do mundo.

Devido ao fuso horário entre Brasil e a Península Coreana, os fatos que caracterizaram esse dia da crise aparecem já na edição desse dia. Naturalmente a edição do dia 1º deveria trazer informações referentes aos acontecimentos do dia 31 do mês anterior, mas nesse caso isso não acontece e o que temos é uma simultaneidade da ocorrência dos fatos com a sua publicação aqui no Brasil, um ponto fora da curva interessante que não é explicitado no periódico, mas pode ser percebido ao fazer uma análise cronológica da crise.

**2 de Abril de 2013, terça-feira.** Talvez devido à excentricidade da edição anterior de acompanhar os fatos da crise no mesmo dia, sem dar o intervalo que é pertinente ao meio jornal é que nesse dia podemos perceber um grande buraco informativo. Provavelmente os acontecimentos desse segundo dia não vieram à tona em horário propício a publicação no mesmo dia e com isso, temos a reprodução de notícias que ocorreram também no dia anterior, apenas posteriormente aos fatos reportados na edição anterior.

Consequentemente não vemos nada relativo aos fatos da crise na primeira página e ainda não temos nenhum tipo de editorial ou artigo opinativo sobre o imbróglio que ocorre no extremo oriente, longe de nós, mas em uma região na qual a forma com a qual certos eventos acontecem podem trazer sérios problemas financeiros e comerciais para o Brasil, afinal de contas e lá que se encontra o nosso maior parceiro comercial, a China.

Economia a parte vamos só encontrar algo relevante e diretamente relacionado apenas na sessão “Mundo”, e em uma matéria, que apesar de ser acompanhada de uma foto ilustrativa de um tanque de guerra sul-coreano, e compartilhada com outras reportagens vindas de notícias do mundo a fora. Essa fraca representatividade da crise só pode ser explicada pelo buraco informativo criado pela edição anterior.

Nessa singela matéria que não é assinada temos duas informações novas relevantes: a presidente sul-coreana autoriza o uso da força de seu exército caso haja alguma agressão do Norte sem que precisem esperar por alguma ordem política. E a nomeação, na mesma assembleia do Norte referida na edição anterior, do economista Pak Pong-ju, também é ressaltado o caráter figurativo dessa reunião, o jornal deixa claro que o tom democrático que essa decisão parece ter é meramente ilustrativo, já que ela veio na prática de Kim-Jong-Un.

Além dessas duas informações novas temos uma breve menção a fatos passados que poderiam ter encadeado esses novos. O jornal acerta ao conectar o tom belicista da presidente sul-coreana com o ataque à ilha de Yeonpyeong pelo Norte, no qual 40 pessoas morreram e centenas ficaram feridas. Porém quanto a nomeação do economista nortista com primeiro ministro o periódico resalta o fato de ele ser de uma área mais progressista do país, e que já estivera nesse mesmo cargo no governo do pai do então governante, e que outrora foi demitido por sua reforma passada ter dado tão certo que começou a tirar o poder das mãos do líder supremo.

O jornal também caracteriza essa decisão como contraditória, já que o tom vindo do Norte é completamente regressista para um momento de menos diálogo e reformas e aumento das animosidades. Todavia essa contradição é explicada pelo próprio jornal como um agrado de Kim-Jong-Un a seus tios, já que o premier eleito teria maior afinidade com essa parte da família. Contudo esquece-se de se falar a idade desse economista e como ele teria pouco tempo para implantar qualquer reforma, além disso, não são citadas as correntes políticas dentro da Coreia do Norte, ou seja, peca-se ao não associar a nomeação desse primeiro-ministro como um agrado simbólico a ala mais moderada do partido, já que os radicais já estavam mais que satisfeitos com a escalada belicista que estava ocorrendo na península nos últimos meses.

Além dos fatos novos há uma espécie de retrospectiva rápida, antes de anunciar a eleição do primeiro ministro da Coreia do Norte, que vem contando rapidamente os fatos marcantes da crescente crise desde os testes nucleares realizados por Pyongyang até as subsequentes resoluções do conselho de segurança da ONU que não frearam as intenções de Kim-Un.

O que se pode tirar de proveito dessa edição do periódico é que se deu pouca atenção para o nomeação do premier no nortista, falou-se pouco de sua trajetória, apenas alguns rápidos fatos do seu último mandato, e nada foi dito quanto a sua idade ou posicionamento no partido. Talvez pela centralização do poder nas mãos do líder



supremo, o jornal acredite que pouco sobra para o primeiro-ministro, e com isso o nome que lá está fará pouco ou nenhuma diferença, subestima-se como essa decisão pode ser importante para a manutenção dos ânimos dentro do partido e assim ajudar a sustentar o regime do jeito que lá está.

**3 de Abril de 2013, quarta-feira.** É na edição desse dia que ocorre o ajuste das informações, dessa vez as informações contidas nessa edição decorreram de fatos vindos do dia anterior a publicação. Assim no dia 2 de Abril fica decidido em Pyongyang reiniciar um antigo reator nuclear há tempos desativado. Assim, tenta-se dar consistência as ameaças e a declaração de que o arsenal nuclear do país seria ampliado. Demonstrar a eminência dos ataques e a ampliação de seu armazém bélico é a tônica das ações nortistas nessa etapa da crise.

Mesmo dizendo não estar preocupado com a retórica belicista vinda do Norte, os EUA instalaram um sistema antimísseis de última geração na porção Sul da península, antes mesmo de instalá-lo no seu próprio território continental.

Mesmo com a paridade de acontecimentos não vemos nenhuma menção ao que acontece na península coreana, nem na primeira página nem nas páginas de opinião e editoriais. Só acharemos informações relevantes novamente na sessão “Mundo”, dessa vez uma reportagem de página inteira, sem fotos, com um infográfico que engloba o mapa das Coreias, a localização das capitais de ambos os países e algumas informações pertinentes a crise estabelecida.

Nesse infográfico temos: duas linhas do tempo, uma mostrando os últimos confrontos, outra com a progressão da escalada nas ameaças da Coreia do Norte. A localização do complexo nuclear nortista e um pequeno mapa mostrando as construções da região. A localização e explicação de alguns reforços norte-americano ao exército e proteção do Sul. Mas o principal é um mapa global mostrando o alcance de todos os mísseis já testados pelo governo norte-coreano e um comparativo do tamanho de seu mais poderoso míssil com o tamanho de uma pessoa.

Como informação chave o jornal mostra a capacidade nuclear de Pyongyang ao comparar a potência, em quilotons, das bombas testadas pela Coreia do Norte e as usadas em Hiroshima e Nagasaki. Mesmo sem dizer uma palavra comparando a potência desses dois armamentos, o infográfico deixa claro que o poder de destruição que um ataque nuclear nortista pode ter é muito pequeno. Mesmo para quem não sabe nada de poderio nuclear, fico implícito que qualquer arma utilizada em 1945 estaria

muito ultrapassada para a capacidade destrutiva de hoje. Assim, segundo as informações apresentadas, as bombas de Hiroshima e Nagasaki teriam respectivamente 13 e 21 quilotons, enquanto a bomba mais poderosa testada no governo de Kim-Jong-Un teria apenas 7 quilotons, quase a metade da potência da primeira bomba atômica utilizada na segunda guerra.

Para entender melhor o provável motivo de esse infográfico estar presente nessa edição é só ler os dois textos que seguem preenchendo a página. O primeiro não é assinado e a sua autoria é um mistério, mas o segundo é explicitamente classificado como “artigo” e além de ser assinado tem a sua procedência explicada.

O primeiro, maior e mais informativo dos textos nos traz os fatos de que Kim-Jong-Un anunciou a retomada de um antigo reator nuclear, e continua contando sobre o tal aparato atômico. Tal reator teria sido desativado em 2008 como base do acordo com os EUA de diminuição da capacidade de enriquecimento do país.

O jornal avisa que apesar de não terem sido feitas nenhuma nova ameaça bélica ao Sul ou seus aliados, o ditador norte-coreano continuou afirmando que aumento do seu arsenal nuclear faz parte de um plano para proteção do país de invasões externas. A matéria continua dizendo que esse reator, o Yongbyon, foi responsável pela produção de plutônio utilizada nos testes de 2006 e 2009. Mesmo tendo sido paralisado em 2008, a sua produção de plutônio deve ter sido estocada e utilizada nos testes de 2009.

O jornal continua alegando que a Coreia do Sul pouco teme o plutônio, já que tal instalação deverá demorar anos para ser ativada, contudo a sua vizinha ao norte é rica em urânio, que quando enriquecido pode produzir bombas muito mais poderosas, além disso, devido as cadeias montanhosas existentes no Norte, um conjunto de túneis poderia esconder o verdadeiro tamanho do arsenal de urânio existente no país.

Acredita-se então que a diversificação nuclear de Pyongyang faz parte apenas como “cartas na manga” em uma possível mesa de negociação no final da crise. Mesmo assim, o jornal continua, “Para a presidente Park-Geun-hye, dissuadir a Coreia do Norte de fazer provocações é tão importante quanto puni-la”. O jornal também traz a declaração do secretário geral da ONU, Ban Ki-Moon, e explicita que ele é sul coreano, em seguida diz que o secretário disse que a crise já foi longe demais e pediu negociações.

Em seguida o jornal fecha a matéria com uma declaração de John Kerry, então secretário de Estado norte-americano, dizendo que o seu país não aceitará a Coreia do Norte como um “Estado nuclear”. Também conta-se que os EUA posicionaram segundo

navio de guerra na região e que a China tenta iniciar conversas para desanuviar as tensões.

O segundo texto se trata de um artigo escrito por Terry Atlas, que segundo o jornal, é jornalista e foi publicada na *Bloomberg*. Nesse artigo, Atlas tenta entender os motivos por traz da crise criada pela Coreia do Norte. Ele aposta que todo esse clima foi criado com o intuito de manter leais as forças militares internas de Kim-Jong-Un, a quem o jornalista chama de jovem e inexperiente.

Ele também continua dizendo que as chances de confronto convencional é baixo, já que a capacidade de mobilização do Sul e dos EUA é muito maior do que a do Norte, além disso o exército da Coreia do Norte não entra em combate desde a Guerra da Coreia em 1953, enquanto o exercido sul coreano já participou de outras ofensivas como a Guerra do Iraque e realiza exercícios militares periódicos de treinamento com os EUA.

O próximo alvo do jornalista é a economia, segundo ele mais de um quarto do pequeno PIB norte-coreano é usado com a força militar e desenvolvimento bélico. Logo, a miséria de seu povo está estritamente ligada ao fato do país gastar demais com pesquisas bélicas, empregando suas melhores mentes em setores que pouco ajudam o cidadão comum. E continua ressaltando que ao contrário do que é dito pelo ditador, não existe como o desenvolvimento de seu programa nuclear trazer benefícios para a economia diretamente.

Por fim Atlas fica receoso da capacidade do jovem Kim de manobrar a grande crise criada por ele mesmo. Se ele teria mesmo a competência de lidar com todas as retóricas construídas, já que acha pouco provável a chegada as vias de fatos pelos países envolvidos.

Novamente o jornal constrói as suas matérias de forma a deixar clara a teoria mais simples sobre a crise. Segundo o que a Coreia do Norte já mostrou de força bruta e nuclear é difícil acreditar que farão qualquer ofensiva, já que as tensões estão no limite máximo e que facilmente seria invadida e seus ataques interceptados pelo Sul e EUA. Assim as ações e palavras vindas do Norte são facilmente associadas a retórica belicista que mantêm os Kim no poder desde o fim da URSS.

Contudo ainda não foi respondido por que a Coreia do Sul só se defende, já que o Norte está claramente procurando manter o seu status quo além de ameaçar realizar alguns pequenos ataques que gerariam poucas, mas mesmo assim algumas mortes de sul-coreanos, não é debatido a motivação de grandes potências militares de continuar

mantendo um inimigo tão menos poderoso que utiliza seu armamento para manter seu poder e consigo levar a miséria milhões de pessoas.

Novamente não se explica o motivo do Sul só se defender, se ele tem a capacidade de manobra militar tão maior que o Norte e que qualquer míssil vindo de lá seria facilmente interceptado pelo Sul, por que não atacar e acabar com um regime que ameaça a estabilidade da região há tanto tempo? Nada disso é levado à pauta por enquanto.

**4 de Abril de 2013, quinta-feira.** O fato mais marcante que poderia aparecer nessa edição é também o primeiro ato concreto das diversas ameaças feitas por Kim-Jong-Un até então. Ele então fecha unilateralmente o complexo industrial de Kaesong. Essa decisão não é só importante pela simbologia da aproximação que o local representa, mas principalmente por ser grande fonte do PIB norte-coreano. Com o fechamento do complexo, Pyongyang está cortando na própria carne para mostrar que está a fim de levar às últimas consequências suas ameaças.

Diferente de edições anteriores, o jornal trouxe uma pequena chamada para a matéria de corpo na primeira capa, deixando claro logo no título que a Coreia do Norte tornou concreta a sua primeira ameaça, conta também sobre a medida de fechamento do complexo como retaliação pelos exercícios militares conjuntos com os EUA, além disso, o jornal também diz que os EUA montarão outro sistema antimísseis na ilha de Guam.

Novamente não existe qualquer menção aos fatos em editoriais ou colunas dentro do periódico até o presente momento O Globo e seus colaboradores não teceram nenhuma opinião sobre o que acontece no extremo oriente.

Assim como nas edições anteriores, devido à organização editorial, só vamos encontrar notícias mais detalhadas nas últimas páginas do primeiro caderno, na sessão “Mundo”. Nela, há uma diminuição gráfica de informação, apesar de ter uma nota na primeira capa, a notícia relativa à crise não ocupa a página inteira, dividindo-a com outras matérias. Além disso, a informação vinda da península coreana é dividida em duas reportagens, uma não assinada e sem procedência que nos conta sobre a notícia do fechamento do complexo industrial e seus desdobramentos próximos e a outra em um box fruto de informações colhidas por uma correspondente do jornal, assinado por ela.

A primeira matéria, apesar de não ser assinada e de não explicitar de onde vieram tais informações, trata do fechamento do complexo industrial de Kaesong e seus

próximos desdobramentos. A matéria abre com uma declaração do porta-voz do exército de Pyongyang dizendo que havia recebido autorização para abrir um ataque sem piedade ao solo norte-americano. O jornal afirma que a Coreia do Norte começou a transformar suas ameaças em ações com o fechamento do complexo industrial.

Diz em seguida que em resposta as ameaças nortistas o Washington instalará em pouco tempo um novo sistema de antimísseis em Guam, para proteger sua ilha de possíveis ataques de mísseis. O jornal também conta que a ilha fica a 3400 quilômetros da capital Pyongyang.

Em seguida o jornal afirma que com o a paralisação do complexo termina a única fonte de cooperação entre as Coreias, fato lamentado pelo ministro da unificação sulista. Em seguida diz que o governo norte-coreano permitiu que os 861 sul coreanos que lá trabalhavam voltassem para seu país, contudo apenas 33 o fizeram.

Depois o jornal nos dá algumas informações sobre o complexo, que gerava na época 50 mil norte-coreanos, continua mais de uma centena de fábricas administradas por sul-coreanos, gerando US\$ 470 milhões em bens e mais de US\$ 92 milhões em salários para o país comunistas, explicitando essa como uma das poucas fontes de renda daquele país.

Na sequência a matéria dá a informação de que o ministro das relações exteriores da Coreia do Sul, Yun Byung-se passara a semana em solo norte-americano, e juntamente com o secretário de defesa de lá, Chuck Hagel, discutiram um modo de limitar o programa nuclear norte-coreano e de transformar as sanções da ONU em parte desse limitador, Hagel também classificou as ações norte-coreanas como “perigo claro e real”.

Em seguida as outras potências são colocadas em pauta, e enquanto EUA dizem só negociar através do comprometimento nortista de acabar com seu arsenal nuclear, outros países envolvidos como Coreia do Sul, Japão e China se apresentam para o diálogo sem impor nenhum condição.

A próxima matéria se trata de um artigo escrito por Cláudia Sarmiento, jornalista e correspondente do jornal que estaria em Tóquio escrevendo sobre a crise. Diferente da matéria anterior o artigo contém duas fotos ilustrativas dos respectivos líderes da península coreana além de ter maior destaque gráfico.

Em seu artigo Cláudia teoriza que a maior crise da região dos últimos tempos pode ter um final inesperado muito pelos líderes de cada país e da pouca idade de ambos e com isso presumível pouca experiência em tratar de tais crises.

Ela começa dizendo que essa crise é diferente das outras, tem um tom mais ofensivo e apocalíptico que anteriormente. Ressalta também que apesar do norte ter quase o dobro de soldados do sul, 1,2 milhão, a força aérea e capacidade de mobilidade do sul tiram a vantagem numérica de Pyongyang, além disso, Seul ainda conta com o apoio tecnológico, tático e logístico dos EUA. Assim, Kim-Jong-Un sabe que dessa vez sofreria uma derrota rápida do Sul e dificilmente levaria a briga para o campo de batalhas,

Contudo, ela ressalta que pela pouca idade do ditador, e para manter o poder internamente ele, de forma proposital, está elevando cada vez mais o tom das agressões e ela diz que alguns especialistas temem que Kim-Un possa não saber onde parar, diferente dos seus antecessores em outras crises.

Por outro lado, a líder sul-coreana já deu carta branca para um contra ataque de seu exército assim que ameaçado sem que ele se preocupe com as decisões políticos. Atitude diferente de seu antecessor, que observou dois ataques, um deles sem confirmação da autoria, e não respondeu com nenhuma retaliação e mesmo com críticas não quis aumentar as inimizades entre os países.

Sarmento continua dizendo que Park-Hee foi eleita com uma plataforma de se aproximar da Coreia do Norte, e que para não parecer fraca ou medrosa ela também pode passar por cima de sua própria política e cometer excessos levando a um enfrentamento direto.

Como exemplo de um possível descontrole vindo do sul, a correspondente cita a divulgação por parte da imprensa sul-coreana de planos de seu exército que incluiriam bombardeios precisos com o propósito de destruir as estátuas dos dois governantes anteriores a Kim-Jong-Un, seu pai e avô. Tal atitude poderia levar a um terror psicológico que poderia deflagrar uma guerra aberta.

A matéria também cita o fato da presidente ser filha de um ex-ditador sul coreano, Park Chung-hee, que governou o país entre 1961 e 1979, e que ela foi criada dentro do palácio presidencial. Embora tenha visto seus pais serem assassinados, é hoje uma líder capaz de superar grandes desafios.

A matéria termina com um consultor especialista em assuntos coreanos dizendo que apesar de haver pouca experiência no comando da Coreia do Sul, “a presidente ainda tem um bom terreno para cometer erros, mas até agora ela está se saindo bem”. Confiança e receio se misturam quando se especula sobre o futuro da crise.

Apesar de grande destaque ao artigo escrito pela correspondente, o conteúdo dele é raso quanto a análise de como está a situação e de possíveis posturas futuras. O assunto discutido é a inexperiência daqueles em questão. Ora o ditador norte-coreano a época ainda completaria 30 anos naquele ano, mas a presidente sul-coreana tinha 61 anos, difícil achar alguém com essa idade sem experiência.

Além disso, nenhum dos governantes está só, principalmente no Sul, ambos estão cercados de conselheiros e assessores. Muito difícil haver uma decisão derradeira de forma unilateral e pessoal do governante maior. Inclusive da parte de Kim-Jong-Un, que está mais preocupado em manter o seu governo internamente. Parece que é mais importante divulgar que o jornal tem um correspondente presente em terras tão longínquas do que a pertinência do conteúdo publicado por eles.

**5 de Abril de 2013, sexta-feira.** Não existe nenhum acontecimento novo durante o dia de cobertura dessa edição. Apenas desdobramentos do que já aconteceu anteriormente, principalmente do fechamento do complexo industrial unilateralmente pela Coreia do Norte.

Contudo, apesar de não haver nenhuma atualização do contexto da crise, o jornal apresenta pela primeira vez um conteúdo opinativo editorial sobre o assunto Não vemos nada na primeira página, em colunas escritas por seus colaboradores, e reportagens novas só na sessão “Mundo”. Apesar disso, na sessão “Opinião”, que nos conta um pouco sobre o perfil opinativo sobre a postura editorial do periódico lá está, nesse dia, um breve artigo sobre como a crise está sendo levada no extremo oriente.

Logo no título do editorial já é possível saber o tom que o texto terá: “É preciso firmeza contra a Coreia do Norte”. Já no corpo do artigo alguns pontos são citados, a pouca idade do ditador norte-coreano, a empáfia de seu governo de continuar fazendo ameaças e testes nucleares mesmo depois de sanções da ONU, algumas ameaças diretas ao território norte-americano que acabaram virando piada na internet, as manobras militares entre os exércitos da Coreia do Sul e EUA e o enriquecimento de plutônio do Norte.

Com todos esses elementos são feitas ligações através de argumentos de assuntos já conhecidos, como a retórica belicista e os planos que parecem loucura dos norte-coreanas, sem saber o jornal fala de parte da estratégia norte-coreanas para manutenção do seu regime. Todavia aparecem situações novas apresentadas pelo editorial, ele associa o avanço do programa nuclear norte-coreano com uma possível

corrida nuclear na Ásia, incluindo Arábia Saudita, Vietnã, Jordânia e até mesmo a Coreia do Sul.

Ora, deixemos os outros três países de fora, o contexto analisado aqui não passa da península coreana e países afetados com a crise. Toda essa ajuda norte-americana na causa sul coreana tem como um dos propósitos frear os anseios sulistas pelas armas de destruição em massa, algo que faz desde o fim da guerra de 1953 assim como a URSS fazia com a Coreia do Norte até o seu fim no início da década de 1990.

Em um mundo no qual desenvolver armamentos nucleares pode ser mal negócio, principalmente para um país comercialmente aberto e capitalista como a Coreia do Sul, seria trocar a ajuda do maior exército do mundo por um arsenal mais potente. O jornal não entra nessa discussão, tão pouco explicita porque os outros países quereriam armas nucleares. Todos esses argumentos, pouco fundamentados, para pedir maior arrocho das sanções da ONU sob o governo norte-coreano. A visão que faltou ao editorial foi perceber que não interessa a ninguém tornar a vida de Kim-Jong-Un a ponto que ele deixe o governo, tão pouco deixar a vida fácil demais para que ele faça o que quiser, o meio termo é a ambição de Coreia do Sul e aliados.

Depois do editorial é só na sessão “mundo” que vemos mais informações do que acontece na península coreana. Dessa vez temos uma matéria simples, com uma foto ilustrativa de carros de trabalhadores do complexo industrial fechado por Kim-Un passando a fronteira para o país do Sul, e algumas colunas com informações sobre o que está acontecendo e seus desdobramentos próximos. Assim como as outras matérias de mesmo tipo, essa também não é assinada.

Nessa matéria temos a informação de que a Coreia do Norte posicional em sua costa leste, a banhada pelo Oceano Pacífico, mísseis de curto alcance, segundo o jornal não existe consenso entre qual o míssil posicionado, para os sul coreanos é um *Musudan*, para os japoneses um KN-08. De qualquer forma ele não teria capacidade para alcançar a ilha de Guam muito menos a porção continental dos EUA, contudo estaria ao alcance de outros inimigos do regime como Japão e a própria Coreia do Sul.

Dito isso, a matéria se aprofunda em mostrar como o fato repercutiu pelos países envolvidos. Mesmo estando fora do alcance, os EUA mandaram novas baterias antimísseis para a ilha de Guam, dois anos antes do previsto. Além disso, o governo norte-americano acredita que esses mísseis podem ser usados no dia 15 do mesmo mês, dia da comemoração do aniversário do avô de Kim-Jong-Un e fundador da Coreia do Norte.



A Coreia do Sul, por outro lado se mostra mais tranquila e aposta que os vizinhos do norte não teriam capacidade de equipar uma ogiva nuclear em um míssil e que esse projétil armado pode fazer parte de testes rotineiros para essa época do ano. Contudo acredita que seus vizinhos poderão realizar um ataque até o final do ano.

Até o primeiro-ministro britânico, David Cameron se mostrou receoso. Disse que se a Coreia do Norte diz ter capacidade de atacar a porção continental dos EUA também deverão conseguir atingir a Europa. O que o jornal não parece saber é que os EUA descumpriram um acordo com a OTAN de mandar um novo sistema antimísseis para a Europa, e o instalaram na Coreia do Sul e Japão. Talvez o discurso do premier britânico faça parte de uma tentativa de trazer a necessidade do cumprimento dessa acordo para a Europa.

Para a Rússia o posicionamento desses mísseis “complica, se não praticamente exclui” a negociação de Seis Partes ou *Six Party Talks*, grupo formado pelas Coreias, EUA, Japão, China e Rússia que visavam a diminuição ou o fim do arsenal nuclear norte-coreano.

Segundo o *Wall Street Journal*, alguns movimentos militares que seriam realizados como testes pelo exército de Washington e Seul foram cancelados para evitar de serem mal interpretados pelos nortistas e colocar ainda mais espaço para as ameaças e retóricas belicistas de Kim-Un. Outro veículo de imprensa norte-americano publicou que os norte-coreanos continuam reforçando a sua doutrina nuclear, e que segundo ela, o uso do seu arsenal atômico só seria usado em caso de defesa contra um agressor ou uma aliança militar, Pyongyang estaria se auto limitando.

Para fechar, Huh Moon Young, do Instituto da Coreia para a Unificação Nacional contou ao jornal *El País* de que o governo da Coreia do Norte que romperá o armistício que vigorava desde 1953 para trocá-lo por um tratado de paz.

Essa matéria foi intensamente descritiva e expositiva de fatos, somente as opiniões dos envolvidos foram divulgadas, diferente do editorial antes citado, que simplesmente traçou uma linha de raciocínio sem dar qualquer razão e sem analisar os objetivos daqueles envolvidos.

**6 de Abril de 2013, sábado.** Novamente o fuso horário interfere na dinâmica do meio jornal, e então a notícia ocorrida no próprio sábado já aparece na edição de mesmo dia. Dessa forma, devemos acompanhar as reportagens pelos fatos que ocorreram no próprio dia 6.

Dois fatos importantes marcaram esse dia de crise. Os EUA instalaram drones de vigilância *Global Hawk* no Japão, esse veículo não tripulado tem a capacidade de vasculhar uma área de 100 mil Km<sup>2</sup> por dia e poderá ser usado para descobrir novas manobras militares norte-coreanas como o posicionamento de outros mísseis.

Outro fato marcante foi a alegação de Pyongyang de não ter capacidade operacional para garantir a segurança das Embaixadas em seu país a partir do dia 10. Dando a entender que essa seria a data limite para um confronto armado direto.

Já o jornal responde com o maior destaque em uma primeira página desde o desenrolar da crise, temos duas fotos dentro de um box com o título: “Os dois lados da Coreia”, enquanto uma pequena foto mostra o ditador Kim-Jong-Un utilizando uma pistola de forma desengonçada, há uma outra foto bem maior mostrando militares sul coreanos em um momento de descontração dançando e se divertindo. As fotos vinham com os respectivos títulos: “Alerta ao norte” e “*Gangnam Style* ao sul”.

Novamente, depois dessa chamada de capa outra menção a crise só apareceria na sessão “Mundo” nas últimas páginas do “primeiro caderno”. Dessa vez temos uma página dedicada só para esse capítulo da crise, e novamente ela é separada em duas matérias, uma diretamente ligada ao fato marcado pela capa, que conta com um infográfico e uma grande foto, e dessa vez é assinada e outra de foro interno brasileiro que também é assinada e mostra como a ameaça da Coreia do Norte afeta a nossa embaixada no país. Além disso, existe uma série de citações de especialistas e políticos ligados a crise com suas respectivas opiniões sobre a situação dessa crise.

O infográfico presente na primeira matéria mostra Kim-Jong-Un de corpo inteiro e setas saindo dele, suas ações, e setas vindas para ele, as reações de seus inimigos. Já a foto embaixo da reportagem traz várias mulheres fardadas, provavelmente parte do corpo militar norte-coreano, prestando continência.

A primeira matéria é assinada por Bernardo Barbosa e diz conter informações tanto do Globo como de outras agências de notícias. Apesar do forte apelo gráfico dado a notícia, a matéria traz pouca informação relevante sobre o andamento da crise, mas dessa vez ela dá voz ao cidadão comum que é afetado por todo esse clima, pelo caráter fechado da Coreia do Norte apenas cidadãos Sul coreanos dão depoimento.

A matéria começa falando do comunicado nortistas às embaixadas no país de que a partir do dia 10 não teria mais capacidade de proteger os diplomatas que ali estão e recomendam que eles deixem o país por motivo de segurança. O jornal também pergunta a motivação para uma retórica tão forte quanto essa. Situações de crise como

essa são corriqueiras na península, mas dessa vez as ações do Norte passaram de todos os limites anteriores.

A partir daí a matéria entra no mérito das repercussões. Primeiro a dos habitantes da ilha de Guam, pertencente aos EUA, segundo depoimento de um habitante da ilha, a ameaça de ataque causou burburinho e surpresa, já que antes nunca ninguém havia planejado um ataque a pequena ilha.

Nas principais embaixadas no país a repercussão desse aviso também não trouxe muito desconforto, Reino Unido, França, Polônia e Suécia disseram que continuariam as atividades normalmente, e apesar do secretário geral da ONU se mostrar preocupado o corpo de funcionários do órgão não sofrerá mudanças. Por sua vez o líder cubano Fidel Castro classificou a crise como um dos mais graves riscos de guerra nuclear depois da Crise dos Mísseis de 1962.

Na Coreia do Sul o clima é parecido, especialistas e analistas dizendo que o aumento da retórica é apenas para atrair mais atenção internacional e que os cidadãos do sul pouco se incomodam com isso. Uma das pessoas entrevistadas disse estar mais preocupada com o show do Psy do que com as ameaças vindas do Norte.

Em entrevista exclusiva para O Globo, a especialista em Ásia Oriental Anna Carletti disse que foi a “falta de diálogo pelos EUA no governo Barack Obama e o ‘endurecimento das pressões’ americanas (que) levaram a Coreia do Norte a mostrar que ‘possui poderio militar Á altura de um eventual ataque.’” (BARBOSA, 06/04/2013: 31) A especialista nada fala sobre a situação interna do regime de Kim-Jong-Un.

A segunda matéria é assinada por Catarina Alencastro que aparentemente escreve de Brasília. Pela primeira vez o jornal mostra alguma autoridade brasileira para falar do caso, mesmo que ainda sobre um ponto específico. E nesse caso foi o ministro das relações exteriores Antônio Patriota, dizendo que o Brasil analisa se retirará ou não seu corpo diplomático do país e que essa decisão não será feita sem antes analisar a situação do país e acontecerá concomitantemente com outras embaixadas que lá estão. Mas que há uma preocupação institucional com a situação apresentada nessa crise.

O jornal também conta que a embaixada foi aberta em 2009 e traz consigo um trecho do artigo 45 da convenção de Viena sobre representações diplomáticas. Nesse artigo fica explicitado que é responsabilidade do país “anfitrião” de providenciar a segurança do corpo diplomático estrangeiro e de seu arquivo mesmo que os países envolvidos estejam em guerra.

Nessa edição fica bem evidenciado o dilema do jornal, apesar de parecerem sérias e com perspectivas problemáticas não se acha preocupação local, os mais consternados com a crise são justamente os analistas internacionais. E quando o próprio Globo tenta ir atrás de alguma fonte de especialista ela apenas reflete o que internacionalmente se fala. Soma-se isso com a falta de ameaça direta ao Brasil e seus aliados mais clássicos e temos um jornal sem saber qual importância dar para um evento internacional de tamanha tensão bélica.

Exemplo disso é o contraste da tranquilidade de alguns habitantes que estão na “linha de tiro” das ameaças de Kim-Un, em comparação com as frases de especialistas altamente preocupados com o desenrolar que os próximos dias e fatos podem trazer. E no meio disso tudo temos um jornal que deve mostrar tudo isso para uma população de leitores que estão extremamente longe do perigo direto da ameaça bélica. Comercialmente falando essa crise é muito mais complicada de cobrir do que a dos Mísseis de 1962.

**7 de Abril de 1962, domingo.** Com a simultaneidade da edição anterior com os fatos do mesmo dia da sua publicação criou-se outro buraco na crise e os eventos do Domingo ficaram relegados para a sua edição normal, a de segunda-seira.

Nessa edição, como já esperado não existe nenhum fato novo sobre a crise, apenas a repercussão que ela provoca. Dessa vez tal repercussão não aparece na primeira página, e vai parar apenas na sessão “Mundo”. Ocupando mais de uma página há uma grande matéria falando da repercussão da crise no Japão com duas grandes fotografias ilustrativas que não trazem qualquer informação. A matéria é assinada pela correspondente do jornal em Tóquio, Cláudia Sarmiento.

Ela explora como a repercussão da crise afeta o Japão, aliado tanto da Coreia do Sul quanto dos EUA que sofre com as ameaças de ataques diretos da Coreia do Norte, e como o temor de um novo ataque nuclear está afetando a política no país. A jornalista lembra que o Japão é o único país que sofreu um ataque nuclear e como ameaças de novas ofensivas desse tipo podem causar ainda mais consternação no arquipélago.

Ela conta um pouco da história do país cuja constituição foi escrita pelos EUA e aprovada em 1947, nela o Japão não pode atacar nenhum país, apenas se defender ou contra-atacar caso seu território seja alvo de alguma ofensiva. Também é falado que o exército do país é chamado de Força de Autodefesa desde a desocupação norte-

americana em 1952, e com isso o país é limitado constitucionalmente de ter um grande exército.

A matéria conta que o governo japonês, caracterizado como conservador, quer alterar a forma necessária para se fazer uma emenda à constituição, tornando mais fácil mudanças no texto e dessa forma aumentar o poderio militar do país, fazendo com que ele possa atacar mesmo quando seus aliados forem atacados e que fique menos dependente das forças armadas norte-americanas.

Todavia há ainda alguma resistência quanto as medidas, tanto nacional quanto internacionalmente. Do ponto de vista interno acha-se que isso é um pretexto do governo para diminuir direito civis e trabalhistas constitucionais e que o Japão cresceu como país pacifista com sua população abraçando o texto imposto pelos norte-americanos. Já internacionalmente ainda existe um receio quanto ao aumento da força bélica de um país tão expansionista no começo do Século XX, e acredita-se que o governo utiliza as ameaças norte-coreanas como pretexto, sua real intenção em intensificar o poderio militar passa pela equiparação de forças com a China, rival histórico e com quem tem grande inimizada diplomática.

Para não deixar de falar da crise e sem um assunto novo para divulgar o jornal utilizou-se de um material, provavelmente recentemente arquivado, já que não traz consigo nenhuma informação recente, para não deixar o assunto esfriar e ao mesmo tempo explora a repercussão da crise em um dos países mais afetados e que estranhamente é pouco citado nas reportagens anteriores.

**8 de Abril de 2013, segunda-feira.** Tapado o buraco de notícias do dia anterior, o periódico volta ao ritmo normal dos acontecimentos, e com ele temos refletido o mais importante fato do dia anterior. Nesse dia os EUA decidiram não realizar o teste do míssil balístico *Minuteman III*, dado que ele poderia ser mal interpretado como um ato de agressão pelo governo norte-coreano. Para evitar um mal estar desnecessário, o teste foi adiado.

Indo para o jornal não vemos nada sobre o assunto na primeira página e novamente só teremos alguma notícia da crise na última sessão do primeiro caderno, a “Mundo”. Nela temos duas reportagens que cobrem esse momento da crise, a primeira e mais factual com uma foto e a segunda sem nenhum apoio visual. Nessa edição há um ponto fora da curva, ambas as matérias são assinadas, a primeira vem de outro veículo e a segunda é produzida pelo próprio jornal.

A primeira reportagem é feita a quatro mãos pelos jornalistas Jane Perlez e Choe-Sang-Hun e é descrita como sendo do jornal norte-americano *New York Times*. A grande foto que ilustra essa matéria mostra o presidente chinês Xi Jinping em seu último discurso e é apenas ilustrativa, não traz nenhum elemento informativo relevante para a notícia.

No corpo da matéria temos algumas informações antigas e outras novas. Os jornalistas contam novamente que a Coreia do Norte posicionou mísseis a Leste que apesar de não conseguirem chegar aos EUA, alvo direto do governo local, podem atingir Coreia do Sul e Japão, diz também que a China não aprova o comportamento do seu aliado norte-coreano e novamente disse que toda essa retórica bélica é para negociar concessões no futuro.

Dentro das novidades temos o Diretor de Segurança da presidente sul-coreana dizendo que a Coreia do Sul não se abrirá para diálogos ao prazer e vontade do norte por causa de uma crise. Postura bem diferente dos governantes anteriores do país que tinham um discurso mais conciliatório. O jornal conta também que o governo de Pyongyang estaria testando a capacidade da presidente de administrar uma crise como essa.

Outro ponto negativo liga diretamente China e EUA. Apesar de terem aliados opostos, mas discursos parecidos com relação a essa crise coreana, o texto da matéria deixa clara uma preocupação chinesa com os desdobramentos das ameaças e ações de Kim-Un. Para os jornalistas o tom agressivo do aliado chinês está gerando um fortalecimento bélico e logístico do exército norte-americano na região, o que incomoda bastante o governo de Pequim.

Apesar de não serem inimigos diretos e de terem um gigantesco comércio e intensas relações financeiras entre si, China e EUA não são aliados militares. Além disso, a China entende que aquela porção do continente é a sua área de influência e uma maior presença norte-americana na região é mais preocupante que a própria retórica belicista de Kim-Jong-Un.

Contudo, o ponto mais importante diretamente ligado a crise na península coreana foi relegado para o último parágrafo e não teve nenhuma menção técnica ou informação estratégica, apenas contou-se que um teste de mísseis foi adiado na Califórnia para evitar maiores problemas.

Já a segunda reportagem é de produção do próprio jornal e é assinada pela jornalista Eliane Oliveira. Ela se trata de duas entrevistas, uma ocupa a maior parte do

espaço e é com o embaixador brasileiro na Coreia do Norte Roberto Colin e a outra, menos e guardada para o final é com o Professor de história contemporânea Estevão Martins.

A primeira parte da matéria, voltada para a conversa com o embaixador, conta que os únicos brasileiros residentes no país são o próprio embaixador, sua família e mais dois funcionários. Porém o ponto principal é saber como está repercutindo a crise nas ruas da Coreia do Norte e como os cidadãos estão se mostrando perante as ameaças de seu governante.

Para o diplomata a tranquilidade tem sido o ponto chave, as pessoas continuam com suas vidas sem nenhum temor ou receio. Ele deixa claro que, para o povo, o ciclo de ameaças e provocações é normal quando há algum exercício militar entre o vizinho do Sul e os EUA. E que inclusive o principal jornal do país, que é controlado pelo governo, já não repercute a crise em sua primeira página, o assunto mais atual lá são os problemas econômicos e como o governo está agindo para revertê-los. O embaixador também conta que acha pouco provável que os países entrem em conflito direto.

Já a segunda entrevista do historiador traz um ponto de vista ainda pouco explorado, o âmbito interno de Pyongyang. Ele acredita que as crises recorrentes e que dada a organização e distribuição dos poderes na península elas continuarão a ocorrer no futuro, mas que o caráter mais violento é drástico que é peculiar ao momento atual se deve a algum problema interno do regime de Kim-Jong-Un. E completa que ele deve estar passando por algum tipo de crise de poder e para se manter deva aumentar o tom das ameaças internacionais mostrando-se assim forte e capaz perante os militares e outras forças políticas.

Pela primeira vez foi dito alguma coisa sobre algumas das reais preocupações da China nesse conflito. Antes ela tinha sido tratada apenas como elemento decorativo, um ator próximo ao ameaçador e que apenas se pronunciava por ser seu aliado histórico, mas agora é diferente, interesses locais chineses podem ser afetados caso o governo norte-coreano não saiba conduzir a situação.

A importância desse pronunciamento chinês e seus desdobramentos em relação aos EUA foram tão importantes para a geopolítica que o fato diretamente ligado a crise ficou em segundo plano, na verdade último plano, já que foi relegado ao último parágrafo da matéria principal.

Já a matéria produzida pelo próprio jornal trouxe um ponto de vista humano e cotidiano dos habitantes a Coreia do Norte, que por ser um país fechado a imprensa

internacional tinha poucas informações de como estava o dia-a-dia da população, mas pelo que contou o embaixador, o clima é o mesmo do vizinho do sul. Mas para o entendimento da crise foi a segunda entrevista a mais importante, nela o historiador fez a primeira ligação entre a motivação da crise com fatores internos ao governo de Kim-Jong-Un, faceta pouco explorada pelos veículos de imprensa e que mostra um dos motivos dessa crise ser tão levada ao limite máximo dos países envolvidos.

**9 de Abril de 2013, terça-feira.** Nenhum elemento novo surge apenas declarações de chefes de Estado e desdobramentos de atos realizados nos dias anteriores. Como por exemplo o fechamento por completo do complexo de Kaesong, que é inclusive tratado como fato extremamente relevante para esse dia pelo jornal. Ora com impossibilidade dos trabalhadores sul-coreanos que lá estavam de trabalharem no complexo e já que eles realizaram funções de coordenação e administração das fábricas, o processo de produção ficou comprometido, e o fechamento do complexo era um desdobramento esperado.

Nessa edição o jornal continua não publicando uma chamada na capa, e só vamos ter notícias sobre a crise nas páginas internas da última sessão do primeiro caderno, a “Mundo”. Novamente temos duas grandes reportagens que tomam a maior parte da página, mas não sua totalidade. Ambas são acompanhadas de fotografias, a primeira maior que a segunda. Além disso, nenhuma das duas é assinada ou recebe alguma indicação de como foram produzidas ou as suas informações apuradas.

A primeira matéria é acompanhada de uma grande foto ilustrativa que mostra um soldado norte-coreano patrulhando a ponto que liga os dois países da península coreana. A matéria em si trata do fechamento indeterminado pelo Norte do complexo industrial de Kaesong e seus desdobramentos.

Na verdade como já era esperado esse fechamento desde a expulsão dos trabalhadores sul-coreanos no dia 3 de Abril, as informações contidas no corpo da matéria são mais parecidas com grande apanhado de fatos passados. Fala-se principalmente da retirada dos 53 mil trabalhadores norte-coreanos que lá estavam e que o complexo gerava mais de US\$ 90 milhões de dólares em salários, que ficava retido e iria direto para o governo, segundo o jornal.

Segundo a imprensa norte-coreana, o fechamento do complexo é desdobramento do jogo de intrigas feito por EUA e Coreia do Sul visando instigar o Norte a entrar em



guerra, afirma a matéria. Contudo, analistas dizem que o complexo é vital fonte de renda para o governo nortista e que dificilmente ficará fechado por muito tempo.

Outro ponto também divulgado sai da chamada principal da matéria e entra volta para o mérito do armamento nuclear. Cita-se o secretário geral da ONU ao dizer que a crise já foi longe demais e que a Coreia do Norte deve respeitar as resoluções do Conselho de Segurança. E que é esperado um novo teste nuclear feito pelo Norte para os próximos dias, se aposta no dia 15, devido a data ser comemorativa ao avô do atual governante nortista e fundador do país.

Um ponto interessante e não antes mostrado diz respeito a presidência da Coreia do Sul e seus subordinados. A matéria aponta que o pouco tempo de poder da presidente sul-coreana, Park Geun-Hye, na época há apenas dois meses ocupando o cargo maior do país, já está trazendo equívocos na condução para a crise. E como exemplo são mostradas declarações contraditórias de representantes do governo, o primeiro disse que havia confirmado novas movimentações no Norte levando a crer que poderia ocorrer novos testes nucleares ainda na mesma semana, posteriormente outra declaração do governo desmentiu a primeira alegando que nada levava a essa conclusão.

Além da trapalhada do governo sul-coreano, a segunda declaração ratificadora trouxe consigo algo interessante em relação as negociações, o porta-voz do ministério da defesa disse: “Nós podemos trazer resultados concretos com o diálogo, talvez engolindo nosso orgulho, mas esse não é o momento de fazer isso” (INFOGLOBO, 09/04/2013:30). Mostrando que apesar de querer uma resolução para o imbróglio, o governo não está disposto a colocá-la acima de seu orgulho.

A partir daí são citadas declarações de outros países a começar pela China, que diz estar empenhada em constituir uma península coreana livre de armas nucleares. Quando falou-se de EUA voltou-se a citar o adiamento do teste com mísseis, dessa vez ficou claro de que se tratava de um escudo de mísseis um sistema antibalístico de defesa e não ofensivo. O Japão anunciou que aumentaria o seu sistema antimísseis mesmo sem ter um teste nuclear programado na Coreia do Norte.

A matéria termina com a informação de que mesmo com a declaração de que os corpos diplomáticos em Pyongyang não teriam sua segurança garantida a partir do dia 10, nenhuma embaixada mandou de volta os funcionários que lá estavam.

A segunda matéria, que também não é assinada, traz a declaração do presidente russo Vladimir Putin, que pela primeira vez falou publicamente sobre o caso. Ela traz consigo uma foto mostrando o presidente russo sendo abordado por uma manifestante,

nada ligado diretamente à crise, mas que ilustra a ocasião na qual o discurso foi pronunciado.

Essa declaração poderia estar junto das outras no final da reportagem anterior, mas o seu conteúdo flerta com eventos anteriores que mesmo usados apenas para comparação abrem um novo assunto na pauta da crise. O presidente compara o efeito de um possível ataque nuclear norte-coreano com o acidente da usina nuclear de Chernobyl em 1986 e diz que vazamento pareceria um “conto de fadas infantil” perto do que pode ocorrer na península coreana.

Ele também pede calma para países envolvidos e se diz preocupado com o andamento da crise, além de acreditar que as ameaças nortistas têm uma motivação verdadeira e não apenas a retórica afirmada por especialistas. Ele também disse está convencido de que o esforço do grupo chamado de Seis Partes, que tinha como objetivo impedir na base do diálogo de que a Coreia do Norte desenvolvesse armamento nuclear, não existe mais e falhou no seu objetivo.

Com o seu discurso Putin foi o último Estadista envolvido na crise, já que a Rússia também faz fronteira com a Coreia do Norte e também é uma aliada histórica do regime de lá, a dar um parecer oficial e mostrar seu posicionamento contrário e apoio a resolução pacífica das animosidades.

Mesmo sem ter um fato novo de grande importância para a fase do desenrolar da crise, o jornal continua a manter acesa a importância dada as animosidades trocadas pelos países envolvidos, dessa vez expondo os desdobramentos de eventos anteriores e publicando declarações de países envolvidos diretamente. Declarações essas que parecem cada vez mais convergir para convencer a Coreia do Norte a abandonar o tom de ameaças e negociar.

**10 de Abril de 2013, quarta-feira.** A edição desse dia repercute os fatos do dia anterior, que foi marcado por duas grandes novidades no cenário da crise: uma nova ameaça de ataques e outra ação defensiva por parte dos países aos quais as ações nortistas se dirigem.

O governo norte-coreano recomendou a saída de turistas e empresas da Coreia do Sul já que a área seria em breve cenário de uma nova guerra e eles não estariam seguros. O Japão também instalou nesse dia 4 mísseis norte-americanos *Patriot* em Tóquio visando a defesa de seu território contra um eventual ataque de Pyongyang.

Dessa vez as especulações de Kim-Jong-Un não só procuram afetar o seu vizinho ao Sul militarmente quanto economicamente. Tentar causar danos econômicos ao seu maior inimigo passa agora a ser um dos objetivos das ameaças nortistas, justamente no campo responsável por todo desenvolvimento militar, social e tecnológico do país e que diferencia qualitativamente uma Coreia da outra.

Esses novos fatos trazem mais fôlego para a cobertura da crise e na edição de Quarta-Feira outra pequena chamada surge na primeira capa do jornal. A chama conta que os EUA acreditam que um ataque por mísseis do Norte está próximo, e que o regime nortista alertou sobre a segurança dos turistas que estão no Sul.

Como é de costume, nada é dito em editoriais ou colunas, a editoria e os colaboradores do jornal escrevem apenas sob temas de interesse local ou nacional, em âmbito global apenas esporte e economia. A península coreana é relegada a sessão “Mundo”, novamente.

Dessa vez a crise ocupa uma página inteira da sessão e até agora essa é a edição que traz a maior quantidade de apoio gráfico, uma grande foto ilustrativa, e dois infográficos, sendo um em forma de mapa. A página é dividida em duas matérias, a primeira desdobra os fatos da chamada de primeira capa, e não é assinada, já a segunda trata da repercussão no Japão e é assinada pela correspondente do periódico.

Com a primeira matéria, da qual não sabemos quem a escreveu ou de onde vieram as informações, temos o apoio visual de dois infográficos, um mostrando o governante norte-coreano e uma linha temporal do mês com um resumo de suas ações e provocações no período dividido pelos dias. No segundo temos um mapa da região que inclui o Japão, e nele onde estão localizados os reforços bélicos e logísticos de cada país envolvido, assim o jornal nos conta um pouco sobre o posicionamento de cada um dos atores.

Essa matéria dá grande importância para a declaração veiculada pela emissora norte-americana CNN de um membro das forças armadas de seu país de que os EUA temem um lançamento de mísseis, não deixa claro se um ataque ou teste, nos dias vindouros. Essa declaração, o jornal não explicita, vem um dia depois de o porta-voz sul-coreano negar que tal lançamento era esperado. A matéria também lembra que é essa a data limite dita pelo governo norte-coreano que representaria o fim da sua capacidade de manter a segurança do corpo diplomático das embaixadas em seu país.

Em seguida a matéria ostra um pronunciamento vindo da Coreia do Norte que culpa os EUA e de suas “marionetes sul-coreanas” de empurrar a península para uma

guerra termonuclear. E prossegue sugerindo que empresas e estrangeiros deixem o seu vizinho do Sul, já que a segurança deles estaria comprometida e que não estaria comprometida a criar “vítimas de guerra”.

Outro ponto interessante e novo dessa matéria diz respeito ao Sul, segundo as informações do jornal, alguns políticos sul-coreanos estão apoiando a saída do país do TNP, tratado denunciado pela Coreia do Norte um ano antes de seu primeiro teste nuclear, com o intuito da própria Coreia do Sul desenvolver o seu armamento nuclear. Segundo eles seria criado um clima de tensão nuclear típico de guerra fria que traria estabilidade política para a região.

A partir daí a matéria continua citando fatos passados e deixando o leitor pouco atento a par dos acontecimentos. Até a pouca idade do ditador norte-coreano é citada. Fala-se da opinião de especialistas de que a retórica belicista do Norte não será cumprida e de que Kim-Jong-Un está só protegendo a estabilidade de seu próprio regime ao criar todo esse clima de crise.

A segunda matéria é assinada por Cláudia Sarmento, correspondente do Globo no Japão, essa é a terceira reportagem de Cláudia durante a crise, contudo a primeira que traz novidades para o conflito. Essa é sabidamente produzida pelo jornal, na qual os fatos que a permeiam estão totalmente inseridos no contexto da crise. Ela também contém uma grande foto que mostra uma das baterias antimísseis em Tóquio sendo protegida por um soldado japonês.

Apesar disso, a matéria é curta e conta que o governo japonês instalou nas proximidades ao prédio no qual funciona o seu ministério da defesa, em Tóquio, quatro baterias antimísseis *Patriot* capazes de interceptar qualquer ataque balístico vindos da Coreia do Norte. Ainda explicita o fato do Japão apenas agir em defesa própria e que somente usará tal aparato bélico para se defender. Ainda, a matéria também traz a palavra de especialistas que dizem não temer uma escalada para o confronto direto, mas que devido a pouca experiência de Kim-Jong-Un e a alta temperatura da crise acham que pode haver um erro de cálculo de acabe em um incidente sério.

As duas matérias cobrem ambos os eventos mais importantes do dia, contudo de forma rasa, trazem consigo outras informações pouco relevantes ou não confirmadas ou ainda repetidas demais, como por exemplo, a pouca idade de Kim-Jong-Un. Outro ponto que incomoda é a pouca análise, quando algum especialista fala sobre o assunto é apenas um, e dessa vez não teve nenhum estudioso consultado pelo jornal.

Ao mesmo tempo em que existe uma escalada da crise ela parece ser devagar demais para o apetite do periódico, os eventos não acontecem como previsto e para não ficar sem cobertura coloca-se dois parágrafos de notícias novas e termina a matéria com fatos e declarações pouco expressivas. Faltando 5 edições para o fim da crise ainda não se viu nenhum comentário sobre as intenções dos aliados da Coreia do Sul em manter apenas o diálogo com a Coreia do Norte e não fazer valer as sanções impostas pelo Conselho de Segurança.

**11 de Abril de 2013, quinta-feira.** Não há grandes atualizações nem nesse dia nem no dia anterior, porém o jornal mantém a crise aquecida com apenas uma pequena matéria com foto e não assinada dentro do primeiro caderno na sessão “Mundo”. A pequena matéria, em relação a outras publicadas é fruto desse pequeno espaço de apenas tensão, sem nenhuma ação prática dos dois lados, e como apenas os governos se mostram preocupados com a situação é deles que saem as notícias que preenchem a edição desse dia.

A reportagem, da qual não sabemos quem escreveu ou o responsável por todas aquelas informações, traz consigo apenas uma grande foto como apelo visual que mostra norte-coreanos fazendo juramento em frente a estátua de líderes do país, eles seguram um cartaz escrito: “Viva Kim-Jong-Un, grande líder do partido e do povo”. O corpo da matéria além de tratar de assuntos já publicados nos conta que tanto o EUA quanto a Coreia do Sul aumentaram seu nível de alerta.

Apesar disso não ficar explícito na matéria, o governo de Seul confirma as declarações dada no dia anterior pela emissora CNN e diz que há uma movimentação norte-coreana que pode indicar a iminência de um lançamento de mísseis seja para ataque ou para testes nos próximos dias. Esse nível de alerta subiu de 3 para 2 em uma escala de 4 na qual 1 só é alcançado em guerras, ou seja, os dois países estão literalmente a um passo do estado de guerra.

A matéria traz dados da revista norte-americana *Foreign Policy*. Segundo ela, líderes norte-americanos e norte-coreanos teriam se encontrado em Nova Iorque em Março de 2013 para tentar negociar o fim ao programa nuclear de Pyongyang. Aparentemente não se chegou a resultado algum e a crise atual não pode ser evitada.

Outra informação relevante vem da agência oficial do governo sul-coreano *Yonhap*, segundo ela uma nova bateria antimíssil deverá ser instalada no país no mês de

Julho. A agência ainda acusa o governo do Norte de ataques cibernéticos a empresas e órgãos do país e diz que medidas para aumentar a defesa deles estão sendo mantidas.

Dessa vez a matéria finaliza com um depoimento do chefe da divisão política da fábrica de tabaco de Pyongyang, para ele a população local está tranquila porque sabe que o país detém a tecnologia militar e com isso nenhum país se atreveria a atacá-lo ou invadi-lo. Por mais que essa fonte não seja muito idônea pode nos dar uma noção de como os norte-coreanos também estão encarando essa crise.

Com notícias menos importantes e de caráter mais técnico ou especulativo do que prático, o jornal tenta não deixar esfriar um assunto tão longínquo para o povo brasileiro, mas muito importante no contexto geopolítico. Uma tentativa do Globo de mostrar-se para além dos interesses nacionais ou regiões e aparecer como uma real fonte de notícias global.

**12 de Abril de 2013, sexta-feira.** Novamente sem acontecimentos relevantes nesse dia ou no anterior, as notícias do jornal relativas à crise saem da península coreana e se dirigem para o Norte do continente americano. Mais precisamente elas giram em torno de um relatório vazado de uma comissão do Pentágono que diz reconhecer que a Coreia do Norte tem a capacidade de colocar ogivas nucleares dentro de mísseis balísticos, contudo ainda enfrente falhas técnicas para realizar um ataque.

E é com esse documento como pano de fundo que o assunto surge através de uma pequena chamada na primeira capa do jornal desse dia com o título de “Ameaça Concreta”. Depois de explicar rapidamente em poucas palavras do que se trata o documento só vamos ter notícias novamente sobre a crise dentro da sessão “Mundo” no final do primeiro caderno.

Dentro do jornal, na sessão em que já era esperado o surgimento da matéria vemos o vazamento dos documentos do Pentágono dando novo gás ao assunto e novamente a crise passa a ocupar uma página inteira, dessa vez acompanhada de duas matérias, uma grande, repleta de informações novas e outra mais opinativa em forma de artigo. Ambas são assinadas e acompanhadas de duas fotos ilustrativas que adicionam pouca informação ao texto apresentado.

Ambas as fotos pertencem a primeira matéria, na maior delas vemos trabalhadores sul-coreanos protestando em Seul contra o fechamento do complexo de Kaesong, e na menor temos o presidente norte-americano e o secretário geral da ONU conversando em alguma sala da Casa Branca. A matéria é assinada por Bernardo

Barbosa e diz conter informações de agências de notícias e do New York Times, além disso, ela ainda conta com conteúdo proveniente de entrevista dada ao jornalista.

O jornalista começa explicando que pela primeira vez o Pentágono reconhece que a Coreia do Norte tem a capacidade de colocar uma ogiva nuclear dentro de um míssil. A informação foi vazada de um documento por um deputado norte-americano no mesmo dia em que, segundo a matéria, o governo da Coreia do Sul teria acenado ao diálogo com o seu vizinho ao Norte. Nessa primeira parte da matéria ele também conta que o secretário geral da ONU, Ban-Ki-Moon está na Casa Branca para conversar com o presidente norte-americano sobre a crise. Conta também que o secretário de Estado dos EUA John Kerry está indo para Seul para se encontrar com o chanceler sul-coreano Yun-Byung-Se.

Em seguida é dito que o órgão responsável pela produção do documento é o mesmo que confirmou a existência de armas de destruição em massa no Iraque comandado por Saddam Hussein, e que foi esse documento de outrora que foi usado como base para invasão do país. Bernardo ainda afirma que até hoje nada foi encontrado. Apesar desse aparente erro do passado o Pentágono ainda goza de prestígio e credibilidade, por isso leva-se a crer que o que está escrito no relatório é mesmo verdade.

Do ponto de vista do vazamento de informação, agência responsável por sua produção disse ter distribuído o relatório para todo alto escalão do governo e militares e que não deveria ser revelado. Para não dar mais problemas a assessoria do deputado explicou que a parte divulgada foi apenas a não oficial e outros conteúdos de foro técnico e estratégico continuarão em sigilo.

Depois das novas notícias volta-se para as velhas. O jornalista conta sobre os três testes nucleares já realizados pela Coreia do Norte, sobre o posicionamento de mísseis na costa leste por Pyongyang e que se acredita que um míssil de longo alcance, o *Musudan*, com capacidade de alcançar até 4 mil quilômetros seria testado no próximo dia 15, aniversário do avô de Kim-Jong-Un e fundador do país.

O diretor de inteligência dos EUA, James Clapper disse, na matéria, que acha pouco provável um ataque norte-coreano já que eles mesmos sabem que tem poucas chances de vitória e acredita que tudo isso não passa de uma tentativa para conseguir vantagens e projeção no cenário internacional. Contudo, para especialistas, Washington não está tão tranquila assim, já que teria posicionado baterias antimísseis no Alasca e

Califórnia, além de mandar um sistema de defesa para Guam que só estava previsto de ser instalado em 2015.

Já a Coreia do Sul novamente mostrou-se atrapalhada com a situação, já que o ministro da reunificação local confirmou ter convidado autoridades norte-coreanas para um diálogo informal. Isso três dias depois de declarar que o seu país não tinha intenção nenhuma em dialogar com os nortistas.

No fim da matéria há alguns pequenos parágrafos mostrando a insatisfação com o andamento da crise pelos líderes do G8 que se encontraram em Londres. Além disso, Peter Hayes, diretor executivo do Instituto *Nautilus* para a Segurança e Estabilidade, em entrevista ao jornal disse confiar na forma como a Coreia do Sul negociará com os norte-coreanos já que todos os envolvidos sabem das capacidades bélicas e que eles já estão há tempos com conhecimento para lidar com esse tipo de situação.

A matéria termina comentando que a China, maior aliado de Kim-Un já mostrou por diversas formas insatisfação com a situação produzida pelo ditador. E que a comunidade internacional espera para ver como Pequim lidará com a situação.

Essa última parte parece um gancho para a segunda matéria, que na verdade se parece mais um artigo. É escrita por Helen Gao e foi publicada na *Foreign Policy*. Nesse texto Helen conta a insatisfação chinesa com a crise, em todos os seguimentos, desde a população, comentaristas políticos ao próprio presidente chinês, Xi Jinping.

O artigo conta que o pouco de simpatia e compaixão do povo chinês pela Coreia do Norte, fruto dos países terem lutado unidos na Guerra da Coreia, vai se desfazendo aos poucos conforme o regime norte-coreano teima a contrariar as sugestões de seu maior aliado. Com o aumento da presença norte-americana da região e a recusa de Pyongyang parar com seu programa nuclear a China começa a repensar sua aliança e a cogitar a tomar medidas mais drásticas contra o governo do Norte.

As duas matérias ainda não tocam no único ponto ainda não abordado: os interesses de cada um dos atores, a não ser a Coreia do Norte. A maioria das matérias trabalha em cima do argumento de manutenção do regime seja interna ou externamente, mas ainda não se falou qual o interesse da China, por exemplo, além da diminuição da presença norte-americana no continente.

Perguntas como as motivações que levam China e Rússia continuarem sendo aliados de Kim-Jong-Un ou da manutenção da sempre busca pelo diálogo com os nortistas ao invés de uma intervenção militar do Conselho de Segurança. Por que não



fazer com a Coreia do Norte o que foi feito no Iraque e Afeganistão? Nada disso é respondido, ninguém cogita a hipótese.

Até quando se compara, mesmo que despretensiosamente, Iraque com Coreia do Norte a pergunta não aparece. Os motivos pelos quais ainda é conveniente para todos envolvidos, aliados e inimigos, a manutenção do regime de Kim-Jong-Un ainda é um mistério para o leitor que até agora acompanha o caminhar da crise apenas pelo jornal.

Vende-se a ideia de que o regime norte-coreano é louco, frágil, faz-se piada com isso na internet, mas ninguém se pergunta por que ele ainda está lá, mantendo milhões na miséria e realizando ações que podem prejudicar a paz em uma região do globo importantíssima para a estabilidade econômica no resto do mundo.

**13 de Abril de 2013, sábado.** A partir dessa data o evento mais importante ligado a crise gira em torno do secretário de Estado norte-americano John Kerry e suas viagens pelo extremo oriente conversando com as autoridades locais e tentando por um fim as animosidades, e mais importante, encerrar o desenvolvimento de armamento nuclear na Coreia do Norte.

O primeiro país visitado pelo secretário foi a Coreia do Sul, onde ele conversou com a presidente do país, Park-Geun-Hye, sobre os seu vizinho problemático do Norte. Nesse encontro o secretário também falou da importância da China nas negociações e no documento vazado do Pentágono por um Deputado de seu país.

A edição traz consigo uma chamada de primeira capa que permeia justamente a visita do secretário de Estado John Kerry. Alias, grande parte das chamadas de capa referentes a crise tem como chamariz declarações ou ações norte-americanas. Essa pequena nota dá conta de que o próprio secretário afirmou que seu país não aceitará uma Coreia do Norte com armas nucleares.

Como de costume não vimos mais nada relativo a crise até chegarmos a sessão “Mundo”. Nela, a visita do secretário norte-americano ocupa a maior parte de uma das páginas, mesmo assim a divide com outras duas pequenas reportagens sobre assuntos exteriores. Essa única reportagem contém um dos apoios visuais, que juntos são maiores do que a mancha gráfica do texto. Ela não é assinada e nem sabemos qual é a procedência das informações apresentadas.

Na foto ilustrativa da matéria podemos ver o secretário de Estado norte-americano apertando a mão da presidente sul-coreana, ambos sorrindo. Já o grande infográfico representa didaticamente um pouco da parte técnica do arsenal conhecido da

Coreia do Norte. Nele vemos um recorte do globo terrestre com os alcances de cada míssil de que o país do norte tem domínio de produzir. Ao lado desse globo existe uma representação de escala com o desenho de cada míssil, e nesse momento que o míssil *Musudan*, de 4 mil km de alcance, é grifado, e se segue um pequeno texto explicativo informando que a Coreia do Norte posicionou alguns desses mísseis em sua Costa e que acredita-se que ela já deva ter capacidade de colocar uma ogiva nuclear dentro do míssil, assim podendo atingir o vizinho do Sul e o Japão.

A segunda parte do infográfico traz alguns indicadores de ambas as Coreias: população, mortalidade infantil, PIB per capita, gasto militar, militares na ativa e o ranking mundial de liberdade de imprensa. Todos esses números trazem informações díspares da situação entre as Coreias, mostrando que a do Sul tem uma enorme superioridade bélica, econômica, política e social. E o jornal garante, na legenda desses indicadores: “Números recentes das duas Coreias mostram que uma eventual reunificação deverá superar, além das tensões militares, um abismo socioeconômico.” (INFOGLOBO, 13/10/2013: 36) , mesmo sem ninguém ter citado a unificação como possível o jornal já deu seu parecer técnico sobre essa condição.

No início da matéria o jornal confronta a estratégia norte-americana para essa crise, chamando-a de “paciência estratégica”, na qual o país vai conversando com a Coreia do Norte, sem dar concessões ou benefícios e enquanto isso pressiona Pyongyang cada vez mais para o abismo do isolacionismo. E ao mesmo tempo confronta essa teoria com a atual “impaciência chinesa” com a forma com a qual seu aliado do Norte tem levado toda a situação, aumentando o contingente militar vindo de Washington e atrapalhando a zona de influência chinesa na região.

E a matéria alerta que é para explorar esse limite chinês que o secretário está viajando para a china, disposto a negociar com o ministro das relações exteriores de lá uma troca da diminuição do sistema antimíssil norte-americano instalado na Ásia pelo abandono do programa nuclear norte-coreano.

A matéria também ressalta que essa não é a primeira vez que os EUA usam essa prática contra a Coreia do Norte, em 2011, depois do segundo teste nuclear realizado com o país, ambos sentaram para negociar, sem a presença da China, á época se dizia que os interesses chineses não eram compatíveis com os norte-americanos. Mas agora parece que o tom mais agressivo de Kim-Jong-Un fez com que os norte-americanos apelassem para a ajuda dos chineses, além do mais, agora eles estão incomodando a todos, aliados e inimigos e os próprios chineses tem interesse em uma península coreana

desnuclearizada, afinal de contas, dessa forma só eles teriam poderio nuclear naquela região.

Dito isso o jornal volta a falar dos pormenores do vazamento do documento do Pentágono com o secretário colocando panos quentes na situação e dizendo que por mais que eles possam usar uma ogiva nuclear nada garante que consigam colocá-la dentro de um míssil, já que eles ainda não demonstraram testes de uso da tecnologia em combate. Para alimentar o assunto também foram publicadas entrevistas com membros do exército norte-americano chocados com a forma e o conteúdo vazados, nada de importância direta para a crise.

A cobertura desse primeiro dia de visitas pela Ásia de John Kerry mostra uma vontade aguçada de cobrir os fatos, parece que quando o assunto permeia declarações ou atos norte-americanos a crise se acende novamente. O ritmo para uma maior ou menor cobertura para a crise parece ser dado pelo interesse de Washington. Difícil dizer se isso ocorre apenas pelo fato dos jornais e agências de notícias norte-americanas apenas se interessassem nessas condições, e é aí que o Globo consegue suas informações, ou se a ligação é mais ideológica.

**14 de Abril de 2013, domingo.** A grande edição de Domingo chega reportando sobre a crise a notícia do encontro do secretário de Estado dos EUA, John Kerry com líderes chineses. A crise as Coreias foi o ponto forte dessa conversa, na qual o norte-americano negociou concessões aos chineses caso eles convencessem Kim-Jong-Un a abandonar o programa nuclear de seu país. Afinal de contas uma Coreia do Norte nuclear não é vantagem para nenhum dos envolvidos.

Novamente uma nova chamada na primeira capa com o título “EUA cortejam China com concessões”, em seguida vem a troca da diminuição do sistema de antimísseis norte-americano na região pelo fim do programa atômico norte-coreano. E mais uma vez é através dos EUA que a crise vai parar no ponto mais nobre do jornal mais nobre da semana.

Apesar da tensão entre as Coreias também estar presente em um conto do escritor Fernando Veríssimo em seu espaço no jornal, ele nada toca a situação, apenas conta um caso pessoal durante a guerra da Coreia da década de 1950 então não entra na análise. Só vamos achar algo referente diretamente a crise na sessão “Mundo”, mas dessa vez pouco suporte visual, espaço reduzido e são duas matérias.

O assunto divide espaço de uma página com outros assuntos internacionais, mas nessa edição são duas matérias, a primeira é produzida pelo próprio jornal, é assinada e não tem qualquer apoio visual. Já a segunda é menor, apesar de trazer informações diretas sobre a crise, tem um apoio visual maior do que o corpo do texto e não é assinada, assim como não sabemos de onde vieram as informações ali escritas.

A primeira matéria é produzida pelo próprio jornal e é assinada por sua correspondente em Tóquio, Cláudia Sarmiento. Não possui qualquer apoio visual. Mas dessa vez o conteúdo é próprio, apesar da matéria não necessariamente ser atual, alias essa é uma marca do jornal de Domingo. Diferente da última reportagem de Cláudia, essa permeia assuntos gerais, que poderiam estar em qualquer edição da semana.

Não só pelas informações, mas o conteúdo já é batido, a repórter escreve e cita especialistas sobre um assunto mais do que exposto pelo jornal, as motivações que a Coreia do Norte teria para continuar com o seu programa nuclear e tornar essa crise mais séria e preocupante que as outras. E as respostas são as mesmas, dessa vez foram citados apenas especialistas japoneses: a necessidade de afirmação do poder de Kim-Jong-Un, que ele quer levar a situação para um ponto crítico para depois sentar e negociar benefícios com os adversários e outros propósitos já antes analisados.

E no fim o resultado é o mesmo: os especialistas não acreditam em um confronto direto, já que para eles Kim-Un sabe que perderia rapidamente uma eventual guerra, principalmente porque não deverá ter o apoio da China, mas que temem a situação política que ficaria a Ásia com uma Coreia do Norte nuclear.

A segunda matéria é menor em quantidade de informação e corpo do texto mas ocupa um espaço maior que a primeira graças a fotografia ilustrativa que a acompanha. Nessa ilustração vemos alguns militares norte-coreanos em uma espécie de exposição com muitas flores e no fundo alguns dos mísseis em posse da Coreia do Norte. Já o texto traz o resultado da reunião de John Kerry e líderes chineses sobre a crise na península coreana. Como grande parte da conversa não foi aberta a mídia, a capacidade de se conseguir informação é limitada, já que pouco se sabe sobre o conteúdo discutido.

O jornal deixa claro que o secretário classificou as conversas como “construtivas” e logo no começo da matéria conta que os líderes que ali estavam concordaram em aumentar a pressão sobre o governo de Kim-Jong-Un para que ele abandone o programa nuclear de seu país, em troca, como já disse antes, Kerry prometeu retirar parte do seu arsenal antimísseis da região, agradando assim a China. O principal ponto em comum entre os dois Estados foi o fato de ambos quererem uma

península coreana desnuclearizada e para isso deverão chamar o então ditador nortista para negociação.

A partir daí a matéria explicita os motivos dos chineses terem sido procurados pelos norte-americanos para tal pedido. Ela conta que China é o principal parceiro comercial da Coreia do Norte, além de ser o único aliado diplomático do país, e caso a poderosa China dê as costas para o regime nortista o isolamento seria tamanho que dificilmente o ditador conseguiria manter o seu status quo.

Para finalizar a matéria ressalta o bom começo de relação entre os chineses e Kerry, já que essa teria sido sua primeira viagem como secretário para o país, lembrando que o relacionamento chinês com a antiga secretária de Estado Hillary Clinton era bastante conturbado. A reportagem termina com um comunicado da TV Estatal norte-coreana dizendo que o governo nunca abriria mão do seu arsenal nuclear, já que ele seria um “precioso mecanismo de segurança”, mostrando assim que talvez os chineses não consigam convencer os norte-coreanos com tanta facilidade.

Para manter o assunto quente e mostrar que tem entrada na crise, o jornal publica uma matéria pouco factual produzida e apurada por sua correspondente no Japão, no qual o assunto é pauta é algo já mais que discutido em quase todas as edições anteriores. A publicação da matéria de Cláudia mostra mais a capacidade logística do veículo de manter um correspondente fora do que de fato alguma utilidade técnica para o entendimento da crise.

E novamente vemos uma importância grande dada a uma pequena matéria, inclusive com chamada de capa, pelo simples motivo dela estar entremeada de referência aos EUA. Até agora das três menções diretas a John Kerry, duas tiveram chamadas na região mais nobre no jornal. Em relação a crise norte-coreana, a mais forte ligação que o jornal faz com interesses de seus leitores brasileiros é através dos EUA.

Mais uma vez o assunto mais badalado é a negociação dos aliados dos EUA com a China pelo fim das animosidades do Norte e o único interesse exposto para isso é apenas chinês e diz respeito a presença norte-americana. Todos têm interesses na manutenção dos regimes na península coreana, talvez o jornal ache que o fato do governo norte-coreano ter bombas nucleares afaste iniciativas militares por parte do Conselho de Segurança. Ora, mesmo sem autorização do Conselho e com relatórios de que eles possuíam armas de destruição em massa, os EUA invadiram o Iraque. Por quais motivos eles não repetem a dose? O jornal ainda não esclareceu.

**15 de Abril de 2014, segunda-feira.** A edição de Segunda cobre os eventos que ocorreram na véspera do dia que representa o 101º ano do fundador e primeiro ditador da Coreia do Norte Kim-Il-Sung, avô do atual governante. Essa data não é só importante para as autoridades locais, mas o dia 15 no qual os EUA e seus aliados especulam que seria quando as ameaças de Kim-Jong-Un se tornariam realidade e então ou ocorreria um teste nuclear ou um ataque de fato, ou então as duas coisas. Sabido disso, esse dia marcaria as preparações finais para a iniciativa de Kim-Un.

O dia coberto por essa edição também tem como protagonista a visita de John Kerry a Tóquio, último pilar dos envolvidos diretamente na crise e que anseiam por conversar diretamente com o ditador. Também deveria incluir a Rússia, mas parece que nem o secretário, muito menos o jornal se lembraram disso.

Logo no começo percebe-se que essa edição é outro ponto fora da curva na análise, mesmo com um pronunciamento do secretário dos EUA, não existe nenhuma chamada ou menção a crise na primeira capa do jornal, e o assunto volta a ficar relegado a um pedaço de meia página na sessão “Mundo”. Para informar-se sobre a crise só na sessão para assuntos internacionais, novamente não existe nenhum editorial ou texto opinativo dos colaboradores. E dessa vez o jornal traz apenas uma matéria em relação a crise, ocupando apenas meia página e com apoio visual, essa única matéria também não é assinada.

A matéria tem como apoio visual uma foto de maratonistas estrangeiros correndo na Coreia do Norte enquanto militares fardados em fila acompanham assistindo. Essa fotografia ilustra um dos assuntos da matéria, a maratona internacional realizada em Pyongyang. Essa reportagem não é assinada tampouco sabemos a procedência das informações nela publicada.

Apesar da fotografia, a matéria começa novamente centrada nas declarações do secretário, que basicamente repetiu o que tinha dito no dia anterior em Pequim: alegou que os EUA querem uma solução pacífica para o conflito, mas que fará o possível para defender seus aliados na Ásia, no caso Japão e Coreia do Sul, e os soldados norte-americanos que lá estão, cerca de 30 mil na Coreia do Sul e o contingente de suas bases militares no Japão. O secretário também rebateu críticas que disseram que eles estariam comprando a ajuda da China com a diminuição do poderio militar norte-americano na região.

Quanto a conversa do dia anterior Kerry disse apenas que se a Coreia do Norte desistisse do seu programa nuclear seria natural para os EUA diminuírem o seu arsenal

bélico na região, já que boa parte dele só está lá por causa da ameaça de Kim-Jong-Un. Ora, no frigidar dos ovos é tudo a mesma coisa. E com isso o secretário disse que esperava que os chineses se empenhassem mais para dissuadir o seu aliado.

Nessa mesma ocasião o secretário de Estado japonês, Fumio Kishida, também revelou o apoio de seu país para a abertura do diálogo e disse que o Japão só se defenderá de um eventual ataque, mas que prefere resolver tudo no diálogo e na negociação com o regime socialista.

Quanto a maratona que ocorrera na manhã do dia anterior, o jornal revela que ela faz parte das comemorações do aniversário do fundador da Coreia do Norte, e que o vizinho do Sul e seus aliados temem que as festividades também incluam desfiles militares e de seu arsenal bélico, além do teste ou ataque a inimigos. Apesar de estarem preparados, os sul-coreanos querem evitar um confronto direto. Mesmo assim um dos corredores participantes de Taiwan conta na matéria que tudo parece estar do mesmo jeito do ano anterior e que não existe nenhum clima de preparação militar nas ruas diferente das edições anteriores.

Além dessas poucas informações a matéria também traz uma suíte, que apesar de não ter nada a ver com a crise conta um pouco sobre a maratona, nela é publicada a reclamação de um instituto de economia britânico contra a BBC que teria infiltrado em sua excursão alguns repórteres para acompanhar a maratona e fazer reportagens no país, colocando em risco os estudantes. Apesar de pouco importante para a crise, essa publicação nos mostra como é difícil para a imprensa cobrir os acontecimentos na Coreia do Norte, já que o mais respeitado canal de notícias do mundo teve que entrar infiltrado para realizar algumas matérias.

Pela quarta vez o jornal deu prioridade a voz do secretário norte-americano e esqueceu de olhar para a crise diretamente. A maratona que ocorreu no dia 14 daquele mês foi anunciada oficialmente no dia 10, quatro dias antes, no mesmo dia no qual o país afirmou que não conseguiria, mas proteger as embaixadas de países que lá estavam. Ora, na época achou-se que o anúncio do evento não passava de mais uma retórica e que ele provavelmente seria cancelado em prol da aproximação de um confronto.

Mas para espanto de todos, ela ocorreu e com não surgiram ameaças ou a velha retórica belicista. Logo, a tranquilidade na qual a maratona ocorreu foi o primeiro sinal de que o regime de Kim-Jong-Un poderia nos próximos dias, ao invés de realizar testes ou ataques, sinalizar para a abertura de negociações.

**16 de Abril de 2013, terça-feira.** Finalmente chega a edição que traria a cobertura dos acontecimentos do dia no qual se especulava que todas as ameaças de Kim-Jong-Un virariam realidade e que o tal “erro de cálculo” aconteceria e o mundo veria a península coreana entrar em guerra depois de 60 anos. Nada disso aconteceu, o regime não demonstrou nenhum tipo de força bélica, não aumentou sua retórica, muito pelo contrário, as comemorações aconteceram tranquilamente.

Contudo, politicamente falando, para azar de Kim-Jong-Un, no mesmo dia do aniversário de seu avô ocorreu o atentado na maratona de Boston que deixou três pessoas mortas e mais de 170 feridas. O fato lamentável que ocorreu em território norte-americano fez toda a atenção e comoção mundial sair do Extremo Oriente e ir para a Costa Leste dos EUA. Até mesmo o jornal deixou a crise de lado, e pela primeira vez em 16 dias nada, exatamente nada, foi falado sobre a crise.

As páginas da sessão “Mundo”, que já haviam se tornado o local tradicional em que está a maior parte das informações sobre a crise, foram inundadas pelo atentado, três páginas ao todo trouxeram diversas informações para o leitor sobre o que houve na tarde de Boston no dia anterior.

Somente o fato de não ter nada para analisar nessa edição já nos dá a oportunidade de condicionar o interesse do jornal ao interesse norte-americano à crise, no primeiro momento que as atenções de Washington voltaram para dentro de seu território com ela foi a cobertura do jornal.

### **3.7 Análise geral da cobertura da Crise da Coreia de 2013.**

A Ásia-Pacífico, tornou-se, oficialmente, com as palavras de Hillary Clinton, Secretária de Estado de Barack Obama no primeiro mandato, no seu artigo *America's Pacific Century* publicado na *Foreign Affairs*, o principal palco da geopolítica mundial na perspectiva norte-americana, em detrimento da Europa. (FERNANDES, 2013: 149).

Mesmo sem saber dessa declaração do governo norte-americano o leitor mais desatento reparará que com o passar das edições a quantidade de páginas referente a cada dia de análise durante o desenrolar da crise foi se tornando cada vez menor. E a razão disso é simples, o que começou com um digno espaço de exposição de acontecimentos foi evoluindo para a repetição dos mesmos fatos e conclusões com a adição de cada vez menos material sensível a crise.



Verdade seja dita que com o passar dos dias a própria retórica belicista do regime nortista foi perdendo força e perdendo espaço nos noticiários para a movimentação diplomática dos aliados de Seul, principalmente os EUA.

Também pode se reparar que a própria crise tomou um novo fôlego nas páginas do jornal quando o alto escalão norte-americano se incumbiu pessoalmente, na figura do secretário de Estado John Kerry, para resolver o problema, viajando e conversando com todos os envolvidos na região, com exceção da Rússia, considerada talvez um ator muito pequeno nessa crise, e da própria Coreia do Norte, que se recusara a negociar até o presente momento.

Mesmo sem ter dados novos sobre o progresso factual da crise o jornal não investigou pontos importantes da crise como a postura do governo brasileiro perante os acontecimentos. Afinal de contas, pelos tratados da OEA, qualquer membro atacado teria a ajuda de todos os outros para retaliar. E os EUA são membros da organização, mesmo que somente a ilha de Guam fosse atingida isso significaria que o Brasil estaria obrigado por tratado a entrar em uma possível guerra contra a Coreia do Norte.

Outro ponto que ficou de fora foi a busca pelos motivos que levariam os aliados de Seul, principalmente EUA, a quererem resolver o assunto só na base do diálogo, justamente ele que em momento parecido não hesitou em invadir o Iraque uma década antes. Seria a proximidade com a Coreia do Sul que poderia gerar efeitos colaterais nesse aliado? Ou ainda a Coreia do Norte não ter nada de rico em seu solo? Ou ainda o temor da China entrar em um confronto apoiando o seu antigo aliado? O jornal não propôs nenhuma pergunta diretamente envolvida com a crise que fugisse do que estava sendo falado pelas agências de notícias.

O jornal não entrou no mérito da análise sobre as sanções do Conselho de Segurança da ONU. Ele não buscou responder as razões para as sanções sobre a Coreia do Norte não terem sido cumpridas ou ainda porque o país asiático não sofreu nenhuma intervenção militar, já que o Conselho de Segurança tem essa prerrogativa.

Também não foi explicado de onde vieram os recursos para um país tão pequeno e ineficiente economicamente produzir uma tecnologia de mísseis que nem o Brasil produz. Além disso, a hipótese de miniaturizar uma ogiva nuclear e colocá-la em um míssil intercontinental é tecnologia que poucos têm capital para financiar. A origem do conhecimento ou do material para a condução das pesquisas não foram questões tratadas no jornal.

Indo além dos dias do desenrolar da crise, não vemos mais nada sobre a crise ou sua resolução. Mais quatro datas nos meses vindouros marcam a volta da negociação, inclusive com a abertura do complexo industrial de Kaesong, marco do começo da crise, e nada mais é falado no jornal. Aparentemente a cobertura ficou condicionada ao interesse norte-americano.

As reportagens por sua vez eram raramente assinadas e em poucas matérias se deixava claro de qual veículo ou agência de notícias vinham as informações nelas contidas. É compreensível que pode ser pouco vantajoso do ponto de vista comercial para um jornal manter um correspondente tão longe para apurar e produzir a maior parte das matérias sobre esse assunto, mas a falta de transparência sobre a confecção dos textos deixa uma dúvida sobre a legitimidade das informações ali contidas.

Ainda assim, as matérias assinadas pela correspondente do jornal em Tóquio traziam apenas informações do próprio Japão, e com exceção de apenas uma ocasião, não contendo informações novas e relevantes sobre a crise. Parecendo que o jornal apenas gostaria de mostrar aos seus leitores de que tinha recursos logísticos para manter um profissional em terras tão longínquas.

A fraca cobertura dos fatos pode ser entendida em parte pela distância do público alvo carioca do jornal. Afinal de contas, nem a América do Sul, muito menos o Brasil estavam ameaçados diretamente ou tinham algo a ver com o imbróglio na região do Extremo Oriente. Assuntos internacionais mais regionais como a eleição na Venezuela, que ocorreu no mesmo período, preencheu muito mais espaço físico tanto na sessão “Mundo” quanto nas colunas, editorias e principalmente na primeira página. E foi o único assunto a dividir atenção com o atentado de Boston no dia 15 de Abril.

Dessa forma pode-se chegar à conclusão de que quanto mais distante da capital carioca mais desinteressante fica o assunto, mesmo que de extrema importância para a paz mundial, a não ser que os EUA estejam diretamente ligados. Na escala do critério de noticiabilidade do jornal podemos perceber que espaço primeiro é reservado para assuntos locais, depois nacionais, internacionais regionais, Europa e América do Norte e por último o resto do mundo. E por mais apocalípticos que sejam as ameaças e o poderio norte-coreano, uma guerra, mesmo usando armamento nuclear que colocaria em guerra a região economicamente mais importante do mundo na atualidade, é tratada como assunto de segundo ou terceiro escalão.

Embora a cobertura não tenha sido proporcional à importância internacional do evento, ela foi muito imparcial e coerente dentro dos parâmetros de análise

estabelecidos pelo jornal. Em nenhum momento as matérias demonstraram alguma intenção de nortear o pensamento crítico do leitor ou distorcer os fatos para apoiar o seu ponto de vista editorial, que só foi exposto uma única vez no começo da crise. Mesmo com o alto nível profissional com o qual as análises foram feitas elas não foram suficientes para saciar a sede de informação que um leitor poderia ter sobre a crise. Só ler o jornal durante esse período não deixaria um interessado na crise satisfeito, levando-o provavelmente a procurar outras fontes e eventualmente deixando de ler sobre o assunto pelo jornal em prol de uma leitura mais aprofundada e analítica de outro meio e veículo.

Assistiu-se mais uma vez à estratégia norte-coreana. O status quo mantém-se na região. Esta não resolução para a crise satisfaz os interesses dos vários atores que interviam. Poderemos esperar mais crises semelhantes que irão pôr à prova a hegemonia norte-americana bem como a posição dos restantes atores na balança de poder na região, principalmente a da República Popular da China. (FERNANDES, 2013: 173).

Assim, verificou-se que o jornal não obteve êxito sucesso em entregar ao seu leitor uma cobertura que o fizesse chegar a conclusões parecidas com essas.

#### 4 COMPARAÇÕES ENTRE OS PERÍODOS HISTÓRICOS

Mesmo que estudados superficialmente poderíamos perceber várias diferenças entre os períodos analisados: cronologia, ideologia, atores envolvidos, região do mundo na qual ocorreram, motivações, forma pela qual os eventos foram conduzidos, tecnologia, capacidade bélica dos envolvidos. A lista pode ser tão grande quanto for a profundidade da abordagem, mas o que chama atenção são algumas semelhanças: a tensão nuclear, em alguma medida ainda existe a dualidade “capitalismo X comunismo” e o uso de uma possível guerra que ninguém quer começar, apenas para se aproveitar do período de incertezas e ter benefícios políticos e estratégicos.

Na crise de 1962 a URSS não divulga a existência de armas na ilha cubana, mas deixa a base na qual ficariam os mísseis à vista dos aviões espiões norte-americanos que sabidamente patrulhavam a região. Quando o plano foi descoberto, a primeira reação foi negar que armas com capacidade nuclear estavam na ilha, posteriormente com a comprovação de Washington do real potencial bélico soviético no Caribe e a implantação do bloqueio marítimo, o líder do bloco socialista aceitou negociar termos para a diminuição das tensões na região.

Nesse clima de tensão, para ambos os lados, e nervos à flor da pele, a URSS garantiu a sobrevivência do regime cubano e de sobra ainda teve retirados da Turquia e Itália os mísseis que igualmente ameaçavam o seu território. Os ânimos ficaram tão acirrados que mesmo depois de um final sem maiores incidentes ambos os países deram início a um período de aproximação visando evitar que momentos parecidos se repetissem. E assim a manutenção da condição cubana e da lógica nuclear belicista características da Guerra Fria se perpetuaram.

Já na Crise da Coreia de 2013 os elementos variam, mas a lógica é a mesma. A manutenção do poder da Coreia do Norte tanto interna quanto externamente é o que está em jogo agora, e para isso o único caminho disponível é a demonstração de força e capacidade de destruição através do desenvolvimento de armamento nuclear. Nesse caso não existe interesse do governo norte-coreano em manter o poder em um país distante, a questão é sobrevivência interna, e justamente por isso as tensões são elevadas ao limite máximo de um incidente militar.

Para ter o respeito dos políticos e militares de todas as vertentes dentro de seu partido, Kim-Jong-Un fez ameaças apocalípticas a Japão, EUA e Coreia do Sul, maiores inimigos do regime socialista norte-coreano. De sobra, com essa intensa demonstração

de força, através dos discursos agressivos e dos testes bélicos nucleares, a Coreia do Norte conseguiu chamar atenção internacional para negociar com as potências regionais e os EUA termos que fossem de seu agrado, garantindo a inviolabilidade de seu território por forças estrangeiras.

Outro ponto interessante passa pelos países envolvidos, na primeira crise temos de um lado EUA e seus aliados e do outro Cuba e seus aliados. Contudo, apesar de a crise envolver interesse e a própria sobrevivência do novo regime cubano, e a presença de mísseis balísticos ameaçarem a segurança de todo o continente americano, a realidade política dos fatos é que o assunto é tratado apenas entre dois países: EUA e URSS.

A ONU aparece como agente responsável por apaziguar os ânimos, mas na prática pouco pode fazer já que os dois países são membros do órgão de maior prestígio e poder da organização, o Conselho de segurança, e ambos têm capacidades políticas equivalentes no cenário internacional. Dessa forma a resolução ou eclosão em guerra da crise passar exclusivamente por Washington e Moscou. Mas nenhum lugar do mundo continha o poder político, diplomático e bélico para contribuir com as decisões tomadas durante os treze dias da Crise dos Mísseis de 1962.

Para os norte-americanos a presença de artefatos bélicos de tamanha capacidade de destruição tão perto de seu território era algo perigoso e simbolicamente uma provocação de um país tão pequeno diante da maior potência capitalista do mundo. Além disso, o armamento em Cuba também colocava em estado de agitação os países que faziam parte da zona de influência norte-americana, todo o resto do continente americano. Assim, aquela situação precisava ser contida, pois era um perigo claro para o país e seus aliados próximos. Assim, se nada fizessem, os EUA poderiam correr o risco de parecerem fracos perante o resto do mundo, algo que é ainda pior do que receber um ataque nuclear.

Já para a URSS suas armas no Caribe representaram uma maior segurança, tanto para si quanto para o regime cubano. Primeiro pelo fato de assegurar a garantia do contra ataque soviético, algo extremamente importante para a manutenção da lógica da Guerra Fria. Segundo por certificar-se que o governo de Kennedy não repetiria a tentativa de invasão a Cuba nos moldes de 1961 ou uma faria uma invasão militar maciça da ilha ou ainda tentaria derrubar o governo de Fidel Castro. Apesar da resolução da crise trazer todas essas garantias, a URSS trocou a manutenção da lógica da Guerra Fria pela segurança do poder de Fidel. No futuro a capacidade de resposta

soviética a tornou capaz de atingir os EUA com mísseis lançados de seu próprio território, e impediu uma nova invasão à ilha caribenha, mesmo com os EUA tentando assassinar Fidel, sempre sem sucesso.

Para um evento de potencial apocalíptico, a Crise dos Mísseis é relativamente simples de se entender do ponto de vista da dualidade pertinente à Guerra Fria. mesmo para um expectador minimamente informado já era possível à época chegar a conclusões parecidas com as dos acadêmicos de hoje. Apesar de trazer grande fetiche e fascinação dos pesquisadores até hoje, a crise é uma dos maiores exemplos de como funcionava a dinâmica desse período tão singular da humanidade.

Já na Crise da Coreia de 2013 temos mais atores envolvidos e um sistema político internacional totalmente diferente da década de 1960. Dessa vez temos apenas uma superpotência, os EUA, e uma grande potência asiática que apesar de se autoproclamar comunista vem ganhado mais poder através de práticas capitalistas, a China. Dessa vez essas duas potências não são inimigas nem aliadas, mas mantêm entre si enorme laço comercial e econômico.

E no meio de tudo isso existe a Coreia do Norte que detém o título de país mais fechado do mundo, e também se autoproclama comunista. E é dela que começam os atos e ameaças que culminam na eclosão da crise. Sem intervenção de seu maior aliado, a China. Dessa vez, inclusive, à revelia do aliado. Além de ameaçar outros países regionais como Coreia do Sul e Japão, os EUA também são alvos das ameaças de Pyongyang.

Também diferente da primeira crise, a capacidade tecnológica norte-coreana não se mostra compatível com o tom das ameaças de seu líder. Mesmo assim acredita-se que um possível ataque isolado ou único poderia trazer graves resultados humanitários e econômicos para os países envolvidos. Para evitar qualquer problema, os alvos de Kim-Jong-Un, sabidamente com a capacidade defensiva e ofensiva muito maiores, apoiados diretamente pelo exército norte-americano, apenas se defendem de uma possível ameaça.

A crise termina com a diminuição das ameaças vindas de Pyongyang e a aceitação do governo de negociar uma nova trégua. Assim o governo local garante a sua manutenção, interna e externamente, e os outros países também têm seus interesses cumpridos. Todos saem satisfeitos com uma resolução pacífica na península coreana e a manutenção do governo comunista na sua porção norte.

Nessa crise não existe nenhuma intenção de derrubada do governo agressor e o temor de um confronto direto é baixo. E cada um dos atores envolvidos tem seus motivos para isso.

A China não deseja uma maior presença bélica norte-americana na sua zona de influência, além de querer a manutenção de um aliado histórico. Os EUA, Coreia do Sul e Japão não querem um confronto no qual o posicionamento chinês não é muito simples de prever. E nenhum deles quer que os armamentos de Kim-Jong-Un, que é alguém com quem se pode negociar minimamente, caiam na mão de grupos terroristas ou novos dirigentes com motivações mais suicidas. Indo além, o fim do atual governo poderia desencadear uma grande crise humanitária na região, gerando graves problemas para todos os países fronteiriços.

O fato é que desde a sua criação na primeira metade da década de 1940 até os dias de hoje, as armas nucleares com todas as suas capacidades destrutivas continuam a ser uma das maiores armas políticas que existem. A presença delas, em ambas as crises, permitiu a manutenção de milhões de vidas que poderiam ter sido perdidas caso confrontos existissem. Só a Coreia do Norte tem um exército de 1,5 milhão de soldados, que seriam facilmente mortos em confronto com Coreia do Sul e EUA, tais vidas ainda existem graças à tensão nuclear. A manutenção do “resfriamento” da Guerra Fria só pode ser garantida por causa das armas nucleares e durante a crise dos mísseis, as superpotências envolvidas só aceitaram conversar e negociar, pois sabiam da capacidade destrutiva que o seu adversário tinha.

Contudo é através de subterfúgios nucleares que os governos de Fidel Castro e Kim-Jong-Un resistem. Governando com mão de ferro e sob sistemas nos quais a qualidade de vida é bastante duvidosa, que já teriam terminado através de intervenção externa caso não possuíssem a ajuda de uma potência nuclear, URSS e China, respectivamente.

Concordando ou discordando da eficácia nuclear para princípios políticos é fato que depois da Segunda Guerra nenhuma nação detentora de armamento atômico entrou em confronto com a outra, e que crises tendo tais armas como pano de fundo não desembocaram em conflitos diretos. Além da península coreana, as armas nucleares também contribuem para um importante equilíbrio entre Índia e Paquistão, países com grande população, cujo conflito resultaria na perda de vidas na casa dos milhões.

Outro ponto importante para ser comparado é o cenário nacional entre os dois períodos. No primeiro o Brasil mantinha um regime político fragilizado que viu no

parlamentarismo o único caminho para a manutenção da democracia depois que um presidente tentou um golpe de Estado desastrado e seu vice, bastante impopular já à época, quase sofre outro golpe impedindo-o de tomar posse. Para piorar, mesmo depois de empossado sob o regime parlamentarista, que trouxe fôlego à democracia, João Goulart tomou uma série de medidas posicionando o país de forma independente, o que naquele momento sensível foi visto politicamente como o princípio de um alinhamento ao bloco comunista.

Já no segundo período o Brasil é consolidadamente uma potência mundial e maior força econômica de sua região. Além disso, conta com um sólido regime político democrático que apesar de criticado não é contestado e vive em um período no qual independência diplomática e econômica dos EUA não é vista como algo ruim e um perigo de golpe não é sequer cogitado. O governo Dilma goza de uma estabilidade política em um período de estabilidade único na história brasileira desde o fim do regime militar em 1985.

A localização da crise tem total relevância para a postura do governo brasileiro. A Crise dos Mísseis aconteceu em nosso quintal e apesar de um improvável ataque ao território brasileiro, ele era real. E o posicionamento político do governo era extremamente importante para acalmar os ânimos políticos internos. Na Crise da Coreia tudo acontece longinquamente da América do Sul, envolvendo minimamente o Brasil e mesmo assim indiretamente, nesse caso uma declaração presidencial faz parte apenas do protocolo e dificilmente terá algum peso no imbróglio ou maiores desdobramentos políticos internos.

As declarações independentes do governo de Goulart trouxeram mais agitação interna do que a própria ameaça vinda de Cuba. Talvez se o presidente à época tivesse feito uma leitura adequada de toda a situação e realizasse um discurso visando acalmar os ânimos internos ele poderia ter contribuído para dar maior fôlego ao seu mandato, que findaria com o golpe civil e militar de 1964.

Já em 2013 as declarações de Dilma não tiveram qualquer relevância para a resolução da crise, assim como as de Goulart, mas, ao contrário do antigo presidente, não afetaram o cenário interno já que tanto a mídia como os próprios brasileiros estavam mais interessados em questões internas a dar atenção para uma crise que pouco afetara o país.



## 5 COMPARAÇÃO ENTRE AS COBERTURAS DO JORNAL

O avanço tecnológico dos 51 anos que separam as edições é claramente refletido no tamanho do jornal e da qualidade da impressão e quantidade de fotos. Também se pode perceber uma evolução da abordagem, muito mais profissional e menos autoral, existe maior clareza na produção das matérias, maior explicação e análise, além do próprio conteúdo se tornar mais denso, informativo e imparcial.

Mas o que chama atenção é a organização, nos jornais mais recentes a formatação editorial teve um impressionante salto de qualidade. Mesmo o leitor mais saudosista e reacionário há de concordar que se aumentou imensamente a facilidade da leitura dos periódicos. Isso através da organização de cada matéria, delimitada por espaços bem definidos, seções que separam os assuntos abordados de forma satisfatória. E o mais importante, separou-se a opinião do jornal da dos seus colaboradores, agora o leitor pode diferenciar o que é fala de O Globo dos fatos relatados em suas páginas.

Os dois jornais mantêm muitas diferenças do ponto de vista tecnológico, organizacional e produtivo, mas a visão editorial é pouco alterada. E mais que isso, os critérios de noticiabilidade, o que é mais importante para o jornal cobrir e analisar, sofre ainda menor alteração com a passar do tempo. Mesmo sendo um veículo com a preocupação de relatar o que acontece no mundo, assuntos locais têm muito mais relevância em suas páginas e o fato da Crise dos Mísseis ser mais próxima e mexer ideologicamente com o Brasil resulta em uma cobertura mais densa do que a da Crise da Coreia.

Mais do que uma ameaça bélica, a Crise dos Mísseis é marca de um conflito ideológico: “capitalismo X comunismo”. Essa disputa também ocorria em âmbito nacional com o nosso presidente Goulart sendo apontado como simpático aos soviéticos a toda hora. E o posicionamento neutro e independente do Brasil, não apoio irrestrito às ações norte-americanas foi bastante explorado pelo jornal como grande erro e sinônimo da aproximação brasileira do ideal soviético e assim distanciando dos pilares capitalistas sustentados pelos EUA e que desde sempre nortearam a economia brasileira.

Em certo ponto a importância dada para as declarações do presidente Goulart e do seu governo eram mais abordadas do que a crise em si. Mesmo quando a situação entre as superpotências já parecia estar se encaminhando para a resolução, o jornal continuava a dar grande cobertura ao posicionamento do governo, sempre de forma crítica e bastante parcial.

O periódico deixa claro que não concorda com a postura do governo, e para sustentar tal argumento busca constituir legitimidade para o discurso e ações norte-americanas através do apoio de outros aliados pelo mundo, incluindo os pronunciamentos de potências europeias vindos, por exemplo, de Londres e Paris. A neutralidade do governo brasileiro não é compreendida ou por ser muito mal explicada ou por uma má vontade institucional.

João Goulart deixava claro que apoiava o bloqueio marítimo como forma pacífica de resolver a crise, mas que não daria suporte a uma futura invasão ou bombardeio à ilha cubana, diferente de outros aliados latino-americanos e europeus que davam total apoio às ações norte-americanas. Essa postura brasileira, mesmo visando à manutenção da paz e de vidas de cubanos que teriam sido perdidas em um possível conflito, foi ainda mais inflamada com a declaração do governo de que Cuba poderia realizar a experiência política que quisesse. Todos esses elementos juntos levaram o jornal a caracterizar o governo de Goulart como pró-URSS e comunista.

Já na Crise da Coreia o jornal só faz menção ao governo através do então Ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota, quando o governo norte-coreano divulgou que não seria mais capaz de garantir a segurança do corpo diplomático dos países que ali tinham embaixadas e consulados. E mesmo assim pediu-se apenas explicação sobre qual seria a atitude brasileira para garantir a segurança dos brasileiros que estavam no país socialista à trabalho. Em nenhum momento o governo é questionado sobre a crise em si ou a presidente Dilma é indagada para dar qualquer posicionamento brasileiro sobre o conflito. Inclusive as declarações do Palácio do Planalto não são nem publicadas durante a crise.

Outro ponto em comum às edições diz respeito à cobertura dos EUA. Talvez pelos norte-americanos serem mais próximos do Brasil política e geograficamente, ou por sua importância global, ou ainda por manter grande autoridade ideológica sobre o mundo e linhas editoriais do jornal. O fato é que todos os acontecimentos envolvendo os EUA diretamente tinham maior espaço e repercussão. Tanto na primeira crise quanto na segunda.

Durante a Crise dos Mísseis tudo relativo à situação no caribe envolvia em alguma medida o governo da Casa Branca, deixando difícil de notar essa tendência do veículo analisado, mas na crise mais recente isso é bem claro. Notícias envolvendo os outros atores diretamente dificilmente ganhavam grande destaque, e geralmente vinham

com alguma menção aos EUA. Contudo, fatos que ligavam atos ou declarações de Washington importavam por deveras ao jornal e ganhavam maior visibilidade.

Na crise na península coreana isso é bem claro, já que a cobertura se torna maior depois que o secretário de Estado John Kerry vai se encontrar com os dirigentes de alguns países envolvidos na crise pessoalmente. E esse posicionamento fica mais latente quando a crise é totalmente deixada de lado depois do atentado durante a Maratona de Boston naquele ano.

Mesmo com tudo isso é o tamanho reservado para as crises que chama mais atenção. Nas edições do desenrolar da Crise dos Mísseis a quantidade de informação pertinente ao evento, seja do ponto de vista interno ou externo, era maciça, por diversos dias a primeira página do jornal tinha todos os seus espaços exclusivamente preenchidos pela tensão no Caribe, e suas principais páginas e colaboradores ajudavam a sustentar a notícia como o principal acontecimento durante aqueles dias de maior tensão.

Já em 2013 podemos perceber certo desdém pela Crise Coreana, sua importância e relevância são relegadas exclusivamente para a sessão “Mundo” na qual se encontram assuntos internacionais diversos. Nenhum colaborador ou colunista discute o assunto e temos apenas um texto editorial referente à crise, mas que pouco disserta sobre ela. A única referência fora da sessão “Mundo” é um texto do colunista Luís Fernando Veríssimo sobre memórias pessoais durante a Guerra da Coreia da década de 1950, ele não menciona a crise atual. As raras vezes que a crise é citada na primeira página não passam de pequenas notas de uma ou duas frases. O maior destaque dado é através de uma pequena foto na primeira página mostrando a diferença da postura dos regimes na crise.

Talvez a falta de um elemento que interagisse com o Brasil diretamente e que colocasse o governo em um plano tão importante quanto em 1962 fosse o motivo da pouca vontade em cobrir uma crise de tamanha relevância em uma das regiões mais importantes para a economia mundial atualmente. A tensão “EUA X China” em nada se aproxima da existente na Guerra Fria, mas não é de se ignorar. Apesar de profundamente interligados, os dois países disputam importância e influência naquela região da Ásia, e o desdobramento da crise poderia resultar em diferentes rumos nessa relação.

Independente do nível de importância dada para as crises, se muita em 1962 ou pouca em 2013, o jornal cometeu erros em ambos os momentos ao não analisar todas ou mais situações envolvidas, seus atores e suas motivações.

Nesse aspecto, em 1962, ficou de fora a discussão sobre a motivação da instalação de mísseis tão poderosos em Cuba, também não ocorreu nenhuma análise ou explicação técnica sobre o armamento presente no Caribe, não separou a função de ogivas e de mísseis, referindo-se a ambos como se fosse um único artefato. A diferenciação técnica ficou de fora até os EUA divulgarem a diferença entre ambos.

Quanto à troca de mísseis de Cuba pelos da Turquia, apontada pelo discurso de Khrushchev, que por sua vez também teve fraca cobertura do jornal, não foi muito analisada na época e descartada como sendo “ridícula”, sem maiores explicações. Ainda uma possível invasão e deposição de Fidel Castro era largamente apoiada pelo jornal, e o número de vítimas que tal excursão militar traria não foi mencionado em nenhuma das reportagens.

Do ponto de vista interno não houve intenção em associar a postura de Goulart com um posicionamento independente. Além de criticar pesadamente de todos os jeitos que podia ainda comparou o discurso de Brasília com o de outros líderes regionais de menor importância internacional. Ou seja, O Globo queria do Brasil a mesma postura de países com menor influência política como: Guatemala, Panamá, Bolívia e Argentina.

Já em 2013 o jornal focou seu pouco espaço destinado à crise para pontos que foram exaustivamente repetidos ou matérias que diretamente em nada afetavam a tensão regional. Contudo, devido a um correspondente do periódico localizado em Tóquio, a cobertura sobre o ponto de vista da imprensa, governo e população japonesa teve espaço considerável em como a crise foi mostrada pelo jornal.

A motivação da Coreia do Norte para a crise foi exaustivamente repetida e sob várias óticas. Vários especialistas, nacionais e internacionais, foram ouvidos e muitas vezes a opinião deles, se não a mesma, era bem semelhante, e mesmo assim continuou-se batendo na mesma tecla. Chegou-se a um ponto de que apenas o lead e mais um parágrafo tinham notícias novas, o resto da reportagem era para informações irrelevantes ou antigas.

Mesmo dando pouca importância para a crise, aparentemente, talvez devido à entrada mais veemente dos EUA, o jornal por vezes tenta dar mais fôlego e importância para os fatos ocorridos na península coreana e arredores. Sinal disso é que mesmo com pouca informação sobre a crise, no final do seu desenrolar, as matérias trouxeram grandes fotos que ocupavam mais espaço que o corpo do texto.

A grande importância dada para o aspecto gráfico em algumas matérias, algumas vezes mais do que para o texto, pode ser explicada pelo apelo visual criado pelo

progresso tecnológico e também pelo fato de que mesmo entendendo a relevância do evento, pouco se mobilizou para trazer novas informações e análises e que a parte visual, por ser mais fácil de ser obtida, foi privilegiada.

O fato é que ambos os períodos trazem consigo similaridades e diferenças das mais diversas naturezas. Mas relativo às crises podemos perceber que o critério de proximidade e o envolvimento delas na agenda norte-americana e brasileira são os pontos-chaves para o envolvimento da equipe do jornal em aprofundar as informações e análises.

## 6 CONCLUSÃO

Uma crise nuclear entre dois ou mais países impõe desafios para uma cobertura jornalística diferente de um confronto aberto no qual os envolvidos estão dispostos a chegar às vias de fato para decidir suas diferenças. A tensão imposta por uma crise é ainda maior do que em um confronto, já que as negociações políticas, cruciais para a resolução pacífica, são geralmente realizadas a portas fechadas e a imprensa pode saber pouco ou nada do que acontece nos bastidores. Enquanto isso um confronto acontece à luz do dia em campo aberto, terreno muito mais próspero para a apuração de notícias e confecção de matérias.

Quando a crise envolve armamentos nucleares a tensão consegue ser ainda maior, dada a capacidade destrutiva inerente a esse tipo de artefato bélico. Nesse caso dificilmente apenas os países responsáveis pela crise são envolvidos na tensão e uma crise que outrora seria regional, gera repercussão, ansiedade e inquietação no mundo inteiro. E para dificultar a cobertura dos meios de comunicação, esse temor não é acompanhado de informações diárias sobre o imbróglio, abrindo margens para especulações e análises equivocadas e apocalípticas, o que apenas serve para aumentar as animosidades.

Temor e confidencialidade são fatores sempre em alta durante uma crise nuclear e geralmente ambos estão elevados a uma escala global, que coloca os principais países e organismos internacionais em alerta máximo. O tom das negociações e a forma como a crise se apresenta são fatores primordiais para a resolução pacífica do impasse. Afinal de contas, como já citado, a tensão militar geralmente tem por trás um propósito político e visa ora a demonstração de força ora a negociação de termos mais sensíveis, e em alguns momentos ambos coexistem.

Como prova as duas crises analisadas, que podem ser entendidas como expressão do período histórico na qual estão inseridas. Os países envolvidos e a região na qual ocorrem são prova de que o panorama mundial pode mudar, mas as bombas nucleares criadas em 1945 têm um papel político muito mais forte do que o militar, além de ter a capacidade de atrair a atenção e curiosidade de todo o mundo, seja pelo seu potencial destrutivo, seja pelo fetiche criado desde o final da Segunda Guerra pela sua capacidade apocalíptica.

Em meio a tudo o jornal carioca “O Globo”, terceiro maior em circulação no país<sup>7</sup> possuindo status de veículo nacional. Contudo sua importância local e regional para informar os leitores cariocas e fluminenses dificilmente será negada ou diminuída. A sua vontade de constituir um leitor nacional para fora das fronteiras do Rio de Janeiro faz com que o jornal se aventure em coberturas suprarregionais, nacionais e internacionais, mantendo correspondentes em vários Estados brasileiros e até em outros países do mundo.

Essa predisposição para assuntos que envolvem nações fora do cone sul é histórica no periódico, exemplo forte disso é a cobertura maciça da crise dos Mísseis de 1962 que por alguns dias foi assunto exclusivo das páginas mais nobres do jornal, mobilizando toda a alta cúpula pensante da empresa, incluindo o seu então presidente e proprietário Roberto Marinho, filho do fundador de O Globo, Irineu Marinho.

Mesmo sem um correspondente no exterior e utilizando de informações de agências de notícias internacionais, o jornal inundou-se de informações sobre a crise. Era fácil reparar que grande parte das editoriais estava imbuída de cobrir e analisar a tensão nuclear do Caribe.

O tamanho da importância dada pelo evento permeou a proximidade de onde tudo acontecia, o calibre dos atores envolvidos, o embate ideológico característico da Guerra Fria e a crise política do Brasil. Entender a importância de todos esses fatores é condição primordial para analisar a cobertura feita no início da década de 1960. E a postura ideológica empresarial do veículo é igualmente importante para entendermos a forma como as análises feitas por ele são feitas.

Em jogo a tensão entre capitalismo liberal norte-americano e socialismo stalinista da URSS. No primeiro existe propriedade privada, no segundo não. No primeiro os meios de comunicação são empresas independentes do Estado, no segundo não. No primeiro há um ideal de liberdade de imprensa, no segundo não. Visto isso, é fácil saber de que lado ficariam as cabeças pensantes do jornal-empresa-familiar carioca.

O grande problema da cobertura não é a sua postura pró-EUA, algo que seria mais que natural, mas a baixa análise das motivações de cada país. A euforia em exaltar Washington cegou o jornal para a realidade do conflito.

---

<sup>7</sup> Segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ), “O Globo” em 2013 foi o terceiro maior jornal em circulação no país com 267.542 exemplares. Fonte: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>

Colocou-se a URSS em posição de perturbadora da paz e os EUA como um país pacifista regional que teve a sua segurança ameaçada por um agressor distante. Agressor esse que ameaçara todo o continente. Mesmo tendo poucas informações sobre os pormenores políticos e militar-estratégicos, nenhuma análise prática sobre o evento foi feita em todas as edições circulantes durante o desenrolar da crise.

Postura diferente teve o governo brasileiro de Goulart que entendeu a crise de um ponto de vista prático e imparcial julgando a solução pacífica adotada por Kennedy a melhor ideia possível, mas reiterando o posicionamento contrário a qualquer confronto ou invasão a ilha cubana, julgando que a autodeterminação do povo cubano é um bem a ser preservado. Essa postura foi largamente rechaçada nas páginas do periódico.

A imparcialidade de Brasília culminou em uma má interpretação de O Globo que a chamou de “simpatia por comunistas”. O jornal colocou o Brasil em patamar de países com menor importância internacional como Bolívia, Uruguai e Argentina, que decretaram apoio amplo ao governo norte-americano. Julgando essa postura ser a mais adequada para o Palácio do Planalto.

A combinação de temor ideológico e postura prática do governo brasileiro fez com que o jornal avaliasse erroneamente a crise e isso se refletiu na cobertura sobre os eventos e na parcialidade das análises providas. Como exemplo o apoio do veículo a uma possível invasão de Cuba, desconsiderando o potencial apocalíptico da escalada de animosidades que tal ação poderia acarretar, o que prova a baixa imparcialidade da análise jornalística.

O leitor da época também não tem nenhuma opinião acadêmica sobre o que acontece, já que as únicas citações sobre membros acadêmicos retrataram apenas manifestações pró-cuba de estudantes e representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE). Talvez por isso não tenha sido publicada opiniões de especialistas em ciência política, por exemplo, já que a visão deles deveria ser muito mais analítica do que a publicada no periódico.

Tudo indica que o medo de gerar simpatia no público leitor e assim incentivar uma futura revolução socialista que culminaria com o fim do periódico foi elemento chave para entender os motivos de uma cobertura pró-EUA e tão crítica ao posicionamento do governo nacional feita pelas oito edições do jornal. A ideologia e o medo foram elementos primordiais para a falta de imparcialidade na análise da Crise dos Mísseis de 1962, gerando também uma visão equivocada sobre as declarações do governo federal da época.



O profissionalismo através da maior imparcialidade é parte forte da cobertura da Crise da Coreia de 2013. As matérias são diretas e temos pouca opinião do jornal sobre os acontecimentos, apenas um editorial no começo da crise. Apesar disso durante o mês de Abril, na cobertura do desenrolar da crise, o que o leitor do jornal poderia perceber era a fraca análise sobre a tensão na Península Coreana. Os poucos especialistas apresentados nas reportagens comentavam apenas as motivações do Norte ameaçar o Sul e seus aliados, nada mais. Dessa vez as matérias têm lugar próprio, dificilmente figuram na primeira página e dividem espaço com outras notícias internacionais de relevância semelhante.

O momento mundial é outro, não existem mais embates ideológicos e brigas globais por zonas de influência, o panorama interno mostra estabilidade política e econômica com uma democracia consolidada. Dessa vez as decisões e declarações da presidente sofrem críticas, mas o seu cargo não é posto em contestação. Até porque, o jornal não publicou qualquer declaração direta do governo ou de algum alto funcionário sobre a crise.

Verificou-se que a análise geral do jornal foi menor do que a real importância da crise, acompanhado de uma rasa análise sobre as várias vertentes políticas envolvidas. Alguns fatores podem ter contribuído para a importância dada pelo jornal ser menor do que o esperado: A distância da capital carioca e do Brasil, a crise é na verdade o evento mais agressivo de uma série de crises existentes na Península, a comprovação de que o poderio nuclear norte-coreano dificilmente atingiria um país fora da Ásia, o armamento testado pela Coreia do Norte é de baixo poder destrutivo e que todos os envolvidos, com exceção de Pyongyang, deixaram claro a indisposição para um conflito militar.

Mesmo sem explicitar esses elementos, fica claro – ainda que para um leitor pouco atento – que eles são responsáveis pela fraca cobertura sobre o evento. A importância quantitativa e espacial nas páginas do periódico só aumenta quando a correspondente do jornal no Japão publica algumas matérias, nenhuma responsável por uma análise direta, apenas permeando situações que são afetadas indiretamente pela tensão.

Apenas quando os EUA se comprometem em resolver a crise é que o jornal concede maior destaque à cobertura, afinal de contas um dos nossos maiores aliados internacionais estava disposto a arregaçar as mangas e por fim às animosidades. Contudo nesse meio tempo ocorre o atentado da maratona de Boston e as atenções internacionais esvaziam a cobertura da crise. E com as matérias do jornal voltadas para

a Costa Leste norte-americana, o assunto da crise que já andava fraco, é encerrado sem cerimônia.

Temos dois momentos distintos. Durante a Guerra Fria tudo que envolvia as superpotências atingia direta e indiretamente o Brasil, e assim se tornava fácil para a mídia, em especial para o jornal O Globo, direcionar as suas atenções para uma crise global e assim atrair a atenção dos leitores. Já em 2013 o mundo é multipolarizado, e nem sempre uma crise afeta o nosso país. Contudo, seu desenrolar pode afetar países que podem ser responsáveis por perturbações na economia interna do Brasil, nesse caso Japão e China.

A análise dos dois períodos distintos mostrou que os pressupostos de que tanto a proximidade quanto o maior envolvimento dos EUA foram diretamente proporcionais a quantidade de informações relativas à crise. Em 1962 o epicentro estava em Cuba e envolvia questões que iriam além do contexto militar e invadia a disputa ideológica do período, essa associação de fatos pode ter levado a uma maciça cobertura que permeou não somente a crise em si quanto todos os embates “capitalismo X comunismo” na época, incluindo o contexto interno.

Já em 2013 a análise ideológica ficou em segundo plano, o que se tem é um agressor distante ameaçando países também distantes do Brasil, procurando estabilidade externa e interna através da demonstração de força. Nesse novo contexto no qual estão envolvidos diversos interesses que vão desde a manutenção do governo norte-coreano a menor presença norte-americana em uma região na qual a China quer ter a sua grande influência inalterada. Ao juntar a distância dos fatos, a complexidade das relações entre os países envolvidos, o contexto interno que não teve nenhuma relevância e a baixa interferência direta da crise no Brasil, o resultado foi uma cobertura fraca e que pouco apostou na análise, fixando-se apenas em publicar pontos de vistas mais simples e que pouco contribuía para o entendimento do impasse na Península Coreana.

O Globo teve problemas nas duas coberturas que propôs fazer. Em 1962 há uma mistura de excesso de vontade editorial de relatar o fato com o medo do triunfo socialista. Já em 2013 a vontade de cobrir um evento internacional de tamanha importância poderia resultar em fracasso de vendas, já que a crise não permeia o cotidiano dos cariocas ou afeta o nosso país diretamente. Fato que parece mudar quando os EUA entram nas negociações, já que a crise, depois das visitas de John Kerry a países envolvidos, voltou a aparecer nas primeiras páginas do jornal. Mas a atenção

logo termina com a aparição de outro evento mais pertinente: Os atentados da Maratona de Boston.

O trabalho buscou, acima de tudo, mostrar como foi realizada a cobertura de eventos tão importantes que são marcas de uma humanidade moderna, na qual crises militares envolvem mais do que quem tem o maior “porrete” ou busca vantagens territoriais e/ou comerciais, apresentando os caminhos percorridos por esse importante veículo informativo e opinativo sobre impasses que quase nunca têm suas motivações claras e explícitas.

Apesar dos erros e acertos resta demonstrado que o jornal se propôs a enfrentar o desafio de cobrir duas crises com densidade política e estratégica, seja ela em um contexto pertinente para o país ou não. Os leitores que quiseram se informar mais profundamente sobre as crises tiveram que recorrer a outros meios e veículos, principalmente da mídia especializada. Seja em um período ou noutro, os interesses econômicos do jornal-empresa se mostraram prejudiciais à forma como a cobertura das crises foi elaborada.

O fato é que mesmo com erros na cobertura e na análise, ora tendenciosa, ora rasa, o leitor não ficou sem saber o que acontece em terras distantes e sem ter o mínimo de informações sobre como crises nucleares são construídas, suas razões políticas e estratégicas. Contudo, tão somente a disposição editorial em realizar a cobertura jornalística de uma crise internacional não credencia ou dá direito a qualquer órgão de imprensa de fazê-la de forma insatisfatória.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLISON, Graham; ZELIKOW, Philip. **Essence of Decision: Explaining The Cuban Missile Crisis**. 2ª edição. Longman, 1999.
- BRITES, Pedro Vinícius. **A Situação Na Península Coreana e o Novo Equilíbrio Regional**. Revista Conjuntura Austral, Porto Alegre, Volume 4, Número 8, Páginas 4-10, Junho-Julho 2013
- FERNANDES, **Ricardo Cabral**. **Coreia do Norte: Uma Ameaça Real?** Revista Lusíada Política Internacional e Segurança, Lisboa, Número 9, Páginas 145-176, 2013
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914 – 1991**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- STERN, Sheldon M. **The Cuban Missile Crisis in American Memory: Myths Versus Reality**. 1ª edição. Stanford: Stanford University Press, 2012.
- TRAGHETTA, Dinis Gomes. **A Bomba Atômica Revelada: A Recriação da Bomba Atômica Através da Literatura Aberta**. 1ª Edição. Curitiba: APPRIS, 2013.

## 8 REFERÊNCIAS HEMEROGRÁFICAS

**1962**

**19 de Outubro**

- O GLOBO. **Bossa Nova Brasil-USA na PUC Teve Êxito Espetacular**. O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **O Presidente da Finlândia Conferenciou com Khruchtchev**. O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **O DFSP Coordenará a Segurança de Kennedy**. O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, 2.
- O GLOBO. **Divergem os Juristas Quanto à Diplomação dos Comunistas**. O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Kennedy e Gromyko na Casa Branca**. O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Lacerda Diz que os Inimigos do Brasil São o Comunismo e os Políticos Desonestos**. O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **O Panamá Proibiu o Comercio dos seus Navios com Cuba**. O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Os EUA Colocam Caças Rápidos e Potentes a 4 Minutos de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Propaganda Comunista Apreendida em S. Paulo.** O Globo. Rio de Janeiro. 19 de Outubro de 1962, 9.

## **20 de Outubro**

O GLOBO. **Os Democratas Vencem os Comunistas na PUC.** O Globo. Rio de Janeiro. 20 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **Todo o Prestígio a Brasília para a Visita de Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 20 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **A URSS Volta a Pedir a Expulsão da China Nacionalista da ONU.** O Globo. Rio de Janeiro. 20 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Condenado o Espião Russo a 8 anos de Trabalhos Forçados.** O Globo. Rio de Janeiro. 20 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Kennedy Disposto a Debater com Khruchtchev a Crise de Berlim.** O Globo. Rio de Janeiro. 20 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Não Serão Toleradas Novas Interferências Comunistas nas Vias de Acesso a Berlim.** O Globo. Rio de Janeiro. 20 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Possível um rompimento de Relações Entre o Chile e Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 20 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Proibido o Comércio Marítimo Hondurenho Com o Regime de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 20 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

## **22 de Outubro**

O GLOBO. **Mortos 66 Guerrilheiros Comunistas.** O Globo. Rio de Janeiro. 22 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Unidades de Desembarque Juntam-se à Frota dos EUA em Manobra nas Antilhas.** O Globo. Rio de Janeiro. 22 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **O Embaixador Russo Morreu Afogado na Barra da Tijuca.** O Globo. Rio de Janeiro. 22 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **Roosevelt e Vargas Serão Evocados na Visita De Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 22 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **Convencido Khruchtchev de que os EUA Irão à Luta na Defesa de Berlim.** O Globo. Rio de Janeiro. 22 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Desmentido o Treinamento de Cubanos na Guatemala.** O Globo. Rio de Janeiro. 22 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Sigilo em Washington Ante Notícias de Importante Medida Sobre a Crise Cubana.** O Globo. Rio de Janeiro. 22 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

### **23 de Outubro**

O GLOBO. **Ameaça Atômica a Tôda a América.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Ameaça.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Belonaves ao Encontro de Cargueiros Russos.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Chefes Militares Conferenciam com Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Líderes do Congresso Chamados a Washington.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Mobilização Geral em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **O Discurso de Kennedy nas Manchetes.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Possível Adiamento da Visita de Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Serão Afundados os Navios Comunistas que se Negarem à Revista.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **A Imprensa dos EUA Apóia a Decisão de Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **A Maioria dos Govêrnos Latino-Americanos Apoiará o Bloqueio de Cuba, Afirmam Observadores dos EUA.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **A OEA Apoiará Plenamente o Bloqueio de Cuba – Diz José Moura.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **As Medidas Anunciadas por Kennedy Colocam o Mundo a Beira da Guerra, Diz TV Cubana.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **Havana Pede Reunião do Conselho de Segurança.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.

- O GLOBO. **Kennedy Explica a Goulart a Posição dos EUA no Caribe.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **MacMillan Foi Informado Antecipadamente Sobre o Discurso de Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **O “Premier” Canadense Sugere Investigação em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **O Bloqueio de Cuba Reflete-se no Mercado do Ouro em Londres.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Possível Também o Bloqueio Aéreo de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Regressou a Washington o Secretário-Geral da OEA.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Repatriados os Empregados Civis de Guantánamo.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Convocada uma Reunião de Emergência da OEA.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Cuba Ordenou a Prontidão de Suas Forças Armadas.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Dobrynin convocado ao Departamento de Estado.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Os EUA Pediram para Hoje a Reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 8.
- O GLOBO. **Os EUA Reforçam Sua Base de Guantánamo.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **A URSS Realizou Ontem Mais Duas Explosões Nucleares na Atmosfera.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 9.
- O GLOBO. **Decretado o Bloqueio de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 9.
- O GLOBO. **Chamados ao Departamento de Estado os Embaixadores das Américas e da OTAN.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 12.
- O GLOBO. **Havana Repete Comentários da Emissora de Moscou.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 12.
- O GLOBO. **Kennedy Revela a Existência de Ameaça Nuclear às Américas.** O Globo. Rio de Janeiro. 23 de Outubro de 1962, 12.

**24 de Outubro**

- O GLOBO. **As Forças Armadas Cumprirão as Decisões de Punta Del Este no Caso Previsto de uma Nação Estrangeira Fornecer Armas Ofensivas à Segurança de Outra Nação Americana.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Bombardeios Atômicos a Postos.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **A URSS Não Usará Armas Nucleares Contra os EUA, a Menos que Haja Agressão.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Kennedy Não Adiou a Viagem ao Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Khruchtchev Responderá Hoje aos EUA.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Pena Marinho Chamado ao Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Gregório Fortunato Morto na Prisão com uma Facada no Peito.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **O Bloqueio em Vigor Hoje.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **As Bases Soviéticas em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Reforço Para Guantánamo.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **João Goulart Atento à Situação Internacional.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 3.
- O GLOBO. **O Primeiro-Ministro Afirmou que o Brasil Defenderá para Cuba o Direito a Experiências.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 5
- O GLOBO. **A BBC Transmitiu as Fotos das Bases Soviéticas em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **A Rússia Deseja Negociações para Afastar o Perigo de Guerra.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **A Situação Cubana Preocupa os Delegados ao Concílio.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.



- O GLOBO. **Apoio Maciço da OEA ao Bloqueio Naval de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Castro Não Permitirá Investigação em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Cuba se Opõe ao Envio de Observadores da ONU ao Seu Território.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Nota Oficial Define a Posição do Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Repercutem na Europa as Declarações de Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Rusk Denuncia na OEA o Conluio Russo-Cubano.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Tôda a América Latina Apóia a Decisão dos Estados Unidos.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **A União Soviética diz na ONU que Não Enviou Armas Ofensivas para Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Inalterados os Planos para a Visita de Kennedy ao Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Moscou Afirma que o Bloqueio de Cuba é um Ato de Pirataria.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Navios Russos Avançam para a Zona do Bloqueio.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Prontidão nas Fôrças Armadas Russas e do Pacto de Varsóvia.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Cariocas Aprovam o Bloqueio de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 14.
- O GLOBO. **Comício Pró-Cuba em São Paulo Degenera em Conflito.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 14.
- O GLOBO. **Intensificadas as Medidas de Mobilização em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 14.
- O GLOBO. **Centenas de Exilados Cubanos Alistam-se nas Fôrças dos EUA.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 16.
- O GLOBO. **Eisenhower Apóia a Decisão de Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 16.

O GLOBO. **Pena Marinho Chamado ao Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 24 de Outubro de 1962, 16.

## **25 de Outubro**

O GLOBO. **A Hora da Decisão.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **A Posição do Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **A Posição do Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Bombardeiros Russos a Caminho de Havana.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Denúncia dos EUA na Conferência Interparlamentar: Os Foguetes Cubanos Podem Atingir o Brasil e o Canadá.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Nenhuma Interceptação no Primeiro Dia de Bloqueio.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Possível Ação Militar Contra Cuba se não Forem Desmontadas as Bases.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Telegrama de Lacerda a Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Comunistas Provocam Atritos em Pôrto Alegre e no Recife.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **Goulart: O Brasil Tudo Fará para que os Povos se Entendam.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **Lincoln Gordon Confirmou a Visita de John Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **O Papa fêz Nôvo Apêlo em favor da Paz Mundial.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **O Uruguai Resolve Apoiar o Bloqueio.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **Reuniu-se Secretamente o Conselho da OTAN.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **Os Foguetes Cubanos Podem Atingir o Brasil e o Canadá.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 5.

- O GLOBO. **“Flashes” da Conferência.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 5.
- O GLOBO. **Reuniram-se no Itamarati Altos Chefes das Três Armas.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 5.
- O GLOBO. **A Crise Cubana Provoca Manifestações na Europa.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Apoio da Indústria Paulista ao Conselho da OEA.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Avião Cubano Revistado no Canadá.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Comerciantes vão acampar no Alvorada à Chegada de Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Notícias da Capital, 6.
- O GLOBO. **Kennedy Mantém Porta Aberta para uma Solução da Crise.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Khruchtchev Lançou-se à Aventura em Cuba para pôr Prova os EUA, Diz MacMillan.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Khruchtchev Propõe uma Reunião de Cúpula para Resolver a Crise de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Nôvo e Dramático Apêlo do Papa pela Paz Mundial.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Total Apoio do Governo de Gaulle a Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Manifestação Pública Contra o Perigo das Armas Russas em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 7.
- O GLOBO. **A Crise Cubana Examinada na Comissão Britânica de Defesa.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **A União Soviética Rejeitou e Devolveu aos EUA a Nota Sobre o Bloqueio de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Advertência da Grã-Bretanha na ONU: As Bases de Cuba são uma Ameaça a Todo o Hemisfério.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Apêlo de U-Thant aos EUA e à URSS em Favor da Paz Mundial.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

- O GLOBO. **Em Carta a Kennedy, Khruchtchev Reitera a Posição Soviética.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **O Povo Norte-Americano Apóia a Quarentena.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Os EUA Não Abrirão Mão de suas Bases.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Os Líderes do Congresso dos EUA Regressam a seus Estados.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Zonas Perigosas à Navegação nas Antilhas.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **A Casa Branca Pedre Discrição à Imprensa.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 9.
- O GLOBO. **O Exército Cubano tem Mais de 300.000 Homens Sob As Ordens de Generais Russos.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 9.
- O GLOBO. **Senadores Afirmam que com o Bloqueio os EUA Preservam a Vida de Todos Nós.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, Legislativo em Ação, 11.
- O GLOBO. **Nenhuma Interceptação no Primeiro Dia do Bloqueio.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 12.
- O GLOBO. **Querem Participar do Bloqueio 8 Países Latino-Americanos.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 12.
- O GLOBO. **Aprensão de Revistas Subversivas em São Paulo.** O Globo. Rio de Janeiro. 25 de Outubro de 1962, 13.
- 26 de Outubro**
- O GLOBO. **A Prova do Crime.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Eis as Provas.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Faltava Alguma Coisa na Pecinha da UNE.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **Ilmar Pena Marinho, o Meu Voto foi a Favor do Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, Capa.
- O GLOBO. **A Posição do Comitê de Autodeterminação no Caso de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 2.

- O GLOBO. **Brizzola Ameaça a Unidade da Campanha dos Presidencialistas.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 2.
- O GLOBO. **Pronta a Carta de Goulart a Kennedy Sobre o Bloqueio.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 2.
- O GLOBO. **Bloqueio de Cuba e Conflito Indo-Chinês Empolgam 51ª Reunião interparlamentar.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 3.
- O GLOBO. **Pregação Comunista no Comício da UNE.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 3.
- O GLOBO. **A Mais Potente Prova Nuclear a Grande Altura dos EUA.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Castro tem de 30 a 40 Foguetes Prontos para Disparar.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Kennedy Comunicou a Goulart o Adiamento de sua Visita.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Materiais Soviéticos para Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Os Advogados Brasileiros Apoiam o Bloqueio a Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 6.
- O GLOBO. **Família Estoniana Conta o Drama da Vida na URSS.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 7.
- O GLOBO. **Atentado a Bomba Contra Banco dos EUA em Caracas.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Exibidas na ONU Fotografias das Bases Cubanas.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Integral Apoio Britânico à Posição dos Estados Unidos.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Interceptado Sem Incidentes o Primeiro Navio Soviético.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Khruchtchev Concordou com a Proposta de Trégua de U-Thant.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Os Cubanos Mobilizam-se Esperando uma Invasão.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.
- O GLOBO. **Repercute em Todo o Mundo a Crise Cubana .** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Nôvo Encontro do Embaixador dos Estados Unidos com o Presidente.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 9.

O GLOBO. **Apêlo do Papa aos Governantes Contra os Horrores da Guerra.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 11.

O GLOBO. **Apoio do Canadá.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 11.

O GLOBO. **Atentados “Molotov” em Buenos Aires.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 11.

O GLOBO. **Bloqueio e Ameaças.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 11.

O GLOBO. **Novas Tentativas de U-Thant.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 11.

O GLOBO. **O Embaixador de Cuba Vê com Bons Olhos a Possível Mediação do Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 11.

O GLOBO. **Os EUA Só negociarão com o Desmonte das Bases Russas.** O Globo. Rio de Janeiro. 26 de Outubro de 1962, 11.

### **27 de Outubro**

O GLOBO. **As Bases de Teleguiados em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Possível Existência de Ogivas Nucleares em Território Cubano.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **A Indústria Pede ao Presidente Maior Apoio ao Bloqueio de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Complacência com os Agitadores; Rigor com os Democratas.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Neutralismo Pago com Sangue.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Intrigas no Exército.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Não Ia para Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Aplausos a O GLOBO e às Declarações de Seu Diretor à Imprensa Norte-Americana.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **Apoio Unânime da SIP ao Bloqueio de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 2.

- O GLOBO. **Pena Marinho Falou com Goulart Antes de Votar na OEA.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 2.
- O GLOBO. **As Tendências do Povo não Podem ser Representadas pelo Alarido Comunista.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 3.
- O GLOBO. **Manobras Comunistas no Congresso da AMES.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 3.
- O GLOBO. **O Desafio à Paz no Hemifério Fêz Kennedy Adiar sua Visita ao Brasil.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 3.
- O GLOBO. **A Conferência Interparlamentar Aprova um Apêlo em favor da Paz.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 4.
- O GLOBO. **Danilo Nunes: O Govêrno não tem Coragem de Confirmar o Voto na OEA.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 4.
- O GLOBO. **A URSS e os EUA Aceitam o Apêlo de Trégua de U Thant.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 7.
- O GLOBO. **As Mulheres Paulistas Querem um Pronunciamento Decisivo do Governo Sobre a Crise Cubana.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 7.
- O GLOBO. **Ferrari quer uma Declaração do Govêrno Sôbre a Crise Cubana.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 7.
- O GLOBO. **Goulart Não Pediu a Kennedy Garantias Contra a Invasão de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 7.
- O GLOBO. **Khruchtchev Ainda Pensa Ir Aos EUA.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 7.
- O GLOBO. **Satisfeitos os EUA com a Ajuda da América Latina.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, 7.
- O GLOBO. **60 Milhões de Abrigos Antiatômicos nos EUA.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.
- O GLOBO. **Adenauer Assegura a Kennedy Todo o Apoio do Povo Alemão.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.
- O GLOBO. **Continua Repercutindo no Mundo a Crise Antilhana.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.
- O GLOBO. **Diz J. Mora que o Desmonte Das Bases é Ponto Pacífico.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Interceptado e Inspeccionado Cargueiro a Caminho de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **MacMillan Cancelou Planos para o Fim de Semana.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Malinovski Diz que a URSS Está Preparada para Lançar Ataques Contra o Ocidente.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Nova Explosão Nuclear.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Nova Mensagem de Bertrand Russel a Khruchtchev.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

O GLOBO. **Os EUA Estudam Novas Medidas para Eliminar a Ameaça dos Foguetes.** O Globo. Rio de Janeiro. 27 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 12.

## **29 de Outubro**

O GLOBO. **A Crise Cubana Causa Conflito em La Paz.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Em que Deu a “Autodeterminação” do Povo Cubano: Confissão de que é em Moscou que se Decidem os Atos da Soberania de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Os EUA Querem Ação Rápida no Desmonte das Bases Ofensivas.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, Capa.

O GLOBO. **Salve, Kennedy.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, Capa.

GUDIN, Eugênio. **A “Experiência Cubana”.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **Os Democratas Impedem Manobras Comunistas no Congresso da Ames.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 2.

O GLOBO. **Padilha: A OEA Está Obrigada a Desmantelar as Bases de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 4.

O GLOBO. **A Europa Aclama a Vitória de Kennedy na Porfia com a URSS.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **Fidel Castro dá o Sinal para uma Campanha de Terror na América Latina.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 6.



O GLOBO. **Fidel Exige a Evacuação de Guantánamo e o Fim do Bloqueio.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **Hermes Lima: A Decisão da URSS Contribuiu para Evitar a Guerra.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **Os EUA Exigem Também que os Bombardeiros Russos Sejam Retirados de Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 6.

O GLOBO. **Alívio Mundial Ante a Nova Situação das Antilhas.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 7.

O GLOBO. **Kennedy Responde a Khruchtchev.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Os EUA Fornecerão Salvo-Conduitos aos Navios que se Dirijam para Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Repercute no Mundo o Decréscimo da Perigosa Tensão nas Antilhas.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Serão Desmontadas as Bases de Foguetes Russos em Cuba.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, O Globo em Foco, 8.

O GLOBO. **Contrariando a Opinião de Khruchtchev, o “Pravda” Chama Kennedy de Hipócrita.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 20.

O GLOBO. **Os EUA Possuem 30 Bases de Foguetes na Turquia.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 20.

O GLOBO. **Um Grande Passo para a Paz a Decisão de Khruchtchev.** O Globo. Rio de Janeiro. 29 de Outubro de 1962, 20.

## 2013

### 1 de Abril

INFOGLOBO. **A Ameaça que virou piada.** O Globo. Rio de Janeiro. 1 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 21.

INFOGLOBO. **As Armas de Kim Jong-Un.** O Globo. Rio de Janeiro. 1 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 21.

INFOGLOBO. **Papa Clama por Paz na Síria e nas Coreias.** O Globo. Rio de Janeiro. 1 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 22.

**2 de Abril**

INFOGLOBO. **Ataques do Norte Terão Resposta Imediata, diz Seul.** O Globo. Rio de Janeiro. 2 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 25.

**3 de Abril**

ATLAS, Terry. **Um Ditador em Teste.** O Globo. Rio de Janeiro. 3 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 34.

INFOGLOBO. **Coreia do Norte Anuncia Expansão do Arsenal Nuclear.** O Globo. Rio de Janeiro. 3 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 34.

**4 de Abril**

INFOGLOBO. **Coreia do Norte Barra Vizinhos em Indústria Conjunta.** O Globo. Rio de Janeiro. 4 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 35.

SARMENTO, Claudia. **Inexperiência no *Front*.** O Globo. Rio de Janeiro. 4 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 35.

**5 de Abril**

INFOGLOBO. **É Preciso Firmeza com a Coreia do Norte.** O Globo. Rio de Janeiro. 5 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Opinião. 20.

INFOGLOBO. **Coreia do Norte Posiciona Míssil na Costa Leste.** O Globo. Rio de Janeiro. 5 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 31

**6 de Abril**

ALENCASTRO, Catarina. **Brasil também é alertado mas Mantém Embaixada Aberta.** O Globo. Rio de Janeiro. 6 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 31.

BARBOSA, Bernardo. **Tensão com Data Marcada.** O Globo. Rio de Janeiro. 6 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 31.

**7 de Abril**

SARMENTO, Claudia. **Coreia do Norte faz Japoneses Repensarem Carta Pacifista.** O Globo. Rio de Janeiro. 7 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 52.

**8 de Abril**

OLIVEIRA, Eliane. **Embaixador Brasileiro Não Crê em Guerra.** O Globo. Rio de Janeiro. 8 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 22.

PERLEZ, Jane; SANG-HUN, Choe. **Aliada da Coreia do Norte, China faz Críticas ao País.** O Globo. Rio de Janeiro. 8 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 22.

#### **9 de Abril**

INFOGLOBO. **Coreia do Norte Fecha Complexo Industrial de 53 mil Funcionários.** O Globo. Rio de Janeiro. 9 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 30.

#### **10 de Abril**

INFOGLOBO. **A Espera do Imprevisível.** O Globo. Rio de Janeiro. 10 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 27.

SARMENTO, Claudia. **Baterias Antimísseis no centro de Tóquio.** O Globo. Rio de Janeiro. 10 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 27.

INFOGLOBO. **Tensão na Península.** O Globo. Rio de Janeiro. 10 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 27.

#### **11 de Abril**

INFOGLOBO. **Coreia do Sul e EUA elevam Estado de Alerta de suas Forças.** O Globo. Rio de Janeiro. 11 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 28.

#### **12 de Abril**

BARBOSA, Bernardo. **Míssil Nuclear ao Alcance.** O Globo. Rio de Janeiro. 12 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 31.

GAO, Helen. **Na China, Sinais de Perda de Paciência.** O Globo. Rio de Janeiro. 12 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 31.

#### **13 de Abril**

INFOGLOBO. **Kerry Reforça Pressão para que China Contenha Coreia do Norte.** O Globo. Rio de Janeiro. 13 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 36.

#### **14 de Abril**

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. **Estrategistas.** O Globo. Rio de Janeiro. 14 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Veríssimo. 23.

GORDON, Michael. **Kerry Acena com Redução de Defesa Antimísseis dos EUA.** O Globo. Rio de Janeiro. 14 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 52.

INFOGLOBO. **Kerry Insta Chineses a Pressionarem Aliado.** O Globo. Rio de Janeiro. 14 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 52.

SARMENTO, Claudia. **Ameaças Fortalecem a Autoridade de Kim Jong-Un.** O Globo. Rio de Janeiro. 14 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 52.

#### **15 de Abril**

INFOGLOBO. **BBC Criticada por Viagem Clandestina.** O Globo. Rio de Janeiro. 15 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 26.

INFOGLOBO. **Kerry Propõe Diálogo em Troca de Desarme.** O Globo. Rio de Janeiro. 15 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 26.

#### **16 de Abril**

INFOGLOBO. **O Trauma de Volta aos Estados Unidos.** O Globo. Rio de Janeiro. 16 de Abril de 2013. Primeiro Caderno. Seção Mundo. 24.